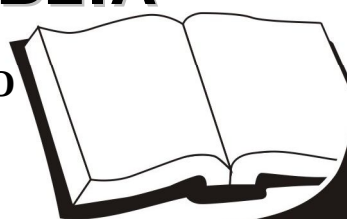


LEIA E COMPREENDA MELHOR A BÍBLIA

PEDRO APOLINÁRIO



ESTUDO DE ALGUMAS PASSAGENS DIFÍCEIS

"Que os ignorantes e os fracos na fé explicam de maneira errada para a sua própria perdição".

II Pedro 3:16

Instituto Adventista de Ensino

Agosto de 1985

2ª Edição Ampliada

ÍNDICE

1. Conceitos e Sugestões Úteis para Explicar e Compreender a Bíblia	4
2. Um Verso Difícil de se Traduzir – Gên. 4:7	15
3. Quem foi Melquisedeque?	18
4. A Filha de Jefté – Juízes 11:29-40	23
5. Saul e a Pitonisa de En-Dor – I Samuel 28:7-25	27
6. Uma Tradução Distorcida – Jó 26:5	31
7. Exegese de Isaías 7:14	37
8. Cria Deus o Mal? – Isaías 45:7	45
9. Explicação de Isaías 65:20	48
10. O Casamento de José com Maria – Mateus 1:18	53
11. Os Irmãos de Jesus – A Virgindade de Maria	55
12. Cumprir a Lei – Mateus 5:17	59
13. Perfeição – Mateus 5:48	61
14. O Pecado Contra o Espírito Santo	64
15. Confissão Auricular e Perdão de Pecados	68
16. Qual o Significado de Sábado Segundo-Primeiro de Lucas 6:1?	72
17. Defende Paulo a Justificação pelas Obras em Romanos 2:13?	74
18. Exegese de Romanos 5:13 e 14	79
19. O Purgatório – I Cor. 3:13	82
20. O Uso do Véu pelas Mulheres – I Cor. 11:5	87
21. A que Sábado se Refere Paulo em Colossenses 2:16?	90
22. Somos nós Tricotomistas ou Dicotomistas?	96
23. É Impossível o Arrependimento de Acordo com Hebreus 6:6?	101
24. Almas Debaixo do Altar – Apoc. 6:9	105
25. Uma Intrigante Pergunta: Quem São os 144.000?	107
26. Passagens Aparentemente Conflitantes	112
27. Os Dois Concertos	123
28. Pode Provar-se a Predestinação Por Atos 13:48?	126
29. Espíritos Malignos e Mentirosos Podem Provir de Deus? – I Sam. 18:10 – I Reis 22:19-20	129
30. Manda a Bíblia Odiar os Parentes? – Lucas 14:26	132
31. Mulheres Caladas na Igreja – I Cor. 14:34 e 35	135
32. Que Tratamento Dispensava Jesus a Maria? – João 2:4	147
33. Qual a Melhor Tradução para João 5:39?	149
34. As Enigmáticas Palavras "Gogue" e "Magogue"	153
35. Ofereceram a Jesus Vinho ou Vinagre? – Mat. 27:4	163
36. Tentação e Pecado	165
37. Pecado Para Morte e Pecado Não Para Morte – I João 5:16	174
38. Alimento de João Batista – Mat. 3:4; Mar. 1:6	180

39. A Parábola do Rico e Lázaro – Lucas 16:19-31	184
40. Estudo Sobre o Salmo 119	194
41. O Fogo Eterno de Mateus 25:41	198
42. A Glória de Deus	209

CONCEITOS E SUGESTÕES ÚTEIS PARA EXPLICAR E COMPREENDER A BÍBLIA

A tarefa de explicar a Bíblia é difícil pelas seguintes circunstâncias:

- a) Muitos foram seus autores.
- b) O tempo da sua composição compreende um período de 1.600 anos.
- c) Seus livros foram compostos em lugares inteiramente diversos.
- d) Os costumes daquelas pessoas eram totalmente diferentes dos do mundo moderno.
- e) O cunho das línguas hebraica e grega é bem diferente das línguas modernas.

Regras de Interpretação

1º) O texto bíblico deve ser explicado gramaticalmente, tendo em vista a significação das palavras; observando que há palavras que possuem significados diferentes em contextos diferentes.

Um exemplo frisante é carne, que significa, algumas vezes, o que é terno e dócil, como em Ezeq. 11:19: "Dar-lhe-ei um coração de carne", em oposição a um coração de pedra. Significa também a natureza humana sem referência alguma ao estado pecaminoso, como em S. João 1:14, Rom. 1:3; 9:3; porém, mais comumente ainda se refere à natureza humana, corrupta e pecadora como, em Rom. 8:5; Efés. 2:3. Tem, além disso, a significação daquilo que, religiosamente falando, é exterior e cerimonial, como distinto do que é interior e espiritual, o que se pode ver em Gál. 6:12 e 3:3.

Em Rom. 11:14 (RC) – "incitar à emulação os da minha carne", significa – minha raça, meu povo. João 1:14 – "o verbo se fez carne" = Deus se tornou um ser humano.

Outra palavra importante por possuir muitas significações é sangue.

As passagens seguintes confirmam suas diferenças:

Mat. 27:25 – "Caia sobre nós o seu sangue", significa – a culpa de o terem sentenciado à morte caia sobre nós.

Rom. 5:9 – "... sendo justificados pelo seu sangue", tem o sentido da sua obediência até a morte.

Heb. 9:14 – "... o sangue de Cristo purificará a nossa consciência das obras mortas", isto é, o seu sacrifício é o fundamento da justificação e o instrumento e o motivo da santificação.

2º) A segunda regra de interpretação muito útil é conhecer o objetivo de certos livros serem escritos e também específicos capítulos.

Por exemplo, Gálatas foi escrito porque membros da Galácia influenciados por mestres judaizantes pensavam em ser justificados guardando a lei e requisitos dos judaizantes. (Gál. 2:16; 3:1-6)

Tiago – o objetivo do autor é provar que ninguém pode ser justificado por uma fé passiva, uma fé que não produza boas obras.

Certas parábolas apenas serão compreendidas levando em consideração as circunstâncias em que foram proferidas, como exemplo a do Rico e Lázaro.

3º) A terceira regra exegética da Bíblia é comparar a Escritura com a Escritura.

Se este princípio fosse sempre seguido muitos erros seriam evitados. Um exemplo bastante frisante neste aspecto é S. Mateus 16:18 - "tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha igreja".

Comparando esta passagem com I Cor. 3:11, tudo começa a se esclarecer, porque Paulo diz que o único fundamento da igreja é Cristo. Outra passagem incisiva para provar quem era a pedra sobre a qual a igreja seria edificada é do próprio Pedro na sua primeira epístola, capítulo 2:4 a 8.

Este princípio hermenêutico é também denominado de consulta às passagens paralelas, isto é, aquelas que tratam do mesmo assunto. Dentre os muitos exemplos bíblicos, que podem ser citados de passagens paralelas, o primeiro que me veio à mente foi Lucas 16:16. A passagem paralela muito mais clara em explicar o que Lucas queria dizer é S. Mateus 11:13. "Porque todos os profetas e a lei profetizaram até João".

Como segundo exemplo elucidativo pode se ver Atos 2:21. Neste verso Pedro declarou: "todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo". Parece haver uma contradição com Mateus 7:21. "Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor entrará no reino dos céus".

Que significa invocar o nome do Senhor? A leitura das passagens paralelas de Rom. 10:13 a 15 é I Cor. 1:2, citação do profeta Joel (2:32) nos informa que significa a aceitação da obra do Messias e ter confiança nas doutrinas que Ele revelou.

Muitas passagens das Escrituras têm de ser explicadas pondo-as em relação, não com um ou mais textos, mas com as normas gerais da Palavra de Deus.

Por exemplo – Se alguém quiser interpretar as passagens da Bíblia, que se referem à justificação pela fé, como se elas nos desobrigassem de obedecer à lei e de levar uma vida de santidade, tal interpretação deve ser rejeitada, porque é contrária ao espírito do evangelho.

Uma passagem sempre citada para esposar idéias não defensáveis pela Bíblia é Prov. 16:4 – "O Senhor fez todas as cousas para determinados fins, e até o perverso para o dia da calamidade". Uma interpretação deste texto isoladamente parece indicar que os ímpios foram criados para poderem ser condenados, mas esta idéia não se conforma com muitas outras passagens da Bíblia. Basta ler Salmo 145:9 e II Pedro 3:9. O significado portanto de Prov. 16:4 é este: todo mal contribui para a glória de Deus e promove a realização dos seus insondáveis desígnios.

O sentido geral das Escrituras, foi denominado por teólogos antigos, como Orígenes de "a analogia da fé", pela interpretação que davam a Romanos 12:6 onde está a palavra                                           

dos sinônimos. Sendo que muitos destes aspectos ficam velados nas traduções, a leitura do verso no hebraico e no grego poderá captar o seu verdadeiro sentido.

Particularidades idiomáticas

Certas peculiaridades do original são mantidas nas traduções, dificultando assim a compreensão do verdadeiro sentido.

Os seguintes exemplos são primordiais:

a) Romanos 12:20 - "Se o teu inimigo tiver fome, dá-lhe de comer; se tiver sede, dá-lhe de beber porque, fazendo isto, amontoarás brasas vivas sobre a sua cabeça". Amontoar brasa viva sobre a cabeça de alguém, é uma expressão idiomática hebraica, com o sentido de fazer com que a pessoa fique envergonhada do seu procedimento.

b) Mateus 6:3 - "Mas, quando tu deres esmola, não saiba a tua mão esquerda o que faz a tua direita". Este idiotismo assim deveria ser traduzido: quando deres esmola, não debes contar o que fizeste nem mesmo ao mais íntimo amigo.

Sistema Verbal Hebraico e Grego

A compreensão destas línguas, quanto ao verbo, é muito útil na explicação de passagens difíceis.

No hebraico há o intensivo e o causativo.

Intensivo – Piel e Pual

Causativo - Hifil e Hofal

Hifil é causativo, mas também é permissivo. Em Êxodo 7:3 se diz que Deus endureceu o coração de Faraó. Moisés pergunta em Êxodo 5: 22 - "Ó Senhor, por que afligiste este povo?" Há nestas duas passagens um idiotismo hebraico, o verbo usado não para expressar a execução de algo, mas a permissão para fazer isso.

Não é possível alguém fazer uma exegese correta, se desconhecer alguns princípios do sistema verbal grego, como o "aspecto", que é a duração da ação verbal. O aspecto linear nos ajuda a explicar I João 3:9.

O uso da voz média nos indica em Atos 9:39 que as mulheres estavam usando as vestes naquele momento.

Alguns hebraísmos

Os judeus, muitas vezes, exprimiam o sentido de qualidade, usando não o adjetivo mas um segundo nome, tendência também seguida no grego hebraizado do Novo Testamento.

I Tess. 1:3 – "a obra da vossa fé" = a vossa obra fiel.

Efés. 1:13 – "o Santo Espírito da promessa", logo se percebe que significa – o Espírito Santo prometido.

É um hebraísmo comum na Bíblia chamar a uma pessoa que tinha uma qualidade ou era inclinada a certo mal, o filho dessa qualidade ou desse mal.

Luc.10: 6 – "filho da paz" = pessoa pacífica.

Efés. 5: 6 – "filhos da desobediência" = filhos desobedientes.

Por respeito e consideração os hebreus evitam o uso excessivo do nome de Deus, por isso em vez de usarem a expressão "reino de Deus" eles a substituíam por "reino dos céus".

É um hebraísmo, usar no plural nomes designativos de coisas grandes e suntuosas, como o céu e o mar. Daí ser comum na Bíblia o emprego de "céus" em lugar de "céu".

A linguagem humana é muito imperfeita para transmitir conceitos divinos. Não existe nenhuma língua perfeita que possa transmitir precisamente pela palavra o pensamento exato. Neste sentido a língua grega leva vantagens sobre todas as línguas modernas. Alguém já disse com muita presteza ser a língua portuguesa "o túmulo do pensamento". Concorda você com esta assertiva?

Não é possível numa tradução reproduzir variantes de pensamento que se encontram em uma única palavra hebraica e grega. Os exemplos poderiam ser citados às centenas confirmando esta verdade, mas limitemo-nos a estes bem elucidativos.

A mesma palavra hebraica significa abençoar e amaldiçoar, o mesmo acontecendo com ligar e separar, afligir e honrar, conhecer e desconhecer, emprestar e tomar emprestado, matar e curar. Em oposição a esta pobreza vocabular, o hebraico por vezes é rico em outros aspectos, apresentando subtilezas difíceis de serem expressas em outras línguas; por exemplo: há três palavras para janela no relato do dilúvio; três traduzidas por bolsa na história dos irmãos de José no Egito; três traduzidas por fermento no relato da páscoa; três para navio no primeiro capítulo de Jonas; cinco traduzidas por leão em apenas dois versos de Jó (4:10 e 11); dez palavras para lei no Salmo 119. Estes exemplos são suficientes para comprovarem a quase impossibilidade de comunicar em uma tradução todas as sombras de pensamento encontradas na língua hebraica.

Existem palavras tanto no hebraico quanto no grego difíceis de serem traduzidas por terem muitos significados, ou por não termos nenhuma palavra que transmita o seu significado original.

Hesed - afirmam os estudiosos ser a palavra mais difícil de ser traduzida do hebraico porque não temos nenhuma com o seu significado. Tem sido traduzida por graça, amor, misericórdia, compaixão, tolerância, clemência, favor, bondade etc., etc.

Logos é o melhor exemplo do grego, de uma palavra com muitos significados, são mais ou menos uns 15.

João 1:1 - verbo

João 21:23 - dito, notícia

Atos 1:1 - livro, tratado

I Cor. 2:1 - expressão, declaração

O tradutor ao deparar com um termo como este, precisa escolher uma palavra que transmita mais exatamente o pensamento do escrito original.

Doxa, normalmente traduzida por glória, nem de longe expressa a idéia do original. Significa em grego o caráter de Deus, ou o conjunto dos atributos divinos.

O expositor das verdades bíblicas precisa estar bem consciente deste fato: muitas palavras tinham um significado no hebraico e grego secular, mas adquiriram no

contexto bíblico outro significado, às vezes totalmente diferente. Uma extensa e interessante monografia poderia ser escrita sobre este assunto. Pensemos nos seguintes exemplos: batizar, fé, graça, justificar, expiar, mundo, conversão, salvar, apóstolo.

O Problema das Variantes nos Manuscritos

Chama-se variante a maneira diferente da mesma passagem se apresentar nos manuscritos ou nas traduções. Infelizmente não temos nenhum autógrafo ou manuscrito original da Bíblia. Possuímos apenas cópias de cópias.

Na maioria das passagens da Bíblia existe perfeito acordo, mas em outras surgem dificuldades de correntes da obscuridade dos caracteres originais ou de dificuldades gramaticais dessas línguas, acrescentando-se ainda algumas mudanças de um ou outro copista, de que resultam variações textuais. Um dos trabalhos da Crítica Textual é estudar essas variações e determinar o que teria escrito o autor bíblico.

Uma verdade deve ser conhecida: nenhuma doutrina bíblica foi afetada por mudanças no seu texto. Um dos maiores expoentes em Arqueologia Bíblica e Crítica Textual Frederico Kenyon afirma:

"Nenhuma doutrina fundamental da fé cristã repousa num texto em disputa.... O cristão deve tomar a Bíblia em suas mãos e afirmar, sem hesitação, que ele está segurando a verdadeira Palavra de Deus, transmitida, de geração em geração através dos séculos sem nenhuma essencial". *Our Bible and the Ancient Manuscripts*, pág. 23.

Linguagem Figurada

Pelo seu amplo uso merece estudo aprofundado. Por não ter sido bem compreendida, muitos erros de interpretação têm aparecido.

Joseph Angus, em *História Doutrina e Interpretação da Bíblia* cita muitos exemplos, como este da página 169: "Diz-se, no Salmo 18:11, que "Deus fez das trevas o seu lugar oculto" e em I Tim. 6:16, que "Deus habita na luz". No primeiro caso, as trevas significam inescrutabilidade, e, no segundo, a luz significa pureza, inteligência ou honra".

A boa compreensão das alegorias, símbolos, tipos, metáforas, parábolas bíblicas é fator indispensável na exposição das verdades escriturísticas.

É princípio fundamental na exegese bíblica que nenhuma parábola ou alegoria deve ser tomada como base ou prova de doutrina. As parábolas nos foram dadas para ilustrar ou confirmar verdades e não para ensinar doutrinas. Ver H D I B de Angus. *Leis da Linguagem Figurada*, pág. 172.

Cântico dos Cânticos é considerado por muitos comentaristas como uma extensa alegoria representando a afeição espiritual de Cristo para com a Sua Igreja.

É fato conhecido dos intérpretes bíblicos que as parábolas e muitos outros escritos figurados jamais devem ser tomados no sentido literal. Se alguém usar tal processo violentará o que o autor almejava transmitir. As metáforas devem ser entendidas metaforicamente.

É sempre útil ter em mente o que declarou W. Arndt no livro *Dificuldades Bíblicas*, pág. 14:

"Muitas vezes não é fácil traçar a linha divisória entre as duas espécies de linguagem. Também neste caso recomendamos ao leitor da Bíblia humildade e oração, assim que gradualmente possa desenvolver conhecimento e entendimento".

"Outro princípio capital da interpretação da Escritura assim pode enunciar-se: as passagens obscuras e figurativas devem ser interpretadas por meio daquelas que são claras e desprovidas de sentido metafórico".

Um Bom Conselho

A pesquisa, para o esclarecimento de qualquer verso da Bíblia, deve ser feita com humildade e não com pretensões à infalibilidade.

Esta recomendação inspirada é oportuna:

"Irmãos, cumpre-nos cavar fundo na mina da verdade. Podeis examinar o assunto a sós ou em consulta recíproca, unicamente se o fizerdes num espírito sincero. Demasiadas vezes, porém, o eu é grande, e logo que se inicia a investigação, manifesta-se um espírito não cristão. Exatamente nisto se deleita Satanás, mas devemos ter um coração humilde para conhecer, por nos mesmos, o que é a verdade". *Counsel to Writers and Editors*, pág. 41.

Pensamentos Esparsos

1º) O conhecimento dos costumes antigos, da índole das línguas hebraica e grega, dos escritos de autores contemporâneos da Bíblia, da história, arqueologia, etnologia facilitam a exegese dos trechos mais obscuros da Escritura, evitando-se assim graves enganos e erros na interpretação. .

2º) É útil na interpretação de um texto, ter em mente, certas regras simples, que se aplicam à compreensão de qualquer texto bíblico. Uma delas é lembrarmo-nos do tempo e das circunstâncias em que foi escrita uma declaração.

3º) Os Adventistas do Sétimo Dia sustentam a posição protestante de que a Bíblia e somente a Bíblia é a regra única de fé e prática para os cristãos.

4º) Para a formação de idéias equilibradas sobre uma verdade bíblica, é preciso atentar para tudo o que os diversos autores inspirados disseram sobre o assunto.

Exemplo: Como somos salvos?

Idéias extremistas e fanáticas surgem quando alguém defende uma doutrina baseado numa só passagem.

5º) As aparentes contradições da Bíblia podem ser resolvidas com um estudo aprimorado de alguns princípios exegéticos, como: atentar bem para o contexto, a analogia da fé, estudar as passagens paralelas; consultando ainda uma concordância bíblica e um comentário digno de confiança, como o SDABC.

6º) Há duas espécies de passagens difíceis na Bíblia, algumas podem ser aclaradas com o trabalho consciencioso dos estudiosos, outras jamais serão esclarecidas aqui.

As palavras de Pascal são oportunas:

"O último passo da razão é saber que há uma infinidade de coisas que ela não pode atingir. Resolvam-se todas as questões, expliquem-se todas as palavras da Bíblia, e

ficarão ainda as maiores dificuldades para a prova da nossa fé: a origem do mal, o mistério da divina presciência e da livre ação, e muito ainda sobre o plano da redenção".

7º) Só devemos esperar encontrar nas Escrituras Sagradas o que sob o ponto de vista religioso nos importa conhecer.

Tudo o que foi revelado deve-se estudar, o que não foi considere-se como não essencial ao plano da salvação.

8º) "Não pode haver conflito entre a ciência e a religião. A Bíblia é autoridade absoluta e decisiva no domínio da verdade religiosa, mas não pretende ser a respeito de fatos e princípios científicos". Angus - *História, Doutrina e Interpretação da Bíblia*, pág. 109.

9ª) A Bíblia é, em essência, uma revelação graduada e progressiva do plano de Deus em salvar o homem. Revela em toda a parte o mesmo Deus, santo, sábio e bom, fala dos seus desígnios no governo do mundo, e do resultado final da presente luta entre o bem e o mal.

10º) É um fato bastante conhecido, que muitas palavras mudam o seu significado com o passar dos anos; portanto, provas baseadas no significado de uma palavra têm que levar em consideração o seu sentido quando o autor bíblico a empregou.

11º) Dentre tantos comentaristas bíblicos notáveis, como Orígenes, Crisóstomo, Jerônimo, Lutero, Adão Clarke, Strong, Barnes, Vincent a quem devemos seguir? A única resposta segura seria esta: nenhuma interpretação da Escritura por uma pessoa, embora culta e bem intencionada deveria ser considerada como infalível.

12º) A Igreja Católica estabeleceu no Concílio de Trento um plano ou base de doutrina, de acordo com o qual toda a Escritura devia ser interpretada, mas apesar disso ela nunca publicou um comentário infalível que pudesse explicar as passagens difíceis da Escritura.

13º) "Há realmente passagens e frases cujo sentido é obscuro. Esta obscuridade é, em muitos casos, devida à nossa ignorância de algum fato especial que esclareça o assunto, e a respeito do sentido exato das palavras". *História Doutrina e Interpretação da Bíblia*, pág. 203.

14º) Sendo a Santa Bíblia a Palavra de Deus, ela não deve ser interpretada de modo arbitrário e particular. As Escrituras estão baseadas em princípios claros e firmes, por isso Jesus declarou: "a Escritura não pode falhar". S. João 10:35.

15º) É princípio fundamental da exegese que as Escrituras são seu próprio intérprete. Cristo o aplicou quando repreendeu o diabo por interpretar mal um texto da Bíblia (Mat. 4:6 e 7).

UM VERSO DIFÍCIL DE SE TRADUZIR – GÊNESIS 4:7

"A mensagem da Bíblia expressa-se em linguagem oriental. No seu modo de viver e pensar, o oriental é diametralmente oposto ao homem do ocidente fato este que constitui grande barreira à compreensão e interpretação de muitos trechos das Escrituras". Edith A. Allen

Há versículos na Bíblia, diante dos quais, os tradutores ficam perplexos, porque se sentem incapazes de transmitir com clareza a mensagem neles contida. Um verso que bem ilustra estas dificuldades é Gênesis 4:7. Os problemas que ele apresenta são de tal vulto, que notáveis comentaristas modernos crêem que algum copista tenha modificado o texto hebraico original. O Novo Comentário da Bíblia editado por Russell P. Schedd, declara: "O hebraico, neste texto, é tremendamente difícil".

No hebraico está literalmente: Não é que, se ages bem, elevação, e se não ages bem, à tua porta o pecado (fem.) dormindo (masc.) e para ti sua (masc.) cobiça e tu o dominarás.

Em virtude do seu gênero, os pronomes hebraicos para "seu" e "ele" não podem pertencer ao pecado à espreita, mas sim, precisam ser tomados como se referindo a Abel.

A sua tradução para a Septuaginta é obscura e inaceitável, por isso o Comentário Adventista afirma sobre este verso: "Que os tradutores da Septuaginta acharam sua significação obscura no seu tempo é evidente da tradução deturpada que dele fizeram".

Esta passagem está tão estritamente ligada com o texto precedente, que é necessário volvermos a atenção para ele por um momento, antes de qualquer explicação. Caim e Abel trouxeram uma oferta para Deus segundo suas respectivas ocupações: o primeiro, "do fruto da terra" e o segundo "das primícias do seu rebanho, e da gordura deste". A atenção dada pelo Senhor à oferta de um e de outro foi distinta, fazendo com que Caim ficasse encolerizado, e como consequência natural apareceu deprimido. O Senhor o advertiu com significativa pergunta: "Por que andas irado? e por que descaiu o teu semblante?" e acrescenta, no verso em discussão: "Se procederes bem, não é certo que serás aceito? Se, todavia, procederes mal, eis que o pecado jaz à porta; o seu desejo será contra ti, mas a ti cumpre dominá-lo". Almeida Revista e Atualizada no Brasil.

A Bíblia de Jerusalém após traduzi-lo assim: "Se estás bem disposto não levantarás a cabeça? Mas se não estiveres bem disposto, não jaz o pecado à porta, um animal acuado te espreita, podes acaso dominá-lo?", acrescenta a seguinte nota: Tradução aproximativa de um texto corrompido.

Lázaro Ludovico Zamenhof assim o traduziu para o Esperanto: "Sem dúvida se agires bem, serás forte, mas se agires mal, o pecado jazerá à porta, e ele a ti pretenderá, mas governa acima dele".

Sem nos demorarmos em longas dissertações exegéticas e textuais, que os especialistas apresentam, cremos que o essencial é o seguinte:

Deus está advertindo Caim do seu procedimento, porque um terrível ato pecaminoso estava próximo, e em linguagem figurada o apresenta como um animal feroz, esperando saltar sobre ele. Em outras palavras o Senhor lhe estava dizendo: Se fizeres bem, em lugar deste semblante abatido, naturalmente erguerias a cabeça e terias um semblante alegre como aqueles que agem com propósitos elevados. Mas se não fizeres o bem, e continuares alimentando ódio contra teu irmão, por sua oferta ser aceita e a tua rejeitada, o pecado descera à tua porta como um animal feroz por sua presa. Serás infalivelmente uma vítima de tua pecaminosa paixão. O pecado deseja dominar-te, mas não debes temê-lo porque o Senhor te concederá poder para enfrentá-lo e sair vitorioso. Por não ter dado a mínima atenção à advertência divina, uma sangrenta tragédia se seguiu, o bárbaro assassino de seu irmão. Após o ato consumado o Senhor disse a Caim: "A voz do sangue de teu irmão clama da terra a mim".

O castigo por fazer a própria vontade e não a vontade divina está relatado nos versos 11 e 12 do mesmo capítulo.

Comparando-o em várias traduções e pesquisando o que dele disseram os comentaristas, eis uma tentativa que fiz para o traduzir:

Se você for bom, poderá reerguê-lo (o semblante), mas se não for, o pecado como um animal bravo está à sua porta, ansioso para dominá-lo, mas você o poderá vencer.

QUEM FOI MELQUISEDEQUE ?

Qual o Enigma deste Personagem?

Um estudo cuidadoso deste personagem bíblico nos esclarecerá que nada existe de misterioso a seu respeito, a despeito da interpretação de alguns quanto a **Hebreus 7:3**.

A palavra em hebraico Malkicedeq, significa rei de justiça, ou ainda de acordo com Heb. 7:2 rei de Salém, isto é, rei de paz.

Para melhor compreensão deste tema duas coisas são necessárias:

- 1º) Estudo do contexto das passagens onde seu nome aparece.
- 2º) Alguns conceitos sobre o sacerdócio levítico e o de Cristo.

1º) O nome Melquisedeque aparece dez vezes na Bíblia, sendo duas no Velho Testamento (Gên. 14:18; Sal. 110:4); e oito no livro de Hebreus (5:6, 10; 6:20; 7:1, 10, 11, 15, 17). Especialmente o capítulo sete de Hebreus precisa ser bem estudado.

2º) Após a entrada do pecado o indivíduo tornou-se sacerdote de si mesmo. Depois este encargo coube ao primogênito. Posteriormente a tribo de Levi foi escolhida para este mister. Quem não fosse da Tribo de Levi era indigno para este mister como vemos em Esdras 2:62. O relato desta passagem deve ser lembrado para melhor compreensão deste assunto.

O sacerdote devia ser tirado dentre os homens, com suas fraquezas, para que pudesse entender as fraquezas dos homens (Heb. 4:14-16).

Sacerdote é a pessoa que atua como mediador ou intermediário entre duas partes. Aquele que está encarregado de uma missão respeitável, o intercessor perante Deus a favor dos homens.

O Novo Comentário da Bíblia, editado em português por Russell P. Shedd, vol. III, pág. 1357 afirma o seguinte:

"Sumo sacerdote é aquele que é nomeado para agir em prol dos homens naquilo que diz referência a Deus, especialmente para apresentar ofertas a Deus. O sumo sacerdote deve ser escolhido dentre os homens e ser capaz de, na qualidade de verdadeiro homem, simpatizar com as fraquezas humanas. Além disso, ele não deve presumir em tomar sobre si mesmo tal ofício; deve ter sido chamado para tal tarefa por nomeação de Deus. Tudo isso (em ordem reversa) é declarado como cumprido na pessoa de Cristo; conforme o escritor sagrado considera Sua nomeação divina, Sua perfeita humanidade e conseqüente habilidade de simpatizar conosco, e Seus ofício e obra. Pois foi Deus quem ao ressuscitá-Lo de entre os mortos reconheceu-o como Seu Filho, declarando abertamente a Sua nomeação para um sacerdócio eterno, segundo uma classificação diferente daquela de Arão, a ordem de Melquisedeque".

Do exposto, esta declaração deve ser guardada: o sacerdote deve ser escolhido dentre os homens para poder simpatizar com as fraquezas humanas. Está é a razão pela qual Cristo só passou a exercer a função sacerdotal após ter tomado a natureza humana.

As Escrituras nos informam que há dois tipos de sacerdócio:

1º) Levítico – hereditário e extinto com a morte de Cristo.

2º) Melquisediano – prefigurando o sacerdócio de Cristo, caracterizado por sua superioridade e eternidade.

Cristo apresenta um contraste com os sumos sacerdotes segundo a ordem levítica, que eram instalados no ofício para posteriormente serem removidos por motivo de falecimento. Por isso é que Ele se tornou sumo sacerdote para sempre. É justamente essa qualidade eterna que distingue a ordem sacerdotal de Melquisedeque da ordem levítica de Arão.

Que sabemos de Melquisedeque?

Através dos tempos tem havido muita discussão, procurando identificar quem foi Melquisedeque. As referências bíblicas para sua identificação são muito escassas. Aparece numa citação ligeira em Gênesis 14:18. Crêem os estudiosos que ele era rei de algum clã semita ou de Salém. Sabe-se que era sacerdote e rei. Cristo também é sacerdote e rei, de onde ser Melquisedeque considerado uma figura de Cristo. Por ser "sacerdote do Deus altíssimo" no tempo de Abraão, este lhe devolveu o dízimo.

Tem sido assunto de grandes investigações entre os comentaristas o saber quem era realmente Melquisedeque. Defendem alguns ter sido Cristo, supõem outros que fosse o Espírito Santo, ainda outros sustentam que era um anjo, Enoque.

Não há necessidade de contestar cada uma destas suposições, mas apenas dizer o seguinte: Melquisedeque não era Cristo, declara Ellen G. White, pois Ele ainda não tinha tomado a natureza humana. Melquisedeque não podia ser o Espírito Santo, visto que o Espírito Santo não foi tirado dentre os homens. O sacerdote vivia do dízimo, porque era humano, o Espírito Santo não precisa de dízimo.

"Sem pai, sem mãe". Esta afirmativa é que tem dado motivo para defenderem que fosse um rei sobrenatural. A opinião mais sensata e provável é a que o considera um rei, justo e pacífico, adorador e sacerdote do Deus altíssimo na terra de Canaã, amigo de Abraão, e como sacerdote superior a ele em dignidade.

A Bíblia nos apresenta a superioridade do sacerdócio de Melquisedeque sobre o sacerdócio levítico, por isso um significativo símbolo do sacerdócio de Cristo.

Russell Norman Champlin afirmou: "Hermeneuticamente, Melquisedeque é importante porque ilustra diversas coisas:

- 1) Um significado mais profundo da história;
- 2) Como a história pode ser profética e simbólica;
- 3) A unidade do Antigo e do Novo Testamentos;
- 4) A universalidade do ofício messiânico e sumo sacerdotal de Cristo;
- 5) A ab-rogação das ordens sacerdotais do Antigo Testamento, por estarem todas cumpridas em Cristo". O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo. Vol. 5, pág. 527.

O Salmo 110:4 nos ensina que o Messias seria um sacerdote divinamente nomeado, de acordo com a classificação de Melquisedeque. Essa afirmação bíblica sobre a necessidade de uma nova ordem sacerdotal é, uma indicação de que a ordem

levítica havia fracassado, e uma melhor ordem de coisas devia levantar-se de acordo com Hebreus 7.

Pelo fato dos judeus rejeitarem a Cristo, não o aceitavam como sacerdote, então Paulo em Hebreus diz aos judeus: qual a razão de vocês não aceitarem a Cristo como sacerdote, se Abraão considerado tão grande por vocês aceitou a Melquisedeque como sacerdote, não sendo ele da tribo de Levi? É do conhecimento de todos que os sacerdotes tinham que ser da tribo de Levi, mas que Cristo pertencia a tribo de Judá ("tribo à qual Moisés nunca atribuiu sacerdotes" - Heb. 7:14).

M. L. Andreasen escreveu: "Os judeus eram muito rigorosos no registro e preservação de suas genealogias, especialmente com referência aos sacerdotes. Ninguém podia servir como sacerdote a menos que pertencesse à família de Arão, da tribo de Levi, e isso tinha ele de provar, além de qualquer sombra de dúvida. Se porventura houvesse uma quebra na linhagem, seria ele excluído, perdendo assim os privilégios assegurados aos sacerdotes. Por esta razão todo judeu, e especialmente os sacerdotes, guardavam muito cuidadosamente todos os registros genealógicos". – *The Book of Hebrews*, pág. 247.

A declaração de Hebreus 7:3 – "sem pai, sem mãe, sem genealogia; que não teve princípio de dias, nem fim de existência" deve ser compreendida como significando que estas informações genealógicas não estavam registradas em cartório.

Este aspecto da vida de Melquisedeque deve ser destacado: o livro de Gênesis nada diz sobre seus antepassados. No Antigo Testamento as genealogias se revestem de grande importância, particularmente no caso dos sacerdotes. Ele é apresentado como sacerdote por seu próprio direito, e não por motivo de descendência física. Semelhantemente não são mencionados nem seu nascimento nem sua morte. Nada é dito a respeito de seu sucessor. Em tudo isso ele é feito, pelo próprio silêncio das Escrituras parecer-se ao Filho de Deus.

Se o livro de Gênesis apresenta algumas provas da grandeza de Melquisedeque, como o fato de ele ter abençoado a Abraão e este lhe devolver o dízimo, o livro de Hebreus (cap. 7) salienta a superioridade de Cristo como nosso sumo sacerdote.

A FILHA DE JEFTÉ – JUÍZES 11:29-40

Será interessante ler toda a história de Jefté para ter um quadro completo das suas implicações.

Do relato se deduz que Jefté fizera um voto precipitado e insensato.

Os comentaristas têm apresentado duas interpretações para o voto de Jefté.

1º) Ele sacrifica a própria filha em holocausto para cumprir o imprudente voto que fizera.

2º) Sua filha foi devotada à perpétua virgindade.

O **Comentário Adventista** se coloca ao lado daqueles que defendem o oferecimento da **filha em holocausto**. Declara que Jefté fez um voto precipitado, o qual poderia ser anulado por ser uma expressa transgressão do sexto mandamento.

Patriarcas e Profetas na página 506 afirma: "O dever a que fica empenhada a palavra de qualquer pessoa deve ser considerado sagrado, caso não a obrigue à prática de um ato mau".

A aceitação de que ele ofereceu a filha em holocausto provaria sua total ignorância da lei de Deus (Lev. 18:21; 20:2-5; Deut. 12: 31; 18:10). A descrição que a Bíblia faz da sua pessoa não autoriza tal conclusão, especialmente ser colocado entre os heróis da fé em Heb. 11:32. Particularmente não aceito que quem tivesse praticado um ato em flagrante desrespeito às leis divinas, (como declaram os versos acima) tivesse o privilégio de ser colocado na galeria dos heróis da fé. Salvo se houvesse um sincero arrependimento do seu procedimento desastrado.

Os exegetas, defensores do sacrifício da filha argumentam que era comum entre os moabitas, até entre os israelitas, a prática de sacrifícios humanos. Se esta afirmativa é real há sensíveis diferenças entre o caso de Jefté e os sacrifícios pagãos de oferecer os filhos em holocausto, visto que estes jamais eram feitos a Jeová. Os israelitas que ofereceram sacrifícios, eles o fizeram por que se tinham afastado do culto ao verdadeiro Deus, como vemos com os reis Acaz e Manassés. Estes sacrifícios eram

terminantemente condenados na Bíblia, como vemos em II Reis 3:27. Leve-se ainda em consideração que tais sacrifícios eram oferecidos antes e não depois da batalha.

O argumento mais valioso para o SDABC se perfilhar entre os que aceitam a morte da moça é este: "Se a filha de Jefté fosse apenas dedicada à perpétua virgindade, não necessitaria de dois meses para chorá-la, pois, teria a vida inteira para fazê-lo".

Para melhor compreensão deste assunto é bom também conhecer a lei dos votos do culto hebreu, relatada no capítulo 27 de Levítico. Os votos eram de duas naturezas: remissíveis e irremissíveis. Todo o problema surge pelo fato do voto de Jefté ser de natureza irremissível.

Leiamos o voto em Juízes 11:31: "Quem primeiro da porta da minha casa me sair ao encontro, voltando eu vitorioso dos filhos de Amom, esse será do Senhor, e eu o oferecerei em holocausto."

Os defensores da idéia do sacrifício da própria filha se apegam a Lev. 27:29, onde declara que no voto irremissível de pessoas a morte era requerida.

Carlos Trezza, em extenso estudo sobre a filha de Jefté, discute problemas de tradução e de interpretação de algumas passagens, de onde transcrevemos o seguinte:

Afirma que o estudioso Dr. Hale, citado por Adão Clarke apresenta a seguinte explicação para Juízes 11:31. O hebraico justifica uma tradução disjuntiva, consistente de duas sentenças, regidas por conjunção dual - 'Será do Senhor, ou lhe oferecerei em holocausto'. E sustenta esta idéia com a afirmativa de que a conjunção *vau* tanto pode ser **e** como **ou**. Assim no caso de Jefté, dever-se-ia ler: 'Será do Senhor, ou lhe oferecerei em holocausto'.

Outros comentaristas declaram que o verso 31 de Juízes 11 devia ser lido – e a forma original o autoriza – da seguinte maneira: "Será do Senhor, e lhe oferecerei um sacrifício". *O Ministério Adventista*, maio-junho, 1970, págs. 22 e 23.

Dentre os comentaristas bíblicos que rejeitam a idéia de ter Jefté oferecido a filha em sacrifício destacam-se Lang e Adão Clarke.

Diz o primeiro: "A filha de Jefté não lamenta o ter de morrer como uma virgem; o que ela lamenta é a virgindade em si mesma". Lang's Commentary, sobre o cap. 11 de Juízes.

Sentencia o segundo: "E ela não conheceu varão. Isto é, continuou virgem todos os dias de sua vida". Comentários do Dr. Adão Clarke sobre Juízes 11.

Se ela tivesse sido sacrificada a declaração do verso 39 - "E ela não conheceu varão" - seria supérflua. Parece-nos ser mais consentâneo com a personalidade de Jefté, com os ensinamentos divinos quanto a sacrifícios humanos, aceitar que ele não ofereceu a filha em holocausto, mas construiu uma casa à parte e fez que ela se mantivesse virgem até o final de sua vida.

Sumariando diríamos: Embora saibamos que a maioria dos comentaristas defende o sacrifício cruento.

- a) Não cremos que Jefté tenha sacrificado sua filha contra a lei de Deus. Deut. 12:31. Este ato estaria totalmente em oposição com todos os preceitos bíblicos.

- b) De acordo com o original hebraico o verso 31 de Juízes 11 poderia ser assim traduzido: "será do Senhor e lhe oferecerei um holocausto".
- c) Jefté sabia muito bem que os sacrifícios humanos eram condenados por lei (Deut. 12:30 e 31). Se tivesse cometido tal ato teria a total desaprovação divina, *ipso facto*; seu nome não poderia ser arrolado em Hebreus 11.
- d) Encontraríamos na Bíblia e nos escritos de Ellen G. White uma enérgica condenação ao seu procedimento indigno.
- e) A única conclusão segura a que se pode chegar é que a filha de Jefté foi devotada a perpétua virgindade, como se pode inferir das declarações bíblicas: "chorou a sua virgindade", "ela jamais foi possuída por varão".
- f) Apenas lamentamos que o SDABC sempre criterioso em tomar posição, tenha esposado a idéia de que Jefté a ofereceu em sacrifício.

Nota: Como auxílio valioso para esta pesquisa, valemo-nos do estudo de Carlos Trezza, publicado em *O Ministério Adventista*, maio-junho de 1970, págs. 18-24. Vale a pena ler todo o seu relato.

SAUL E A PITONISA DE EN-DOR

O relato de **I Samuel 28:7-25** tem levado muitos a citarem esta experiência como uma prova do estado de consciência na morte.

Os versículos que narram a história do rei Saul e a pitonisa aparecem sem nenhum comentário. Esta narrativa é verdadeiramente dramática e o autor inspirado não detém a seqüência da ação para uma exposição doutrinária. É necessário portanto, conhecer todo o contexto e as circunstâncias que envolveram o incidente, bem como todas as verdades dadas em outras partes da Bíblia, para compreender se o pleno significado da história desta sessão espírita.

Antes de mais nada, devemos ter em mente que o rei Saul era homem perdido, a quem Deus rejeitara e de quem o Espírito Santo se retirara. II Sam. 13:11-14; 15:13-35; 16:14). Havia ele cometido o pecado imperdoável de persistir na justificação própria e desobediência até que Deus cessou inteiramente de comunicar-se com ele, deixando-o ao inteiro domínio de Satanás. (I Sam. 28:6). Foi depois de haver chegado a este ponto que Saul teve a sua experiência com a pitonisa de En-Dor. As ações de um homem perdido, inteiramente sob o controle de Satanás, são fonte paupérrima de prova para a verdade. Elas só podem constituir uma fonte dos enganos de Satanás.

Examinemos a seguir o contexto dos atos de Saul na consulta à pitonisa. Os filisteus tinham invadido a terra de Israel, e Saul estava acovardado. Estava grandemente necessitado do auxílio de Deus, que lhe recusou resposta por qualquer dos meios que Ele próprio estabelecera para revelar-se a Seu povo. (I Sam. 28:6). Os três meios menciona dos neste verso foram vedados a Saul porquanto era homem perdido.

O significado da afirmação encontrada em I Sam. 28:6 é, que nenhuma comunicação sobrenatural que Saul subsequente pudesse receber seria de Deus, mas sim do diabo. Evidentemente Saul sentiu isto, pois foi à procura de outra fonte que não a de Deus. "Então disse Saul aos seus servos: Apontai-me uma mulher que seja médium". Outras traduções dizem: que tenha o espírito de feiticeira. (28:7). Pela lógica das circunstâncias) essa mulher só poderia ser uma fonte de informações satânicas, e coisa alguma na entrevista em questão nos autoriza a tomá-la como verdade de Deus.

Examinemos os pormenores da experiência em si. Saul teve alguma dificuldade em encontrar uma pessoa que estivesse em comunicação com os espíritos, porque Deus havia proibido tais agentes de Satanás entre Seu povo. Ao estabelecer a nação de Israel numa terra expurgada da idolatria, Ele proibiu, sob pena de morte, toda comunicação com os espíritos (Êxodo 22:18); Deut, 18:9-14). Esta é mais uma razão para não aceitarmos nada nesta entrevista como sendo verdade ou evidência de alguma doutrina verdadeira. Sua fonte é uma "abominação" para Deus.

Tudo nesta entrevista está mesclado de falsidade. "Saul se disfarçou". v. 8. Ele enganou a mulher com sua identidade. v. 12. É esta a maneira de revelar-nos Deus a verdade – pela mentira e por um processo que Ele chamara "abominação"?

Saul pediu à mulher que fizesse "subir a Samuel". Por que não "descer" se Samuel estava no Céu? Parece que a mulher foi a única pessoa que viu a aparição, pois Saul pediu que ela lha descrevesse (vs. 13 e 14). Sua descrição convenceu a Saul de

que o espírito era Samuel; mas isso não prova de maneira alguma que de fato fosse Samuel. Apenas prova que houve materialização sobrenatural de algo que se assemelhava a Samuel. Uma vez que Satanás tem o poder de personalizar-se para executar seus maus propósitos (II Cor. 11:13-15), nada do que essa aparição disse, fez ou procurou parecer, prova por si mesmo ser Samuel. Tal prova haveria de ser inteiramente objetiva, isto é, fora das declarações da aparição em si mesma.

O espírito que apareceu era real, pois a própria mulher estava aterrorizada (vs. 12 e 13). Se tal aparição fosse de um anjo, ou o espírito de um santo de Deus vindo do Céu, teria produzido conforto e paz, em vez de temor. As palavras do espírito a Saul foram impertinentes e mal-humoradas (v. 15) indignas de um santo glorificado ou de um anjo bom. Além disso, o diálogo entre Saul e o espírito, indicam claramente que ambos sabiam que Saul estava buscando uma fonte de informação não divina ou celestial. Os versos 17 e 18 estão em harmonia com o malicioso espírito de Satanás; ele sempre atormenta aqueles aos quais engana e leva ao pecado. Nada há em toda esta conversação que lembre Samuel ou qualquer indício do Espírito de Deus, muito embora o espírito declarasse ser Samuel.

O clímax do aspecto satânico das palavras do espírito é encontrado no verso 19. O espírito simplesmente não poderia manter-se mascarado até ao fim. Samuel, sem dúvida, se as almas mortas estão conscientes, foi imediatamente para o Céu após sua morte. A Bíblia afirma que ele havia morrido e sido sepultado (v. 3). Mas o espírito de Saul, levando-se em conta repetidas afirmações de que ele era homem perdido, inteiramente rejeitado por Deus, não poderia ir para o mesmo bem-aventurado lugar de habitação que o espírito de Samuel. Entretanto esse espírito diz que Saul e seus filhos estariam com ele – onde quer que ele fosse! Saul subentendeu por essas palavras o significado de sua morte. Ou esse espírito não era Samuel ou este mentiu ao dizer que Saul iria para o Céu quando morresse – ou as duas coisas são mentira. Se o espírito fosse de fato Samuel, não mentiria, mas o espírito mentiu em dois pontos: nem é verdade que o espírito de Saul tenha ido para o Céu, nem seria no dia seguinte, mas vários dias mais tarde, quando Saul morreu. Saul ter-se-ia mostrado feliz se tivesse entendido pelas palavras do espírito que iria para o Céu. Em vez disso, porém, sabendo-se homem perdido por comunicar-se com o espírito de Satanás, as palavras ameaçadoras do arquiinimigo levaram-no a tentar o suicídio nessa noite (versos 20-23) e executar esse propósito vários dias mais tarde (I Sam. 31:3-6).

Nada há nessa entrevista que não seja engano, mentira e perversidade. É parte do grosseiro plano de Satanás infligir um último engano à vítima já levada à destruição.

Para que crêssemos ser este espírito a alma desencarnada de Samuel, precisaríamos de testemunho mais objetivo do que a declaração da pretensa materialização e a febril imaginação do médium e de Saul. Ias a evidência objetiva é toda para o outro lado. Antes deste evento, temos as repetidas afirmações de que consultas desta natureza eram abominação para Deus, por serem comunicações com falsos deuses, ou demônios. Depois do acontecimento, temos a afirmação de que por esse pecado culminante Saul perdeu a vida e a salvação (I Crôn. 10:13-14). E temos as afirmações reiteradas da Bíblia de que "os mortos não sabem coisa nenhuma", não

voltam, e dormem na sepultura até que Deus os chame no dia da ressurreição. (Ecles. 9:5, 6 e 10; Jó 14:10; 12-15, 20, 21 e 22; 17:13; Sal. 146:4; 6:5, e outros passos).

Nota: Resposta dada pelo *Pregador Adventista*, novembro-dezembro de 1953, págs. 23 e 24, a uma consulta.

UMA TRADUÇÃO DISTORCIDA – JÓ 26:5

Os tradutores da Sociedade Bíblica Brasileira, inegavelmente, fizeram um trabalho, cujo valor não pode ser subestimado, mas apesar da cultura, conhecimento da técnica de traduzir e consciência da responsabilidade que pesava sobre eles, cometeram alguns deslizes ao interpretarem alguns versos de acordo com crenças não defensáveis pelas Escrituras. Referimo-nos à Almeida Edição Revista e Atualizada no Brasil, inegavelmente uma das melhores traduções entre todas as que se fizeram no mundo.

Sua linguagem é bastante correta, graças a seu secretário, Antônio de Campos Gonçalves, um dos maiores vernaculistas que este país já produziu. Apesar de seu extremo cuidado com a gramática, pessoalmente discordo, a menos que alguém possa provar-me o contrário, de certos passos como os seguintes:

1º) Aprendi, por isso ensinei que as conjunções subordinativas levam o verbo para o subjuntivo. Ex.: Quero que faças. Ele morreu a fim de que fôssemos salvos.

No Salmo 92:7 lemos: "ainda que os ímpios brotam como a erva, e florescem todos os que praticam a iniquidade..." seria melhor: "ainda que os ímpios brotem como a erva e floresçam todos os que praticam a iniquidade".

2º) Em Efés. 1:22 e 4:15 a comissão revisora não foi feliz em apresentar a Cristo como o cabeça da igreja.

Os dicionários apresentam "o cabeça" como chefe, mas apenas permitido em sentido depreciativo, pejorativo. "O cabeça da sedição", "o cabeça do bando". Em Isaías 7:8 e 9 dois reis são denominados de "o cabeça". Rezim – "o cabeça de Damasco", e Peca, filho de Remalias, "o cabeça de Samaria". Para estes reis a designação está bem, mas Jesus não pode ser senão "a cabeça" da igreja. Em Col. 1:18 Jesus é apresentado com propriedade como "a cabeça" da igreja. Não se justifica esta diferença com Efés. 1:22 e 4:15.

3º) Desde o início deste século, o insigne gramático Eduardo Carlos Pereira nos ensinou sobre o apropriado uso do possessivo. Devemos distinguir: purifica, Senhor, o nosso coração, mas guia os nossos pés. Guarda, Senhor, a nossa boca e os nossos ouvidos.

Em Col. 3:15, 16; 4:8 seria preferível vosso coração em vez de vossos corações, como aparece na Edição Revista e Atualizada no Brasil.

Após esta digressão gramatical passemos ao problema de tradução de Jó 26:5.

Os adventistas escudados em inamovíveis declarações das Escrituras crêem na inconsciência durante a morte como provam as seguintes passagens: Ecles. 9:5 e 6; Sal. 146:3-4; S. João 5:8, 28-29.

Crêem também na doutrina escatológica definida em Teologia como extincionista ou do aniquilamento para os ímpios, que serão reduzidos a cinzas, o mesmo acontecendo a Satanás e aos seus anjos.

Infelizmente os tradutores das Sociedade Bíblica do Brasil não traduziram bem Jó 26:5. "As almas dos mortos tremem debaixo das águas com seus habitantes". Almeida, Edição Revista e Atualizada no Brasil.

Pessoas não esclarecidas quanto aos problemas de tradução, tomam a Bíblia, lêem esta passagem e passam a proclamar que o texto bíblico ensina a imortalidade da alma. É uma verdade conhecida, até por pessoas medianamente cultas, que a palavra para alma em hebraico é "nephesh". Esta palavra aparece pela primeira vez na Bíblia em Gênesis 2:7, onde a alma ou criatura vivente é o resultado do corpo com o fôlego de vida soprado por Deus.

Ao morrer a pessoa, temos um processo inverso, o espírito sai ou volta para Deus, e o corpo vai para a terra, desaparecendo a alma vivente. Ecles. 12:7.

Até um leigo, com o auxílio de uma concordância analítica, verificará que o hebraico "nephesh" e o grego "psiquê" não aparecem uma única vez com a idéia de eternidade ou de imortalidade. Ainda mais, peçamos aos imortalistas as evidências de que estas palavras originais fazem alusão à natureza cognoscitiva e imaterial depois da morte. Eles não as apresentarão porque elas inexistem. A Bíblia não apresenta nenhuma citação que justifique a idéia da sobrevivência da alma na morte do homem como reconhecem eminentes exegetas e o mais acatado dicionário hebraico – Gesênio. Como igreja apenas admitimos e ensinamos aquilo que se encontra na Bíblia. Repetimos: Não cremos porque não se encontra na Bíblia que o homem tenha uma

alma ou um espírito imortal. A imortalidade segundo a Bíblia é um atributo exclusivo de Deus. I Tim. 6:16.

Um de nossos opositores, o Sr. Walter Martin, cita Filipenses 1:23 como evidencia de que a alma ou o espírito, significando personalidade consciente, ao sair do corpo por ocasião da morte dirige-se para a presença de Deus ou para o lugar de castigo. Como ponto de partida, mencionemos o fato de que esta passagem nem sequer emprega as palavras alma ou espírito. (O comentário sobre Filip. 1:23 aparece em nosso livro *Explicação de Textos Difíceis da Bíblia*).

A palavra "nephesh", que pode ser traduzida por mais de 40 palavras em português, mesmo que aparecesse no original de Jó 26:5, jamais poderia ser traduzida por alma dos mortos.

Que vocábulo hebraico se encontra nesta passagem e quais os seus significados? A palavra é "rephaim" e os léxicos hebraicos lhe atribuem os seguintes sentidos.

- a) gigantes (que habitavam a Palestina)
- b) sombras;
- c) girafas;
- d) elefantes;
- e) nome de um vale perto de Jerusalém;
- f) mortos.

O que não encontramos em nenhum dicionário hebraico é o significado de "almas dos mortos".

Rephaim aparece transliterada 17 vezes na Bíblia para designar o vale (Jos. 15:8; 18:16; II Sam. 5:18, 22 etc.) ou os gigantes (Gên. 14:5; 15:20; Deut. 2:11 e 20).

Sobre esta palavra afirma o SDA Bible Commentary: "A etimologia da palavra é incerta, e não se sabe definitivamente como pode ela referir-se ora a uma raça de pessoas, ora aos mortos. Talvez rephaim que designa uma raça provenha de raiz diversa da de rephaim que significa os mortos.

"Alguns relacionam ambas as idéias, considerando que, como uma raça, os refains tornaram-se extintos, e impotentes. Seus orgulhosos representantes jazem prostrados no Sheol, e sua memória tornou-se apagada e sombria. Assim são um símbolo apropriado dos mortos".

Como bem declarou Arnaldo B. Christianini: "De modo nenhum, porém, há, nas línguas originais na Bíblia a expressão 'alma dos mortos' e esta infelicíssima 'tradução' de Jó 26:5 não passou de uma interpretação grosseira (eu usaria o adjetivo tendenciosa), a revelar o pendor da teologia imortalista dos tradutores".¹

O cotejo entre várias traduções da Bíblia é útil para concluir qual o significado do vocábulo "rephaim".

- a) A Septuaginta, a Vulgata, Matos Soares e outros traduzem: "os gigantes gemem debaixo das águas"
- b) A *Bíblia de Jerusalém* apresenta: "As sombras tremem debaixo da terra".
- c) Na tradução inglesa *The New English Bible* lemos: "As sombras se contorcem de medo".

- d) Os tradutores da Trinitária escolheram a expressão: "estremecem os defuntos".
- e) Almeida Edição Revista e Corrigida: "os mortos tremem debaixo das águas".
- f) A *Revised Standard Version* consigna: "As sombras tremem embaixo, as águas e os seus habitantes".

Outras traduções poderiam ser apresentadas, porém, as mencionadas são suficientes para se chegar à seguinte conclusão: Os tradutores da Sociedade Bíblica não foram nada felizes ao verterem esta passagem para o português.

Sérgio Quevedo, ex-estudante de Teologia em nossa Faculdade, incansável pesquisador de problemas exegéticos, estudou Jó 26:5 sob o título: Suposto Embaraço na Doutrina da Imortalidade.

Destaco de sua análise as citações seguintes:

1º) "O vocábulo *refaim* sucede 8 vezes no TM com a acepção capital de 'sombras', conforme Gesenius, Driver e Koeher, os três mais autorizados léxicos da língua semítica, vetero-testamentária conferindo com a monumental concordância Wigran.

2º) Deploravelmente os imortalistas da SBB forçaram sobremodo a tradução do texto em lide, pondo em dificuldade os defensores do estado de inconsciência na morte. A versão Almeida Atualizada, mais do que qualquer outra, é no texto em foco arbitrária, aliteral, destituída de fundamento gramatical.

3º) Adam Clarke é de parecer que Jó estaria fazendo alusão a esses antediluvianos sepultados sob as águas, bem como aos grandes animais aquáticos. Nesse caso o termo hebraico *refaim* (forma aportuguesada), primacialmente *sombras*, tomaria a conotação de espectros, figuras monstruosas, criaturas gigantescas, interpretação viável semanticamente. O livro de Jó é estilisticamente poético, o que permite dar ao texto em discussão sentido alegórico, figurativo.

4º) Dessa investigação exegética podemos inferir que é inescrupulosa pretensão querer que o texto diga o que não diz. Lançar mão de Jó 26:5, para respaldar a doutrina da imortalidade natural do homem, é atestar falta de conhecimento de causa. As evidências textuais não favorecem, e muito menos admitem a inserção, ou melhor, a intromissão de palavras na construção original. A paráfrase só é permitida quando seu sentido não se desvia da fonte primária. Tradução e uma coisa; interpretação é outra. Unicamente a partir da versão literal é que se pode dar uma interpretação abalizada, coerente ou pelo menos mais confinada com a verdade, com a realidade dos fatos".

Quero concluir esta análise com um apelo, que é ao mesmo tempo um desejo.

Espero que em edições posteriores, os esclarecidos amigos da Sociedade Bíblica, reconsiderem este verso e o apresentem com uma tradução mais harmoniosa com o original hebraico.

Referência:

1. *Revista Adventista*, setembro, 1970, pág. 11.

EXEGESE DE ISAÍAS 7:14

A PROMESSA A RESPEITO DE EMANUEL

Isaías é chamado pelos estudiosos como o maior dos profetas do Velho Testamento, o "rei de todos os profetas". Chega a ser cognominado "a águia entre os profetas" e o evangelista da antiga aliança. O significado do seu nome, em hebraico, é bem apropriado para o caráter de seus escritos "Yeshayahu", cujo sentido é = Yahweh é a salvação.

Sua capacidade estilística é impressionante, seus recursos para criar figuras literárias nos enleva. Sabedores de que a maior parte do seu livro foi escrito em forma de poesia, para surpresa de alguns, ele é considerado o maior poeta do Velho Testamento.

Comentaristas na Introdução aos Profetas, da *Bíblia de Jerusalém*, o denominam de poeta genial. O brilho do estilo, a novidade das imagens fazem dele o grande clássico da Bíblia.

Para bem compreender o verso de Isa. 7:14, ele deve ser estudado em seu contexto histórico, em seu problema gramatical e em suas implicações teológicas.

I – Contexto Histórico

O livro de Isaías tem sido dividido por alguns em duas partes:

- 1º) Abrangendo 39 capítulos;
- 2º) Compreendendo os demais 27 capítulos.

A primeira parte está dividida em 5 seções.

Com o capítulo 7 começa a segunda seção, onde se descreve a aliança da Síria com o reino de Israel (Efraim) contra Judá, no reinado de Acáz. Se a cronologia nos informa que Acáz começou a reinar em 735 AC, estes eventos se realizaram em 734.

A Síria governada por Rezim, e Israel administrado por Peca, o perverso assassino do rei Pecaías, aliaram-se com o iníquo objetivo de subjugar o reino de Judá e obrigá-lo a cooperar com eles na campanha militar contra a poderosa e agressiva Assíria. Com a ameaça de um ataque iminente, o rei de Judá e o povo ficaram aterrorizados e cheios de grande perturbação.

Acáz, de personalidade tibia e pusilânime, ferido em seu amor próprio devido à primeira derrota frente a Peca e Rezim, cometeu a insensatez pecaminosa de pedir auxílio ao rei assírio. Ainda mais, amedrontado, tomou a prata e o ouro da casa do Senhor, e os tesouros da casa do rei e os enviou a Tiglate-Pileser com a declaração vexatória: "Eu sou teu servo e teu filho; sobe e livra-me do poder do rei da Síria e do poder do rei de Israel, que se levantam contra mim", como nos relata II Reis 16:7-9. Diante desta situação aflitiva, Isaías recebeu de Deus a incumbência sagrada de procurar Acáz com alguns objetivos.

1º) Apresentar-lhe uma mensagem estimulativa da parte de Deus: "Acautela-te e aquieta-te, não temas nem desanime o teu coração". Isa. 7:4. Em outras palavras ele queria dizer: não há nenhuma necessidade para preocupação, já que numa elegante metáfora, ele compara os dois reis a pedaços de tições fumegantes, pois se outrora eram perigosos, agora seu poderio estava quase extinto. Em sua entrevista com Acáz, o profeta procurou animá-lo, transmitindo-lhe a seguinte mensagem: se depositasse confiança no Senhor haveria livramento. Rezim e Peca em breve desapareceriam como bolhas de sabão.

2º) Isaías, com seu acendrado espírito religioso, combateu tenazmente a aliança com poderes pagãos, porque previa os males que viriam para Acáz e para o povo de Deus.

A mensagem do profeta ao rei alarmado era de confiança em Deus, culminando com a declaração do verso 9: "se o não crerdes, certamente não permanecereis". Nesta afirmativa do profeta, há um notável trocadilho hebraico, que é difícil transmitir numa tradução.

Eis algumas tentativas para reproduzir o efeito original:

"Sem fé não há fixidez".

"Sem confiança forte não há forte de confiança".

"Sem confiança não há permanência".

As conseqüências de rejeitar a orientação divina são evidentes no relato sagrado: Politicamente Acáz se vê transformado num simples vassalo da Assíria.

Na esfera religiosa, rejeitando a promessa de libertação que o mensageiro do Senhor lhe oferecera, entregou-se inteiramente ao paganismo. II Reis 16:10-18.

Tanto se afastou de Deus, que chegou a passar o seu filho pelo fogo, influenciando com seu comportamento negativo o declínio espiritual de todo o povo. Altares pagãos foram erigidos por toda a parte, inclusive no templo em Jerusalém, fazendo com que o culto ao verdadeiro Deus se extinguísse.

Quando Isaías viu, que tanto o rei quanto os seus subordinados, desprezaram a mensagem divina, ele silenciou por algum tempo o seu ministério público.

3º) Sugeriu que Acáz pedisse um sinal como evidência de que estava diante de um verdadeiro profeta de Deus. Já que não crês nas palavras do profeta, pede um sinal, uma garantia ou evidência que te as segure que Deus cumprirá a promessa de salvar o Seu povo.

Acáz respondeu: "Não o pedirei nem tentarei ao Senhor". Isa. 7:12.

Sua declaração era uma saída hipócrita sob o pretexto de que guardava a lei. (Deut. 6:16)

Se tentar a Deus é pôr Deus em uma prova, o pedir o sinal que era oferecido por Ele não seria tentá-Lo.

A razão primordial para rejeitar o sinal, era que ele não estava disposto a submeter-se à vontade de Deus, ou estava receoso de que o obrigasse a alterar a política externa que adotara.

Diante da atitude de Acáz recusando-se a pedir um sinal, Isaías lhe diz que Deus lhe daria o sinal.

"Eis que a virgem conceberá, e dará à luz um filho, e lhe chamara Emanuel". Isa. 7:14.

Este sinal dado por Deus é a demonstração mais convincente de Sua intervenção e direção na História.

No livro *A Profecia de Isaías* de A. R. Crabtree, pág. 157 há esta afirmação: "Talvez não haja outra profecia no Velho Testamento que tenha produzido mais perplexidade e mais discussão do que estes versículos sobre o sinal que Deus deu a Acáz".

Corroborar com esta afirmativa Albert Barnes em *Notes on the Old Testament*, vol. 8, pág. 157, ao declarar "... não existe nenhuma profecia no Velho Testamento da qual se tenha escrito tanto, e que tem produzido mais perplexidade entre os comentaristas do que esta".

Os versos 17 a 25 apresentam uma terrível descrição de como eles seriam assolados em virtude da rejeição do sinal.

II – O Problema Gramatical

Isaías 7:14 é uma passagem extremamente difícil de ser traduzida. Temos aqui um dos mais controvertidos problemas textuais de toda a Bíblia.

O ponto da discórdia se encontra na palavra "almah", que tem trazido para os intérpretes uma longa e complicada discussão.

Traduções da Bíblia como a Septuaginta, King James Version, Almeida tanto a Revista e Corrigida como a Atualizada a traduzem por "virgem". Outras mais fiéis ao original hebraico como a Revised Standard Version, a de Moffatt, New English Bible e A Bíblia de Jerusalém preferem traduzi-la por jovem ou mulher jovem. Diante destas declarações a primeira pergunta que se levanta é esta: qual é a tradução preferível para "almah"? Virgem ou jovem?

Afirmam alguns, peremptoriamente, – se os tradutores da Septuaginta traduziram a palavra "almah" para         – a virgem, e se não podemos descrever do

conhecimento que tinham do hebraico os que fizeram o trabalho, então não assiste nenhuma razão àqueles que insistem que em Isa. 7:14 o termo tem que ser traduzido para uma jovem na idade de se casar.

O traduzir de uma maneira ou de outra sempre cria problemas: Tradicionalmente sempre se defendeu a tradução para virgem, por ser aparentemente a única a predizer claramente o nascimento virginal de Cristo. Mas se esta passagem é uma profecia referente a uma criança que deveria nascer como sinal para o rei Acaz, a mãe desta criança não poderia ser virgem porque criaria um problema de ordem teológica. Sendo que outras traduções trazem "mulher jovem", exegetas intervêm declarando que este procedimento elimina uma doutrina fundamental da Bíblia, o maravilhoso nascimento virginal de Cristo.

O livro *Problems in Bible Translation*, nos informa que a palavra "almah" aparece nove vezes no Velho Testamento, mas que é difícil especificar exatamente o seu real significado. Conclui dizendo que "almah" designa simplesmente uma "mulher jovem" em idade de casamento, quer noiva ou não, casada ou não, virgem ou não". Pág. 168.

O vocábulo hebraico para virgem é "bethulah" que aparece 50 vezes no Velho Testamento.

C. G. Tuland, concluiu seu artigo no Ministério Adventista, março-abril de 1969, pág. 19, explicando Isa. 7:14, da seguinte maneira: "Portanto, não parece ser justificável traduzir "almah", "mulher jovem", em Isa. 7: 14, por virgem. A única tradução coerente é a da R.S.V.: "Eis que uma mulher jovem conceberá, e dará à luz um filho".

A. R. Crabtree, no livro *A Profecia de Isaías*, pág. 158, defende tese contrária, com bastante dogmatismo, ao afirmar que "almah" em Isa. 7:14 deve ser traduzida por virgem, havendo assim um nascimento milagroso no tempo de Isaías, semelhante ao de Cristo, sem se preocupar com o profundo problema teológico envolvido nesta interpretação.

Sendo que este mesmo autor declara que quase todas as palavras se usam em mais de um sentido, informando-nos também que a significação de qualquer palavra deve ser determinada pelo uso no contexto, pelo sentido com outras passagens bíblicas, e em relação com o ensino geral da Bíblia sobre o mesmo assunto, não seria melhor concluir que Isaías a empregou, no sinal para Acaz com o significado de jovem, e Mateus fazendo uma aplicação messiânica do mesmo verso usa a palavra parthenos ou virgem?

Quem seria a jovem de Isaías 7:14?

Três possibilidades têm sido sugeridas:

- 1ª) Seria a própria esposa de Isaías;
- 2º) Outros advogam que esta jovem fosse a esposa do próprio rei Acaz, pois ele tinha nesse tempo 21 anos;
- 3º) Um terceiro grupo, menos numeroso, mas com possibilidades verossímeis, defende a tese de ser outra jovem da família real, bastante conhecida a eles, mas a nós desconhecida.

Pessoalmente, baseado no contexto bíblico (Is. 8:3), creio que a jovem era a própria esposa de Isaías. Conferindo Isaías 1:1 com 6:1 concluiremos que o profeta estava no início de seu ministério, que se estendeu por meio século após este evento.

III – Implicações Teológicas

A verdade do nascimento virginal de Cristo está implícita através das Escrituras, portanto não precisa ser confirmada por uma palavra hebraica de Isaías 7:14.

Se a tradução de "almah" por virgem, cria um problema de natureza teológica, por não poder ser aplicável no tempo de Isaías; outro problema nada inferior a este seria se Isaías houvesse usado a palavra "bethulah" para uma outra ocorrência além do nascimento virginal de Cristo.

Se os exegetas defendessem que Isaías 7:14 profetizava um nascimento virginal milagroso, teriam também de aceitar que esta criança teria a mesma natureza divino-humana e o mesmo poder que Jesus possuía.

Das muitas explicações propostas, visando solucionar o problema, o livro *Problems in Bible Translation*, pág. 151, destaca estas 4:

- 1º) Isaías 7:14 não constituía uma verdadeira profecia de eventos, quer no tempo de Cristo ou no de Isaías;
- 2º) Cumpriu-se de alguma maneira desconhecida nos dias de Isaías e não de outra forma;
- 3º) Apontava ao futuro exclusivamente para o nascimento de Cristo;
- 4º) Era uma profecia dupla, aplicável tanto aos dias de Isaías, quanto ao nascimento do Messias.

A primeira explicação é insustentável para quem acredita na inspiração das Escrituras.

O segundo ponto de vista nega a inspiração de Mateus.

A aceitação de que a alusão apontava unicamente para o nascimento de Cristo despreza completamente o contexto e o ambiente histórico de Isaías 7:14.

A quarta solução proposta é a única totalmente consistente, com o conceito de que tanto Mateus quanto Isaías foram inspirados.

O estudo atento do texto hebraico e das varias interpretações propostas, nos levam à conclusão de que em Isaías 7:14 temos uma profecia messiânica.

Este texto deve ser incluído entre as profecias messiânicas pelo princípio do duplo cumprimento comum a muitas profecias bíblicas, como nos confirmam os seguintes exemplos.

- 1º) A promessa feita a Abraão nos seus descendentes (Gên. 13:16; 15:5), e um descendente, que é Cristo (Gál. 3: 16).
- 2º) A profecia de Mateus 24, se cumpriu primeiramente na destruição de Jerusalém, no ano 70 da nossa era; mas, o seu cumprimento final será no fim do mundo.

Da mesma forma, a promessa a respeito de Emanuel, teve uma aplicação imediata e primária da libertação temporária de Judá nos dias de Acaz, mas depois de 730 anos, numa aplicação secundária de outro livramento do inimigo, através da

encarnação de Cristo, iniciando assim o período da salvação espiritual e de paz com Deus.

O nome Emanuel, dado à criança dos dias de Isaías, foi mudado diante da recusa de Acaz de submeter-se a Deus. Isaías foi instruído a colocar na criança o nome de Maher - Shalal - Has - Baz.

A promessa a respeito de Emanuel poderia ser sintetizada nestas palavras: É uma promessa de plena e absoluta confiança, de que o mesmo Deus que não desampararia os seus filhos no tempo de Isaías. Ele através do nascimento de Cristo está conosco no eterno concerto da graça para nos salvar, jamais desamparando o Seu povo, antes protegendo-o e guardando-o para a glória futura.

Enfatizemos mais uma vez a idéia contida em Isaías 7:9: "Se o não crerdes, certamente, não permanecereis." Esta confiança absoluta, penhor da salvação (Is. 28:16) nos mostra que não podemos confiar em coisas ou em pessoas.

Que a promessa apresentada por Isaías a respeito de Emanuel – Deus conosco – esteja sempre conosco e que a transmitamos aos outros para sua e nossa salvação.

CRIA DEUS O MAL?

"Eu formo a luz, e crio as trevas; faço a paz, e crio o mal; eu o Senhor faço todas as coisas". Isa. 45:7.

A declaração de Isaías, que Deus cria o mal, tem deixado a muitos leitores da Bíblia desorientados, por entenderem que tal declaração não se coaduna com o caráter divino.

Atentando para alguns princípios exegéticos e certas peculiaridades da língua hebraica tudo se esclarecerá.

"A palavra hebraica para designar o mal é 'ra e pode significar o mal moral, a natureza perversa, como também pode significar males como inundações, terremotos, tempestades de granizo, etc., referidos nos livros da lei como sendo 'atos de Deus'. Aqui no livro de Isaías a palavra é empregada neste último sentido. Basta comparar com Isaías 47:11, onde o mal se define como uma 'desolação' e 'calamidade' que virá repentinamente. E em Amós 3:6 lemos: 'Sucederá algum mal (calamidade) à cidade, sem que o Senhor o tenha feito?'

"Tanto os profetas maiores como os menores profetizaram de invasões e calamidades, que Deus permitiu que acontecessem sobre Seu povo devido à obstinação deste. Deus tolera por muito tempo homens e nações, mas em Seu ódio ao pecado, permite que desastres finalmente se abatam sobre os impenitentes. E, permitindo isto, se diz que Ele 'cria o mal'.

"Tudo que Deus faz é correto. Satanás é que cria o mal no sentido de originá-lo diretamente, tendo em vista desviar de Deus as almas sinceras". ¹

Temos nesta passagem um idiomatismo hebraico, pois, os livros especializados em estudar a linguagem figurada na Bíblia nos informam, que verbos ativos eram usados pelos hebreus para expressar não a execução de algo, mas a permissão disso que se diz que o agente faz.

Os seguintes exemplos são esclarecedores:

Êxo. 4:3 - "Eu, porém, endurecerei o coração de Faraó" (isto é, permitirei ou tolerarei que seu coração seja endurecido)

Êxo. 5: 22 - "Ó Senhor, por que afligiste este povo?" (toleraste que ele fosse afligido).

Jer. 4:10 - Ah! Senhor Deus! verdadeiramente enganaste a este povo e a Jerusalém, dizendo: Tereis paz.." O sentido é este: (Toleraste que este povo fosse enganado pelos falsos profetas, que diziam: Tereis paz).

Os exemplos supracitados confirmam, que em Isa. 45:7 o profeta queria dizer que Deus permite o mal.

" 'Crio o mal'.. Deus é o autor da luz e da paz. Ele permite o mal para que os homens e os anjos possam testificar o resultado do afastamento dos eternos princípios da justiça. Na Escritura, Deus muitas vezes, é representado como causando aquilo que Ele não evita" ²

Se Deus é Bom por que existe o mal no mundo?

Esta pergunta, ou outras mais ou menos semelhantes, sempre nos são apresentadas. Para uma resposta cabal a esta indagação muitas e muitas páginas seriam precisas.

Limitemo-nos às partes principais da resposta dada, na Revista Adventista, janeiro de 1960, pág. 36, a alguém que enfrentava este problema.

Abramos, no entanto, quando mais não seja, um caminho à solução de um assunto tão difícil como este se afigura.

Deus poderia haver feito o homem de duas maneiras: livre, ou não livre. Não há aqui meios termos como não os há entre o ser e o não ser.

Bem, se Deus houvesse feito o homem sem o direito de liberdade, ou livre arbítrio, em nada nos diferenciaríamos de um robô, um boneco mecânico em mãos de nosso dono, nesse caso, Deus.

Não existiria o saber, nem a cultura, nem o progresso feito pelo próprio homem, não poderíamos render culto a Deus nem amá-Lo, porquanto não teríamos vontade própria; nada haveria em nós que a Ele nos assemelhasse, pois nossa semelhança com Deus consiste basicamente em nosso livre arbítrio.

Ora, como Deus não faz as coisas sem significação, fez o homem com livre arbítrio, isto é, fê-lo segundo a outra alternativa.

Deu-lhe a possibilidade de escolher entre o bem e o mal, com a conseqüente possibilidade de fazer o bem e de fazer o mal. Deus fez o homem bom, cumulou-o de todos os dons, pô-lo como senhor de toda a Terra, e deu-lhe inclusive o precioso dom, a possibilidade de amar.

Claro está que necessariamente, como reverso da moeda, esta possibilidade de amar trazia consigo a outra terrível possibilidade – odiar, infelicitar. Mas, se o homem odiava, não era porque Deus o queria, e sim porque empregava mal esse dom único e sagrado da liberdade...

Mas se Deus queria criar um homem, este devia ter a liberdade para amá-Lo e obedecer-Lhe, mesmo com risco da possibilidade do mal. Se há maldade no homem e no mundo, não é porque Deus o haja querido, pois Ele fez o homem bom, e este, ao empregar mal o dom da liberdade, fez-se mau a si mesmo.

Assim, pois, nada afeta a bondade de Deus o fato de o homem se haver tornado mau. Pelo contrário, esse fato mostra até aonde Deus nos amou, visto que nos deu o dom de poder amá-Lo e nos fez semelhantes a Ele no amor, mesmo com risco de que nos rebelássemos contra o Criador e O ofendêssemos em lugar de bendizê-Lo. Pode-se acaso pensar em mais amor e mais bondade?

Referências:

1. *Revista Adventista*, maio de 1975, pág. 27.
2. *Seventh-Day Adventist Bible Commentary*, vol. IV, pág. 267.

EXPLICAÇÃO DE ISAÍAS 65:20

"Não haverá mais nela criança para viver poucos dias, nem velho que não cumpra os seus; porque morrer aos cem anos é morrer ainda jovem, e quem pecar só aos cem anos será amaldiçoado". Isa. 65:20

Introdução

Nossas publicações "O Atalaia" e "Revista Adventista" através das seções de consultas, em várias ocasiões, têm procurado solucionar o problema desta passagem.

Uma pesquisa feita nestas fontes revelará o seguinte: das explicações dadas, algumas são inaceitáveis por serem vagas e obscuras; outras chegam até a entrar em contradição. Embora os estudiosos não tenham chegado a uma uniformidade sobre o sentido exato daquilo que o profeta tencionava dizer, apresentaremos algumas de suas idéias, concluindo com uma interpretação que parece ser mais consentânea com o contexto, os princípios exegéticos e as doutrinas bíblicas.

Comentários

Muitos leitores da Bíblia ficam perplexos ao lerem esta passagem, porque se a tomarem literalmente, ela fala em morte e pecado na Nova Terra, enquanto outros versos bíblicos são explícitos em declarar que estas coisas não existirão no céu. A Bíblia é bastante clara em afirmar que na Terra renovada as pessoas não morrerão e pecadores não terão acesso ao Paraíso. Diante destes problemas, alguns julgam que estas palavras têm sentido figurado, e outros apresentam interpretações forçadas, sem base no contexto e não condizentes com os ensinamentos escriturísticos.

A introdução do vol. IV do SDABC é útil na elucidação deste problema.

"Os adventistas do sétimo dia crêem que, falando de modo geral, as promessas e predições dadas pelos profetas do Velho Testamento aplicavam-se originalmente ao Israel literal, e a eles deviam ter-se cumprido sob condição de que obedecessem a Deus e permanecessem leais a Ele. Mas as Escrituras registram que eles desobedeceram a Deus e se demonstraram infiéis a Ele".

Tecendo considerações sobre Isa. 65:20 este mesmo comentário declara:

"Nos versículos 17 a 25 Isaías descreve os novos céus e a nova terra que teriam sido instaurados se Israel atendesse às mensagens dos profetas e cumprisse o propósito divino após a restauração do cativeiro. Israel falhou; portanto, em aplicação secundária, esses versículos apontam para os novos céus e a nova Terra a serem estabelecidos no fim do milênio. No entanto, a descrição deve ser interpretada primeiro sob o aspecto de sua aplicação local, e a aplicação secundária só deve ser feita à luz do que os escritores do Novo Testamento e o Espírito de Profecia dizem a respeito da vida futura".

Dentre os expositores adventistas de textos difíceis, inegavelmente o que mais se projetou foi Francis Nichol, porém sua explicação para este verso de Isaías não nos satisfaz plenamente. Suas idéias poderiam ser concentradas nestas palavras:

"Isaías 65:20 trata das condições existentes na Nova Terra, bem como das circunstâncias para restaurar a Terra e exterminar o pecado. Este verso deve ser estudado em conexão com Apoc. 20 a 22.

"Após o milênio haverá um período de tempo suficiente longo para que os ímpios se organizem visando destruir o arraial dos santos. Cem anos será o período entre a ressurreição dos ímpios e sua destruição final. O ímpio que morrer depois de cem anos de

existência, sua idade depois da ressurreição, será considerado como uma criança, comparado com a duração da vida dos remidos que é eterna".

O eminente exegeta Dr. Adão Clarke declara sobre esta passagem:

"A pessoa viverá trezentos ou quinhentos anos como nos dias dos patriarcas e se alguém morrer aos cem anos é por causa do seu pecado; e mesmo naquela idade será considerado uma criança, e dirão dele morreu um infante".

Da explicação dada pela *Review and Herald*, 11/12/1958, para Isa. 65:20 destacamos esta parte:

"Há contudo, um princípio de interpretação exposto claramente na Bíblia e no Espírito de Profecia, que permite uma compreensão dessa passagem, sem a forçar nem lhe dar sentido alegórico, e que é ao mesmo tempo lógica e positiva. Resumindo, o princípio é o seguinte: Os profetas de Israel e Judá, que prediziam para o povo escolhido um futuro grandioso, isso faziam na pressuposição de que o povo cumprisse o destino traçado por Deus...

"De acordo com esse princípio, a passagem de Isaías descreve condições que teriam prevalecido no caso de Israel ter atendido à luz do Céu. No estabelecimento de Jerusalém como a poderosa metrópole da Terra, teria havido um período em que as condições ali descritas se teriam cumprido ao pé da letra. Com a benção de Deus a repousar sobre o Seu povo, ter-se-ia abolido a morte prematura. Isso é o que Isa. 65:20 prediz. A tradução de Goodspeed dá assim a última parte do versículo 20: 'O mais jovem morrerá com cem anos de idade, enquanto aquele que não alcançar cem anos será considerado maldito'. Terá esta passagem qualquer aplicação ao futuro? Sim. Com o fracasso de Israel, as promessas feitas ao Israel antigo se cumprirão na igreja cristã; não, porém, em todos os pequeninos pormenores. Escritores do Novo Testamento nos informam acerca da maneira e alcance desse cumprimento. Daí, essas profecias antigas devem sempre ser estudadas à luz da revelação do Novo Testamento".

Para melhor compreensão deste verso seria útil ler o contexto referente à época pré-exílica, especialmente os capítulos 63, 64 e 65. No capítulo 63 o profeta inicia uma fervorosa oração para que Deus mudasse a terrível situação em que Israel se encontrava, destacando o deplorável estado de Jerusalém e do templo (64:10-11). Deus respondeu à sua fervorosa prece, a qual está relatada no capítulo 65. Nesta oração é apresentada a situação dos que rejeitaram as advertências divinas e daqueles que as aceitaram.

A leitura dos versos 18 e 19 nos mostram que o relato se refere a Jerusalém terrestre.

Para o profeta a vida seria tão diferente depois do cativeiro e se prolongaria de tal maneira que quem morresse aos cem anos seria ainda jovem.

Outros estudiosos declaram que com referência ao Israel literal a expressão "não haverá mais nela criança para viver poucos dias" significa a promessa divina de acabar com a mortalidade infantil.

A declaração "nem velho que não cumpra os seus dias" para Isaías indicava que os anciãos não morreriam antes de haver vivido todo o período designado por Deus.

A proposição: "porque morrer aos cem anos é morrer ainda jovem" tem dado mais trabalho aos exegetas, mas como declarou Adão Clarke se o profeta esperançosamente almejava um período de vida de mais de trezentos anos, aos cem ele seria ainda jovem.

A parte final do verso "quem pecar só aos cem anos será amaldiçoado" apresenta um problema de tradução, porque de acordo com o hebraico assim deveria ser traduzida: o que não atingir os cem anos é porque é amaldiçoado. O verbo hebraico "chatah" significa atingir, não apresentando a idéia de pecador.

As traduções de Moffatt e The New English Bible confirmam o que estamos defendendo a exemplo da de Goodspeed, já mencionada neste trabalho.

"Lá nenhuma criança morrerá novamente ainda infante, nenhum velho deixará de viver até o fim sua vida, todo menino viverá seus cem anos antes de morrer, e quem quer que não alcance os cem será amaldiçoado". N. E. B.

"Nenhuma criancinha morrerá mais na infância, e nenhum velho que não tenha vivido até o fim seus anos de vida; o que morre mais jovem vive cem anos; qualquer que morrer abaixo de cem anos é porque foi amaldiçoado por Deus". Moffatt

Conclusão

A *Revista Adventista* de abril de 1958, pág. 36 assim concluiu a explicação para esta passagem:

"Afinal o que é necessário para a nossa salvação acha-se na Bíblia medianamente claro. Não será melhor deixar descansar o tão discutido Isaías 65:20, como uma passagem difícil demais para a nossa compreensão, e inteiramente dispensável para a nossa salvação? Do contrário, Deus nos teria revelado seu sentido".

De todas as explicações apresentadas, a mais razoável parece ser a ventilada neste estudo, isto é, que o verso se refere a Jerusalém literal, que se teria cumprido se os israelitas tivessem sido fiéis a Deus.

O CASAMENTO DE JOSÉ COM MARIA

"Ora, o nascimento de Jesus Cristo foi assim: estando Maria, sua mãe, desposada com José, sem que tivessem antes coabitado, achou-se grávida pelo Espírito Santo." Mat. 1:18, RA

A Bíblia de Jerusalém assim o traduz:

"A origem de Jesus Cristo foi assim: Maria sua mãe, comprometida em casamento com José, antes que coabitassem achou-se grávida pelo Espírito Santo". Mat. 1:18, BJ

Esta mesma Bíblia traz a seguinte nota para este verso:

"Trata-se de um compromisso de casamento, isto é, de um noivado, mas o noivado judaico era um compromisso tão real que o noivo já se dizia 'marido' e não podia desfazê-lo senão por um repúdio".

Em última análise, o problema com esta passagem é o seguinte: Traduções antigas apresentavam os pais de Jesus como sendo casados, porém hoje, traduções mais afinadas com o original não o fazem. O verbo grego *mnesteuo* significa: pedir em casamento, noivar, estar comprometido, refere-se ao prévio contrato de casamento.

Broadus em seu *Comentário do Evangelho de Mateus*, pág. 64, escreveu: "Desde o momento que se faziam noivos, cada uma das partes se achava legalmente ligada à outra podendo ser chamados marido e mulher".

As palavras do Comentário Adventista sobre Mat. 1:18 são precisas e trazem luz para a solução do problema:

"O noivado constituía um relacionamento legal, um pacto tão solene, que apenas poderia ser desfeito por processos legais, isto é, pelo divórcio".

Entre os judeus, uma moça noiva era chamada de esposa e como tal era tratada. O período que ia do noivado às bodas propriamente ditas, era mais ou menos de um ano, quando o jovem casal deixava a casa dos pais para viver juntos (Gên. 24:55; Juízes 14:8; Deut. 20:7). A quebra do sétimo mandamento, neste período, por qualquer um dos noivos era adultério e a união só poderia ser desfeita através do divórcio.

A noiva, se ela fosse culpada, como parecia no caso de Maria, aos olhos de José devia ser apedrejada (Deut. 22:23-24).

Mas José podia legalmente escolher dois caminhos, de acordo com as leis do Velho Testamento.

- 1º) Expor a sua noiva à vergonha pública, acusando-a de adúltera (Deut. 22:21) para depois ser apedrejada.
- 2º) Desquitando-se "secretamente", sem mencionar na carta de desquite as razões para sua atitude.

Mateus no verso 19 apresenta José como justo, mas apesar disso não queria viver com uma mulher que lhe tinha sido infiel, pensava ele, mesmo assim, por ser de coração magnânimo não queria a sua morte. Por essa razão intentou deixá-la secretamente; ou optou pela segunda alternativa, que não foi consumada porque a intervenção divina fez com que o problema fosse solucionado. Mateus 1:20.

A palavra que aparece traduzida por infamar ou difamar do verso 19 é a forma verbal grega "deigmatisai" - que significa fazê-la um espetáculo (público). Há manuscritos gregos que trazem "paradeigmatisai" - fazê-la um exemplo.

OS IRMÃOS DE JESUS. A VIRGINDADE DE MARIA

Os títulos que encimam este assunto têm dado motivo para intermináveis controvérsias entre católicos e protestantes.

Os irmãos são mencionados nas seguintes passagens: Mat. 12:46; 13:55; 28:10 e Marcos 6:3.

Outras duas passagens relacionadas com os irmãos de Jesus e a virgindade de Maria são Mat. 1:25 e Luc. 2:7.

Em Mar. 6:3 lemos: "Não é este o carpinteiro, filho de Maria, irmão de Tiago, José, Judas e Simão? e não vivem aqui entre nós suas irmãs?"

Este versículo já deu origem a muitas conjecturas e continua sendo motivo de acaloradas divergências. Muitos protestantes, baseados neste verso concluem que Maria foi mãe, não apenas de Jesus, mas em virtude de sua união com José, de quatro homens mais e de algumas mulheres, nascidos todos depois de Jesus, que foi o primogênito. É uma realidade inegável que não se encontra nos Evangelhos e em nenhum outro livro da Bíblia nenhuma referência a outros filhos de Maria além de Jesus.

Lucas 2:7. Descrevendo o nascimento de Jesus, usa com referência a Maria, a conhecida frase "ela deu à luz o seu filho primogênito".

Os defensores de outros filhos de Maria apresentam Mat. 1:25 como prova para assim crerem, especialmente as palavras "conheceu" e "até". Conhecer é um eufemismo semita para indicar as relações conjugais. Os comentaristas, de modo geral, citando a expressão "até que", afirmam que Mateus quis especificar o que acontecera

(nenhum contato) antes do nascimento de Jesus e não o que se verificou depois. Segundo nossa sintaxe, as palavras "até que" pressupõem o fim de uma situação e o início de uma outra contrária. Outros argumentam que no hebraico e no grego a expressão pode ser usada, mesmo que não haja uma mudança de situação.

O dicionário da Bíblia de João Davis, pág. 288, declara: "O que parece mais razoável e mais natural é que eles eram filhos de Maria depois de nascido Jesus. Que esta teve mais filhos é claramente deduzido de Mat. 1:25; e Luc.2:7 que explica a constante associação dos irmãos do Senhor com Maria".

Os católicos, começando por S. Jerônimo, sempre solícitos em defenderem o dogma da perpétua virgindade de Maria, afirmam que os chamados irmãos, nas passagens citadas, são na realidade primos de Jesus, filhos de uma irmã de Maria, mulher de Alfeu ou Clopas, segundo João 19:25. A opinião mais defendida desde a antigüidade apoia que esses irmãos eram apenas "primos - irmãos". Os que apoiam essa idéia alegam que em todas as línguas, mas especialmente naquela falada por Jesus, o termo "irmão" tem uma elasticidade notável; emprega-se para irmão, por parte de Dai ou de mãe, primo e também para um parente mais afastado. Apresentam citações bíblicas para provar, que os judeus tinham por costume chamar de irmãos a certos parentes.

A Igreja Católica, desde os primeiros séculos, sempre venerou Maria como virgem em sentido absoluto, antes, durante e depois do nascimento de Jesus. Para nós esse dogma é uma simples tradição, admitida mesmo por alguns comentaristas católicos, como podemos verificar em "Cem Problemas Bíblicos", pág. 278, Edições Paulinas. É real que tal tradição não teria surgido se os apóstolos tivessem conhecido e mencionado autênticos "filhos" de Maria além de Jesus.

Há uma terceira interpretação, semelhante às mencionadas e que foi defendida também pelos antigos pais da igreja (Orígenes, Eusébio de Cesaréia, Epifânio, Ambrósio e outros), segundo a qual é José era viúvo quando se casou com Maria, e os aludidos irmãos e irmãs eram filhos de seu matrimônio anterior, com uma tal Melca ou Esca, chamada por outros Salomé.

Sabemos que os Evangelhos nada dizem com respeito a José, sobre seu estado de viuvez antes de seu casamento com Maria.

Apesar do silêncio dos evangelistas, esta versão é a que deve ser aceita por nós, como nos comprova o Comentário Adventista e o Espírito de Profecia.

"Seus irmãos. Os escritores dos evangelhos tornam claro que esses eram filhos de José em razão de matrimônio anterior. O fato de que Jesus confiou Sua mãe aos cuidados de João (ver S. João 19:26, 27) indica que os 'irmãos' (e irmãs) de Jesus não eram propriamente filhos de Maria. Que eles eram mais velhos que Jesus é demonstrado pela atitude deles e seu relacionamento para com o Senhor. Eles tentavam repreendê-Lo e falavam-Lhe com severidade (S. João 7:3, 4) procurando interferir em Sua conduta por outras maneiras. Tais atitudes somente seriam cabíveis a irmãos mais velhos, segundo os costumes da época. Para quem está familiarizado com a vida nas terras bíblicas esse argumento, por si só, parece conclusivo...

"Embora esses 'irmãos' não cressem em Jesus naquele tempo (S. João 7:3-5), eles posteriormente O aceitaram e foram contados entre Seus seguidores (ver Atos 1:4)". – *Seventh-Day Adventist Bible*, comentário de S. Mateus 12:46

"Seus irmãos, como eram os filhos de José, tomavam o lado dos rabinos." – *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 86.

"Tudo isso desgostava os irmãos. Sendo mais velhos que Jesus, achavam que Ele devia estar sob sua direção." – Idem.

O Pastor Juan Ferri defendeu tese idêntica declarando:

- 1º) Que os chamados "irmãos" mencionados em Mat. 13:55 e Mar. 6:3 não são primos do Senhor.
- 2º) Que são pessoas diferentes e não os filhos de Maria, esposa de Alfeu, embora tivessem nomes iguais.
- 3º) Que a única conclusão lógica seria que fossem filhos de um primeiro matrimônio de José, o que é confirmado por antiga tradição.

A seguir apresenta as provas bíblicas, que segundo seu parecer, constituem a base dessa última conclusão. Não as transcreveremos por duas razões:

- 1º) Não as reputamos essenciais;
- 2º) Por serem muito extensas. *O Pregador Adventista*, março-abril de 1949, págs. 3-8.

A Castidade de José

A Igreja Católica, apoiada em idéias defendidas por S. Jerônimo e S. Agostinho, afirma que José se conservara casto não somente depois do seu casamento com Maria, mas também antes dele.

Juan Ferri, no artigo já citado, sustenta a castidade de José após o nascimento de Jesus declarando:

"Vejo nisso nada mais do que a atitude conseqüente de um homem que, desde o momento em que o anjo Gabriel lhe revelara o propósito divino, compreendeu seu dever, aceitando a sagrada incumbência e se limitando a ser o que Deus queria que fosse: o pai legal e mantenedor de Jesus e o esposo legal e mantenedor de Maria ...

"A sua união legal com a virgem era requerida somente como uma medida indispensável para que o bom nome daquela santa mulher permanecesse protegido de calúnia e infâmia".

É bom frisar que ele declara ser esta uma opinião pessoal e não a posição da Igreja.

Conclusões Gerais

Tanto católicos como protestantes têm tomado posições extremadas, para as quais não se acham nenhuma base bíblica.

Não encontramos nada em o Novo Testamento a respeito da eterna virgindade de Maria; se esse fato fosse essencial para o plano da salvação ele seria apresentado.

Em contrapartida os protestantes também não podem, pela Bíblia, apresentar provas convincentes de que os irmãos e irmãs de Jesus fossem filhos de José e Maria. Russell Norman Champlin em seu *Novo Testamento Interpretado* (I vol. pág. 396) apresenta argumentos, na sua opinião irrefutáveis de que José e Maria tiveram vários filhos. Para mim ao menos, os argumentos não são convincentes.

Em face destas duas posições exageradas, nossa posição devia estar no meio termo: Maria somente deu à luz a um filho, o nosso Salvador; e por ser virgem "antes do parto", não há nenhuma base para crer que continuasse a sê-lo no parto e depois dele.

CUMPRIR A LEI – MAT. 5:17

Uma das afirmações mais absurdas no domínio da exegese de passagens bíblicas é a referente a Mat. 5:17, última parte:

"Não penseis que vim revogar a lei ou os profetas: não vim para revogar, vim para cumprir".

Que argumentos podem ser invocados para concluir, que cumprir a lei, signifique não estar mais em vigor?

Apenas um desconhecimento completo do significado das palavras pode levar alguém a afirmar que cumprir, signifique apenas cessar, deixar de vigorar. Embora a palavra tenha também este significado, qualquer dicionário nos informará que significa também: observar, obedecer, realizar completar. A prova máxima é que o sentido dado por Mateus não é o de cessar ou deixar de vigorar se encontra na mesma passagem e no verso seguinte: "Não penseis que vim revogar a lei ou os profetas". "Até que o céu e a terra passem, nem um i ou um til jamais passará da lei".

Com propriedade escreveu Arnaldo Christianini em *Subtilezas do Erro*:

"Cumprir não é fazer passar uma lei ou cessar-lhe a vigência, por tê-la satisfeito em exigência ou atendido a seus preceitos, pois se o fosse, então seria nada menos do que ab-rojá-la pura e simplesmente. Mas, no texto, Cristo declarou inequivocamente: não vim ab-rogar. Diz o grande lexicógrafo Webster: 'cumprir é obedecer'. É um atendimento à exigência legal, uma satisfação ao preceito. Um cidadão cumpre o dever de votar, por exemplo. Extingue-se a instituição do voto, por ele tê-lo cumprido? Não! A exigência é permanente; o cumprimento é transiente. O cumprimento afeta a pessoa, não a exigência; liga a pessoa à exigência, mas não remove a exigência. Esta só é removível por força de lei superior que expressamente o declare. É princípio de direito e de doutrina. Cristo cumpriu o batismo mas não o aboliu. Em Gálatas 6:2, se diz: 'Levai as cargas uns dos outros, e assim cumprireis a lei de Cristo'. Imagine o leitor, se isto significa abolir!"

O que os comentaristas bíblicos disseram sobre esta expressão nos ajuda a equacionar o problema de acordo com o sentido que Cristo lhe deu.

J. Broadus explica Mat. 5:17 assim: "Cumprir é a tradução de uma palavra grega, significando tornar claro, encher... Significa executar plenamente, realizar, aplicado a qualquer obra ou dever".

Strong, por ser batista, pensa de modo diferente do nosso com respeito à lei, por isso suas afirmações sobre a lei são valiosas. Em sua Teologia Sistemática, comentando Mat. 5:17, afirma:

"Jesus devia cumprir a lei e os profetas mediante completa execução da vontade revelada de Deus ... Desde que a lei é um transcrito da santidade de Deus, suas exigências como uma regra moral são imutáveis".

Spurgeon, referindo-se a Mateus 5:17, declarou: "Para mostrar que Ele jamais pensou em ab-rogar a lei, nosso Senhor exemplificou (cumpriu) todos os preceitos em Sua própria vida".

Jamieson, Fausset e Brown afirmam ser este o sentido de Mateus 5:17: "Não espereis encontrar em meu ensino algo de derogativo aos oráculos do Deus vivo. Não vim ab-rogar, mas estabelecer a Lei e os Profetas".

Não há necessidade de acrescentar mais nenhuma prova.

PERFEIÇÃO – MAT. 5:48

"Portanto, sede vós perfeitos como perfeito é o vosso Pai celeste".

Deus nunca propõe a Seus filhos padrão baixo. O versículo acima, entretanto, não quer dizer ser perfeito em sabedoria, como Deus o é, pois somos finitos. Não quer dizer perfeito em poder como Ele o é, porquanto Sua esfera é infinitamente mais alta que a nossa. Quer, porém, dizer que devemos amá-Lo perfeitamente, de todo o coração, entendimento, alma e forças. Isto é o que Deus deseja, pois Seus olhos "passam por toda a terra, para mostrar-se forte para com aqueles cujo coração é totalmente dele". Em algumas traduções encontramos: "cujo coração é perfeito para com Ele". II Crôn. 16:9.

A palavra grega que aparece em Mateus 5:48 é *teleios*, literalmente significando, maduro, completo, que atingiu o alvo. Em I Cor. 14:20 Paulo emprega *teleioi* denotando física e intelectualmente homens amadurecidos.

O sentido de perfeito em Mateus 5:48 é que Deus exige de nós perfeição em nossa esfera como Deus o é na Sua. Deus deseja de nós o serviço mais perfeito que nos é possível prestar a Ele.

Joseph Angus em *História, Doutrina e Interpretação da Bíblia*, pág. 145, comentando a palavra "perfeição" assim se expressou:

"A perfeição se acha definida em várias partes da Bíblia. O termo emprega-se em muitos lugares do Velho Testamento como sinônimo de retidão ou de sinceridade. (Sal. 37:37 em hebraico).

Em o Novo Testamento, significa ou a posse de um claro e exato conhecimento da verdade divina, ou a posse de todas as graças do caráter cristão num grau maior ou menor. A primeira destas significações vê-se em Heb. 5:14, onde se diz que o "mantimento sólido é para os perfeitos, os quais já pelo costume têm os sentidos exercitados para discernir o bem e o mal"; e também se pode ver em I Cor. 2: 6 e em Fil. 3:15. A segunda definição vem em Tiago 1:4, onde "perfeito" significa o mesmo que "completo" na maneira de viver. Na Segunda Epístola de Pedro 1:5 se enumeram os dons que formam o cristão perfeito".

A seção Consultoria Doutrinária da *Revista Adventista*, agosto de 1975, pág. 25, à consulta: Pode o cristão ser perfeito?, apresentou a seguinte resposta:

"Se por 'perfeição' o consulente quer dizer ausência de pecado, então a resposta é de que jamais na Terra alguém alcançará a perfeição. A não ser um presunçoso ou paranóico, ninguém, em sã consciência poderá afirmar estar sem pecado. Só Cristo pôde dizê-lo.

"Entretanto, os cristãos reais, os nascidos de novo, podem falar em serem perfeitos, desde que estão justificados pela fé. É que a perfeição de Cristo lhes é atribuída. Assim como Jesus foi considerado pecador da pior espécie quando na verdade era inocente, assim a pessoa que confia unicamente em Cristo para salvar-se é considerada inocente, quando na verdade é culpada. Na epístola aos Romanos, Paulo, repetidamente, diz que os que confiam em Cristo para a salvação são considerados por Deus como perfeitos. Toda esta questão deve ser considerada como uma transação legal realizada por Deus. Na realidade Jesus não era culpado, e nós não somos inocentes. Isto, em termos teológicos denomina-se "justificação pela fé". Tudo é iniciativa divina, e a parte do homem consiste apenas em atender ao chamado de Deus, lançando-se nos braços de Cristo. E a justificação se opera, não porque o pecador se sinta justo, mas sim porque Deus o declara justo. Neste relacionamento com Cristo devemos permanecer e crescer. E quando isto ocorre, devemos, sem dúvida melhorar nossa vida, nossos hábitos, nosso relacionamento com Deus e com o próximo. E assim recebemos a justiça comunicada de Cristo, que nos habilita a vencer as tentações, bem como a obedecer aos reclamos divinos. Não adianta dizer que confiamos numa pessoa, se não aceitamos seus conselhos.

"É verdade que, mesmo justificados, nosso comportamento nunca se tornará impecaminoso. Encontramos pessoas que parecem boas e nobres mas não pretendem firmar santidade. Em suma, somos perfeitos, no conceito teológico, porque a justiça perfeita de Cristo nos foi atribuída.

"Devido ao nefasto legalismo que lamentavelmente impera ainda em mais de 70% de nossos membros, a verdade maravilhosa e confortadora da justificação pela fé fica obscurecida, e vemos, não raro, pessoas graves, mal-humoradas, que têm conflitos íntimos e julgam que não serão salvas, mortificadas com algum pecado cometido, julgando-se abandonadas por Deus. Falta-lhes o sorriso que reflete o gozo do Espírito

Santo, produzido pela paz de quem é justificado. Rom. 5:1. Tornando-se pessoas críticas, malcontentes com tudo; exigentes demais com os outros, maldizentes, acusadoras, etc."

O PECADO CONTRA O ESPÍRITO SANTO

A resposta à pergunta "O que é o pecado contra o Espírito Santo?" é muito conhecida, portanto relativamente fácil de ser dada.

A leitura das palavras de Cristo em Mateus 12:31 e 32 tem preocupado a muitos cristãos sinceros temerosos de terem cometido este pecado.

O conhecimento do trabalho do Espírito Santo ajuda na compreensão do que Cristo quis dizer.

O Espírito Santo é o mais poderoso agente divino para influenciar o ser humano; e o meio pelo qual Deus opera, rogando, suplicando retorne à senda cristã. Se o homem rejeita voluntariamente o Espírito, propositadamente ele se desliga do meio de comunicação com o céu, e a pessoa ultrapassa os limites do perdão como nos diz Marcos (3:29).

Conforme as Escrituras há três estágios progressivos para se chegar ao estado de não haver mais perdão.

- 1º) Entristecer o Espírito Santo (Efés. 4:30), pela continuação de uma vida que impeça a Sua operação.
- 2º) Resistir ao Espírito Santo como fizeram os judeus (Atos 7:51).

3º) Suprimindo o Espírito (I Tes. 5:19) até que a alma perde a sensibilidade (Efés. 4:19) e o Espírito se afasta.

Pecado contra o Espírito Santo não é um ato, ou um pecado tão repelente que Deus não possa perdoar, mas um estado do coração pecaminoso, que se opõe de maneira determinada e voluntária aos apelos que são feitos.

O pecado contra o Espírito Santo pode ser sintetizado nesta simples frase: é o pecado do qual o homem não se arrepende. O pecado mais comum contra o Espírito Santo é a persistente negligência em ouvir o Seu convite para o arrependimento.

Este pecado é imperdoável, não porque Deus não queira perdoá-lo, mas porque o pecador se colocou numa posição em que não tem mais o desejo de receber perdão. A Bíblia é muito clara ao garantir-nos que por mais abjeta que seja a transgressão, se o infrator se arrepender, pedir o perdão divino este lhe será concedido. Quando o Espírito Santo é rejeitado por tanto tempo, que o homem não pode mais ser alcançado por Sua influência, também não há mais esperança de salvação.

O pecado contra o Espírito Santo ou o pecado imperdoável é aquele sobre o qual o pecador não deseja receber perdão.

O contexto histórico de Mat. 12:31-32 nos ajuda a compreender melhor o que Jesus queria dizer por pecado imperdoável. Segundo a narração de Mat. 12:22-30 a multidão estava admirada do milagre que Jesus efetuara, mas este ato divino provocou uma reação negativa nos fariseus, que procuravam desacreditá-Lo diante do povo. Acusaram-no de expulsar os demônios por Belzebu, o príncipe dos demônios. Em seu ódio a Cristo, aqueles líderes religiosos em vez de reconhecerem que os milagres eram realizados pelo poder do Espírito Santo, preferiram atribuir este poder a Satanás. A rejeição de Cristo torna-se a base para o pecado imperdoável. Cada passo dado na rejeição de Cristo é um passo dado no sentido da rejeição da salvação, um passo dado para o pecado contra o Espírito Santo.

Adão Clarke diz claramente: "Quando a pessoa obstinadamente atribui ao demônio o que ela tem completa evidência de que apenas poderia ser realizado pelo Espírito de Deus, ela comete o pecado contra o Espírito Santo".

Segue-se parte da resposta dada à pergunta: O que é o pecado imperdoável?

"Se há um pecado imperdoável é justamente o que atribuí a Deus o que Satanás faz, e a Satanás o que Deus faz. Se o homem cortar o único meio pelo qual Deus se comunica com ele e o salva, a última esperança de livramento terá de ser abandonada.

"A pessoa que teme ter já cometido o recado imperdoável, tenha esta certeza: Qualquer pessoa que tem um coração brando e que sente tristeza pelo pecado, tem por si o Espírito Santo, e ainda não cometeu o pecado imperdoável, tem, com isso, a melhor prova de que ainda não o fez; porque é sinal de que o Espírito Santo está trabalhando em seu coração para convencê-la a e trazê-la ao arrependimento. Esta é a sua primeira obra (S. João 16:7, 8)". *O Atalaia*, setembro de 1930, pág. 24.

Conclusão

Todo o pecado é perdoável quando a pessoa o reconhece e roga a Deus que lhe perdoe.

Pecado imperdoável e a contínua rejeição da graça divina, o não atendimento aos apelos do Espírito para que a pessoa se arrependa. É o ato de colocar-se fora da influência dos apelos do Espírito Santo.

Que é "pecado para morte" de acordo com I João 5:6?

"Se alguém vir a seu irmão cometer pecado não para morte, pedirá, e Deus lhe dará vida, aos que não pecam para morte. Há pecado para morte e por esse não digo que rogue".

A que pecado se refere João na sua primeira carta, capítulo 5:16? Seria o pecado de imoralidade, o pecado da apostasia, a blasfêmia contra o Espírito Santo?

João não especifica os pecados para a morte e os pecados que não são para a morte.

Ele classifica todos os pecados em dois grupos: os que são "para morte" (imperdoáveis), e os que "não são para morte" (passíveis de perdão).

Teólogos católicos baseados nesta passagem têm classificado os pecados para a morte (mortais) e os pecados não para a morte (veniais). Pecados mortais seriam os pecados graves, deliberados, que levam o pecador à morte espiritual, enquanto os pecados veniais seriam as faltas leves, cometidas sem reflexão.

João não se refere nesta passagem a um pecado específico, como a violação de um dos Dez Mandamentos. A palavra pecado no grego aparece sem artigo, dando-lhe assim um sentido indefinido.

Muitos comentaristas (inclusive o SDABC) se inclinam a crer que haja aqui referência ao pecado imperdoável de Mat. 12:31 e 32.

Eis duas notas bíblicas explicativas:

"Sobre este pecado de excepcional gravidade, os destinatários da epístola deveriam estar bem informados. Poderia ser o pecado contra o Espírito, contra a verdade (cf. Mat. 12:31) ou a apostasia dos anticristos (I João 2:18-29; Heb. 6: 4-8)." – *Bíblia de Jerusalém*.

"Este pecado corresponde ao 'pecado eterno' contra o Espírito Santo". – *Bíblia Vida Nova*.

No SDABC há proveitosas explicações sobre esta passagem.

CONFISSÃO AURICULAR E PERDÃO DE PECADOS

A Igreja Católica, baseada em algumas passagens bíblicas, como Mat. 3:6; Luc. 5:21; 7:49, destacando-se **João 20:23** instituiu a confissão auricular.

Autoriza a Bíblia esta doutrina? Vejamos o que ela diz sobre a confissão.

Alfredo Vaucher em *L'Histoire du Salut* diz:

"Parte alguma da Escritura designa os guias espirituais como encarregados de receber as confissões dos fiéis e conceder ou recusar absolvição".

Nenhuma passagem da Bíblia autoriza a confissão auricular como afirmam teólogos católicos.

João 20:23: "Se de alguns perdoardes os pecados, são-lhes perdoados; se lhos retiverdes, são retidos".

Alguns exegetas afirmam que os verbos perdoar e reter deste verso se equívalem a ligar e desligar que aparecem em Mat. 16:19 e 18:18. A exegese de Mateus não pode ser aplicada neste contexto de João.

A interpretação eclesiástica católica defende que os apóstolos na qualidade de representantes de Cristo, podiam na realidade perdoar ou reter os pecados dos homens no sentido literal, através da administração do confessionário. Sendo que a transferência apostólica, no seu entender, foi feita para os sacerdotes católicos eles se sentem no direito de ter hoje este privilégio. Essa transferência se baseia única e exclusivamente na tradição eclesiástica e não em qualquer declaração bíblica ou na autoridade das Escrituras.

As passagens bíblicas que falam em confissão e perdão de pecados, de modo nenhum autorizam a confissão auricular e muito menos lhe dão o direito de perdoar pecados. É desarrazoada a crença de que uma criatura possa perdoar pecados cometidos por outra criatura contra o Criador.

Mat. 3:6 é uma referência a João que batizava os que se arrependiam e confessavam os pecados. Mas a quem eles confessavam? Naturalmente a Deus e aos semelhantes a quem eles haviam ofendido.

De acordo com a Bíblia temos três espécies de confissões:

- a) A confissão feita a Deus, de todos os nossos pecados;
- b) A confissão recíproca às pessoas, que ofenderam e foram ofendidas;
- c) A confissão pública de pecados que se tornaram públicos e trouxeram escândalo à igreja.

De maneira nenhuma podemos aceitar, que em João 20:23 Cristo instituísse a confissão auricular. Nesta passagem Cristo reconhece que Sua Igreja está investida de autoridade. Os atos da legítima igreja de Deus na Terra, em matéria de disciplina imposta aos seus membros, são ratificados pelo céu como concluímos da leitura de Mateus 18:18.

De acordo com o relato inspirado somente Deus pode perdoar pecados (Nee. 9:17; Sal. 32:1; Rom. 4:6-8), porque Ele esquadrinha o nosso coração e nos cerca com Sua providência (Sal. 139:1-18; Jer. 17:10).

O comentário, que o insigne exegeta metodista, Adão Clarke, fez sobre João 20:23 não pode ser ignorado por nós:

"É certo que Deus, unicamente, pode perdoar pecados; e seria não somente uma blasfêmia, mas também crasso absurdo dizer que qualquer criatura pudesse perdoar a culpa de uma transgressão cometida contra o Criador. Os apóstolos receberam do Senhor a doutrina da reconciliação e a doutrina da condenação. Os que em consequência de sua pregação cressem no Filho de Deus, tinham perdoados os seus pecados; e os que não cressem, permaneciam na condenação".

É uma sublime esperança, a declaração bíblica da disposição divina em nos perdoar, conforme relata o profeta Isaías [55:7). De outro lado, devemos exercer para com nosso próximo a mesma misericórdia que esperamos de Deus. (Mat. 6:14; 18:23-25; Mar. 11:25).

Deus nos perdoa em Cristo, por ter Ele vertido o Seu sangue pelos pecadores. (Efés. 4:32; I Ped. 1:18 -19).

A declaração paulina de I Tim. 2:5 é muito enfática, em nos assegurar que o ser humano não necessita confessar os seus pecados a um sacerdote: "Porquanto há um só Deus e um só mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem".

Cristo deu a Sua vida pela nossa redenção; aceitando-O pela fé, receberemos a remissão dos pecados. (At. 13:38; 26:18).

Outra passagem que mereceria ser destacada, no contexto de confissão e perdão de pecados, é Tiago 5:16, por aconselhar: "Confessai, pois, os vossos pecados uns aos outros..."

Não encontramos nesta exortação a idéia de que devemos confessar os pecados a uma terceira pessoa, porém, está ele recomendando a reconciliação entre o ofensor e o ofendido, além da confissão a Deus, que em última análise foi também ofendido.

S. João 20:23 proclama esta sublime verdade: a mensagem de reconciliação trazida e perdão aos que a recebem, mas resulta em condenação e permanência da culpa com os que a rejeitam.

Segue-se o que diz o Comentário Adventista sobre S. João 20:23:

"Aqueles a quem perdoardes os pecados. Jesus fala aqui aos discípulos como representantes de Sua igreja na Terra, à qual, atuando na capacidade de corporação; havia Ele confiado a responsabilidade de cuidar dos interesses e necessidades espirituais de seus membros individualmente. Jesus já lhes havia explicado plenamente como tratar com membros errantes, em primeiro lugar pessoalmente (veja Mateus 18:1-15, 21-35), e então com a autoridade da igreja (veja vv. 16-20). Reitera Ele agora o conselho dado naquela ocasião anterior.

"A igreja deve trabalhar fielmente para a restauração de seus membros errantes, encorajando-os a arrependerem-se e se volverem de seus maus caminhos. Quando há evidências de que as coisas foram acertadas com Deus e os homens, a igreja deve aceitar o arrependimento como genuíno, liberar o errante das acusações trazidas contra ele ("perdoar" seus "pecados"), e recebê-lo de volta em plena comunhão. Tal ato de perdoar pecados é ratificado no céu; em realidade, Deus já aceitou e perdoou ao penitente (veja Lucas 15:1-7). Ensinam expressamente as Escrituras, porém, que a confissão do pecado e o arrependimento por havê-lo praticado devem ser feitos diretamente ao trono da graça no céu [veja Atos 20:21; I João 1:9], e que a liberação da alma do pecado vem apenas pelos méritos de Cristo e Sua mediação pessoal (I João 2: 1). Esta prerrogativa jamais foi delegada por Deus a errantes mortais, que tão freqüentemente necessitam eles próprios da divina misericórdia e graça, muito embora sejam líderes nomeados da igreja. Veja DN 769, 770; Mateus 16:19.

"Lhes são retidos. Quando não há evidências de genuíno arrependimento, as acusações trazidas contra um membro errante devem ser "retidas". O céu reconhecerá a decisão da igreja, pois nenhum homem pode estar em condição satisfatória para com Deus quando deliberadamente está em desavença com seu próximo. Aquele que despreza o conselho dos representantes de Deus nomeados na Terra não pode esperar desfrutar do favor de Deus. Para uma ilustração da operação deste princípio na igreja primitiva leia Atos 5:1-11".

QUAL O SIGNIFICADO DE "SÁBADO SEGUNDO-PRIMEIRO" DE LUCAS 6:1?

"E aconteceu que, no sábado segundo-primeiro, passou pelas searas, e os seus discípulos iam arrancando espigas, e, esfregando-as com as mãos comiam". Edição Revista e Corrigida.

Na Almeida Revista e Atualizada no Brasil não aparece o problema.

"Aconteceu que, num sábado, passando Jesus pelas searas, os seus discípulos colhiam e comiam espigas, debulhando-as com as mãos".

A expressão *sábado segundo-primeiro* que aparece em muitas traduções tem dado muito trabalho aos comentaristas. Pelo fato dos estudiosos estarem muito divididos em suas explicações até hoje não foi possível chegar a uma solução definitiva.

Russell Norman Champlin escreveu:

"Essas palavras têm deixado perplexos a muitos eruditos, e a verdade é que não parece existir um meio de explicá-las convenientemente. Não aparecem em nenhum dos manuscritos antigos, e muitos acreditam que não são autênticas no texto, tendo resultado de anotações feitas por escribas, em manuscritos posteriores. Uma explicação possível sobre a sua existência é a observação que Lucas mencionara as atividades de Jesus em outros dias de sábado, antes desta narrativa. (Ver Luc. 4:31,32). Assim, este seria o segundo sábado mencionado por Lucas, ao descrever as ações de Jesus. É possível, pois, que isso seja tudo quanto está envolvido nas palavras 'no segundo sábado depois do primeiro'."

Essas palavras aparecem, segundo ele, em alguns manuscritos unciais e em poucas traduções.

"A evidência textual favorece esmagadoramente a versão mais simples. É provável que algum escriba tenha feito essa adição, a fim de distinguir esse sábado dos outros dias de sábado, mencionados em narrativas próximas. Alguns editores têm defendido o texto mais longo, sobretudo porque é o texto mais difícil, podendo ter sido descontinuado de manuscritos mais antigos para efeito de simplificação do texto, posto que alguns podem ter deixado de compreender o sentido da observação". O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo, vol. 2, pág. 60.

Adão Clarke se estende bastante em suas notas sobre Lucas 6:1 apresentando suas idéias e de outros estudiosos.

A essência do que ele escreveu seria o seguinte: Este sábado tinha que ver com os que estavam incluídos nos dias que iam da Páscoa ao Pentecostes. E assim este "sábado segundo-primeiro" era o segundo sábado, a começar com o segundo dia da festa dos pães asmos, que era o primeiro dia da semana. Outros comentaristas concordam em que os judeus tinham três primeiros sábados: o primeiro, no primeiro sábado depois da páscoa; o segundo no primeiro sábado depois do pentecostes; e o terceiro, no primeiro sábado depois da festa dos tabernáculos.

Em nosso livro *História do Texto Bíblico* apresentamos esta idéia: Sendo que esta expressão não aparece em outra parte, tem sido um problema exegético difícil de ser solucionado. Em virtude da palavra não constar nos melhores manuscritos, poder-se-ia afirmar que ela não se encontra no original, não fosse a suspeita de que algum copista a tivesse omitido por causa de sua obscuridade.

O princípio da probabilidade transcricional torna necessário explicar a sua inserção, se não é genuína. Meyer engenhosamente sugere que a palavra é simplesmente a fusão de duas notas marginais, opinião esta que foi adotada por W. H. e outros.

Como no versículo 6, está a expressão "noutro" (heteros) sábado, algum escriba pôs na margem do primeiro verso a nota "num primeiro" (proto). Mas a recordação de diversos incidentes, que se tinham dado em sábados anteriores, levou outro copista a acrescentar "num segundo" (deuteros) sobre a outra margem. Disto se originou o anômalo "deuteroproto" que algum copista posterior intercalou no texto para confusão dos comentaristas. Ou seja assim, ou não, o fato esclarece uma deturpação do texto original.

DEFENDE PAULO A JUSTIFICAÇÃO PELAS OBRAS EM ROMANOS 2:13?

Esta passagem tem sido apresentada pelos legalistas em defesa da salvação pelas obras. Se fosse possível a salvação pela obediência à lei ou prática de boas obras, isto iria contradizer toda a teologia de Paulo. Dentre os escritores bíblicos ele foi o mais ardoroso defensor da justificação pela fé. A verdade fundamental da sua teologia é esta: o crente não é salvo por praticar boas obras. Ser "justificado por obras" na idéia de Paulo seria a rejeição de Cristo como nosso Salvador. Se o praticar boas obras propiciasse a salvação, Cristo não precisaria ter morrido por nós.

"Paulo afirma que um homem é justificado perante Deus não por realizações, mas por uma fé verdadeira". Introdução ao Novo Testamento em Inglês Moderno.

Antes da análise propriamente dita desta passagem, seria bom lembrar dois princípios hermenêuticos que mais se aplicam a este caso.

1º) A regra a que Orígenes deu o nome de "Analogia da Fé". De acordo com este princípio o texto deve ser interpretado através do conjunto das Escrituras, e nunca através de passagens isoladas.

2º) Consultar as passagens paralelas, isto é, aquelas que tratam do mesmo assunto.

A Crítica Textual nos informa que não há nesta passagem nenhum problema de tradução.

A comparação deste verso em algumas traduções nos mostra que o sentido é sempre o mesmo:

"Porque os simples ouvidores da lei não são justificados,
mas os que praticam a lei hão de ser justificados".
– Almeida Revista e Atualizada no Brasil

"Porque não são justos diante de Deus os que ouvem a Lei, mas os que obruam a Lei
hão de ser justificados". – *Trinitária*

"Não é pelo ouvir a lei, mas pelo cumpri-la que os homens serão justificados perante Deus". – *New English Bible*

"Porque não são os que ouvem a Lei que são justos perante Deus,
mas os que cumprem a Lei é que serão justificados".
– A Bíblia de Jerusalém

"Porque Deus não aceita os que somente ouvem a Lei; ele aceita os que fazem o que a Lei manda". – *A Bíblia na Linguagem de Hoje*.

Para melhor compreensão deste texto devemos considerar estas duas questões:

- 1º) O que representava a lei em o NT e neste texto de Paulo para os judeus e gentios.
- 2º) Está Paulo neste verso defendendo a salvação pelas obras?

A Lei em o Novo Testamento

De acordo com W. E. Vine no Novo Testamento nomos - lei é usada como:

- a) Lei em geral: Rom. 2:12,13; 3:27; 4:15;
- b) Força ou influência impelindo para a ação: Rom. 7:21, 23;
- c) Lei Mosaica, Lei do Sinai com artigo definido: Rom. 2:15, 18, 20; Mat. 5:18; Gál. 3:10; 5:3...
- d) Por metonímia, dos livros que contêm a lei.
 - 1) Do Pentateuco: Mat. 5:17; 12:5...
 - 2) Dos Salmos - João 10:34; 15:25...

De tudo isso pode ser deduzido que a Lei num sentido amplo foi o título alternativo para "As Escrituras". *Expository Dictionary of N T Words*.

Pelo contexto vemos Paulo dividindo o mundo em duas classes de pessoas: os judeus com sua lei dada diretamente por Deus e colocada por escrito para que todos pudessem lê-la. Os gentios, sem essa lei escrita, porém, com um conhecimento interno ou instintivo do bem e do mal implantado por Deus em seu coração.

Diante destas duas classes surge a pergunta: Quais os princípios que Deus utilizará no Dia do Juízo? Charles R. Erdman em seu Comentário de Romanos apresenta a seguinte resposta:

- a) Cada pecador será julgado segundo suas obras (vs. 6-11);
- b) Cada pecador será julgado conforme a luz que tenha.

Ele prossegue dizendo que no julgamento final a recompensa será de acordo com as obras e não com o que a pessoa professa crer. O julgamento será segundo a luz que cada um recebeu individualmente (v. 11).

William Barclay, em seu estudo sobre Romanos, pág. 57 pondera: "O homem será julgado pelo que tem tido oportunidade de conhecer. Se conhece a Lei, será julgado como quem conhece a lei. Se não conhece a Lei, será julgado como quem não conhece a lei".

Os judeus descansavam contentes no grande privilégio que tinham de serem conhecedores da lei, mas muitas vezes não viviam de conformidade com o que a lei

preceituava. Paulo estava dizendo mais ou menos o seguinte: mais importante do que ouvir, conhecer, é o praticar.

Russell N. Champlin comentando este verso sob a epígrafe: Eles Ouviram a Lei, escreveu:

- 1) Eram ensinados a cada sábado.
- 2) Nos seus lares, eram obrigados a memorizar a lei.
- 3) Havia escolas especiais que preparavam a elite, os doutores da lei.
- 4) Israel foi a mais religiosa nação de toda a história.
- 5) Essa busca era um privilégio, e produziu muito fruto.
- 6) Porém, a mera instrução não basta, a menos que o coração seja comovido, a menos que a alma seja alterada.
- 7) Seus "ouvidos" estavam educados, mas em muitos casos os seus "corações" estavam longe da Fonte da sabedoria que lhes era ensinada.
- 8) Quanto a uma outra passagem que faz o contraste entre os meros "ouvintes" e os "praticantes" da lei, ver Tiago 1:22-25".
– *O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo*, vol. 3, páginas 295-296.

F. F. Bruce ao comentar este verso no livro *Romanos – Introdução e Comentário*, pág. 74, declara:

"Talvez Paulo tenha em mente Lev. 18:5: 'Portanto, os meus estatutos e os meus juízos guardareis; cumprindo os quais, o homem viverá por eles', passagem que ele cita depois, em 10:5. O curso seguido por seu argumento indica que, embora o homem fosse justificado se fosse praticante da lei, contudo desde que ninguém a pratica perfeitamente não há justificação desse modo. A antítese entre simplesmente ouvir a lei e praticá-la e desenvolvida em Tiago 1:22-25".

Russell Norman Champlin prosseguindo na análise deste verso considera a expressão "os que praticam a lei hão de ser justificados" da seguinte maneira:

"No que diz respeito à possibilidade que tal coisa possa ser conseguida, por aqueles que observam princípios rituais e legais, a declaração que temos aqui é hipotética; e por detrás da mesma, está o pensamento que isso é simplesmente impossível o que Paulo termina por mostrar no terceiro capítulo de sua epístola. Não obstante, existem aqueles que por fim haverão de praticar perfeitamente todas as exigências da lei, e isso por terem sido aperfeiçoados em Cristo, quando possuirão a plena e perfeita santidade de Deus. Todavia, isso só pode ser conseguido mediante a redenção que há em Cristo, o que é a tese dominante do livro inteiro aos Romanos, e que encontra sua expressão mais alta no oitavo capítulo".

Do Comentário Adventista merece destaque esta parte:

"Justificados. Ou 'considerados justos', 'declarados justos'. Paulo está ainda contrastando a posição no julgamento daqueles que conhecem a vontade de Deus, e ainda assim são relutantes em obedecer-lhe, com a posição daqueles que não somente conhecem a vontade de Deus mas a ela se submetem totalmente. Que tal obediência pode vir somente através da fé já tem sido mencionado na epístola [cap. 1:5, 17; conf. cap. 3:20]. Este verso dá mais ênfase ao fato que os homens são julgados, não pelo que eles alegam saber ou professam ser, mas pelo que realmente fazem (cap. 2: 6)".

Kittel no *Theological Dictionary of the New Testament* ao estudar a palavra nomos (lei), faz a seguinte declaração: "Desde que a Lei é uma declaração da vontade de Deus, ela orienta o que o homem necessita fazer. Quando Paulo cita a declaração de

Lev. 18:5, a ênfase repousa no verbo poien = fazer... Para Paulo o cumprimento da Lei através do Espírito nos crentes é a real intenção da Lei".

O objetivo de Paulo é condenar o procedimento daqueles que pensavam que por serem conhecedores da lei podiam alegar justiça diante de Deus. Adverte-os de que necessitam praticar a lei conforme o seu conhecimento. Em outras palavras orienta os seus leitores para esta verdade: a justificação pela fé não nos desobriga do cumprimento da Lei ou das orientações dadas por Aquele que justifica.

Calvino declarou sobre Rom. 2:13: "Aqueles que abusam desta passagem para estabelecer a justificação pelas obras são merecedores de que até as crianças zombem deles e os apontem com os dedos.

EXEGESE DE ROMANOS 5:13 e 14

¹³Pois até à Lei, havia pecado no mundo; o pecado, porém, não é levado em conta quando não existe lei.

¹⁴Todavia, a morte imperou desde Adão até Moisés, mesmo sobre aqueles que não pecaram de modo semelhante à transgressão de Adão, que é figura daquele que devia vir". – *Bíblia de Jerusalém*.

Muitas interpretações têm sido apresentadas para estes versos, mas o caminho mais fácil para uma solução de acordo com o que Paulo tencionava dizer, é estudá-los no contexto dos versos 12 a 21. Ele nos relata que Adão através de seu pecado trouxe a morte para todos os homens, mesmo àqueles que não pecaram a sua semelhança.

Adão, o primeiro homem, é um tipo de Cristo, que Paulo chama de "segundo homem" ou "o último Adão". I Cor. 15:45, 47. É digno de menção que o único vulto do Velho Testamento a ser chamado expressamente de tipo de Cristo é Adão. (Há personagens do Velho Testamento que implicitamente são tratados como "tipos" de Cristo, sendo talvez o mais notável Melquisedeque).

A frase de Thomas Goodwin, presidente do Magdalene College de Oxford é muito significativa: "Diante de Deus há dois homens, Adão e Jesus Cristo, e todos os outros estão pendurados em seus cinturões".

O relato bíblico nos informa que quando um homem falha Deus escolhe outro para o substituir (Davi substituiu Saul).

A desobediência de Adão trouxe a morte para todos, a obediência de Cristo trouxe vida a todos que o aceitaram.

Sobre esta verdade assim se expressou F.F. Bruce: "Assim, se a queda de Adão colocou toda a sua posteridade sob o domínio da morte, a obediência de Cristo introduziu triunfalmente uma nova raça nos domínios da graça e da vida". *Comentário de Romanos*, pág. 104.

Não esquecer que Cristo é um tipo de Adão por contraste.

Em Adão encontramos um ato de transgressão (Versos 12, 15, 17, 19).

Em Cristo um ato de Justiça (Verso 18).

Em Adão todos condenados à morte.

Em Cristo todos têm a possibilidade da justificação para a vida.

O Problema do Texto

Vários comentaristas têm achado este texto muito difícil, e até apresentado explicações que não podem ser aceitas, por colidirem com outras doutrinas da Bíblia.

"Todavia, a morte imperou desde Adão até Moisés, mesmo sobre aqueles que não pecaram de modo semelhante à transgressão de Adão..."

Em poucas e simples palavras o verso nos mostra que a morte reinou devido à transgressão de Adão, por que então morrer? O argumento de Paulo é que pelo pecado de Adão todos pecaram, mesmo antes da lei ter sido dada por escrito no Sinai (v. 13).

O comentarista Nygreen diz o seguinte sobre esta passagem: "Adão tinha recebido definido mandamento de Deus, instruindo-o com respeito ao seu comportamento. Portanto quando ele pecou, sua ação tinha o caráter de direta transgressão. Antes de falar em transgressão precisa haver um mandamento ou uma lei. Tal era o caso de Adão, mas não o caso daqueles que vieram depois, até que a lei foi dada através de Moisés".

Havia ou não lei desde Adão até Moisés?

A leitura de apenas dois versos (14 e 15) de Rom. 2 esclarece esta pergunta.

"Quando, pois, os gentios que não têm lei procedem por natureza de conformidade com a lei, não tendo lei, servem eles de lei para si mesmos.

"Estes mostram a norma da lei gravada nos seus corações, testemunhando-lhes a consciência, e os seus pensamentos mutuamente acusando-se ou defendendo-se".

Duas expressões precisam ser realçadas destes versos:

Eles possuíam a lei da consciência.

A lei gravada no coração era a mesma escrita em tábuas de pedra.

De vários comentários lidos o mais expressivo a meu ver é o do *The Interpreter's Bible*, vol.9, pág. 464, que se segue:

"A dificuldade que acabamos de mencionar é o de explicar a morte como penalidade do pecado em vista do fato de que a morte reinou de Adão até Moisés. Pode-se argumentar que, uma vez que foi Moisés quem deu a lei, não poderia haver transgressão nem portanto punição pela transgressão antes de seu tempo; porém, a morte havia de fato reinado. A resposta de Paulo não é tão persuasiva quanto se ele houvesse aqui feito uso da concepção de 'lei natural' à qual aludira anteriormente (2:14-15). Sua verdadeira resposta é dizer que embora o pecado não seja levado em conta onde não há lei, ele estava, não obstante, no mundo.

"Mas poder-se-ia perguntar: 'Se não era levado em conta, por que então deveria o homem morrer por causa dele? Cogita-se por que Paulo não responde apelando para a lei 'gravada no coração'. Em outras palavras, a lei foi dada muito antes de Moisés, e Deus estava assim em posição de 'levar em conta' e punir o recado desde o princípio. A descrição dos que foram desde Adão até Moisés como aqueles que não pecaram à semelhança da transgressão de Adão pode ajudar a explicar o silêncio de Paulo aqui. Sanday e Headlam entendem a frase 'não à semelhança da transgressão de Adão' como significando 'não em violação de um mandamento expresse'."

O PURGATÓRIO – I COR. 3:13

Os que acreditam no purgatório assim o definem: lugar onde as almas dos justos são purificadas através de padecimentos.

As almas que lá se encontram são chamadas de "pobres" por estarem padecendo; de outro lado são também denominadas "santas", porque se arrependeram profundamente de seus pecados.

Seus defensores assim o justificam:

Após a morte os que cometeram pecado mortal irão para o inferno. Aqueles que estiverem na graça de Deus e livres de pecados venais ou mortais irão diretamente

para o paraíso. As pessoas cujas faltas não foram expiadas cabalmente, permanecerão no purgatório até estarem em condições de irem para o céu.

Segundo os teólogos católicos as pessoas necessitam pagar através do sofrimento as penas devidas aos seus pecados.

Argumentos Católicos em Defesa do Purgatório:

1º) Declarações Bíblicas:

a) Mateus 12:32

Esta declaração bíblica admite que há pecados que serão perdoados em outra vida.

b) II Timóteo 1:18

O apelo a Cristo, para obter misericórdia junto de Deus, no dia do juízo, em favor de Onésimo, supõe a convicção de que também após a morte ainda é possível uma sentença mais favorável que a estritamente merecida.

c) I Coríntios 3:12-15

d) Mateus 5:26

e) II Macabeus 12:39-43

Nos versos deste livro há referências aos sacrifícios expiatórios pelos que morreram. A Igreja Católica baseada neste relato sentencia: Há um lugar de expiação e pode-se orar pelos mortos, mesmo porque é santo e salutar este procedimento.

Esta declaração por ser de um livro apócrifo não é inspirada, por isso contradiz os ensinamentos dos livros canônicos.

2º) O ensino da tradição e da constante doutrina da Igreja.

Desde os tempos apostólicos os pais da Igreja e outros escritores eclesiásticos pregam tal doutrina. Cipriano, Tertuliano, Cirilo de Jerusalém, Crisóstomo, Santo Agostinho e outros foram defensores deste ensinamento.

Os concílios da Igreja, começando com o de Cartago, que faz referência ao assunto, prosseguindo com os de Florença (1439-1445) e o de Trento (1545-1563), que o consideraram como dogma de fé, contribuíram para a difusão desta crença.

3º) Por um raciocínio lógico.

Se para o céu vão as almas limpas e para o inferno as que deixaram este mundo com pecado mortal, naturalmente sobram aquelas que não podem entrar no céu por não estarem ainda purificadas de pecados leves e veniais, e de igual modo também, não podem ir para o inferno por não terem cometido pecados mortais.

Provas Bíblicas Contrárias ao Purgatório

1ª) A passagem de **Mateus 12:32** jamais pode ser usada como argumento de que os pecados poderão ser perdoados na outra vida.

A doutrina da "Segunda Oportunidade" defendida pelos católicos (missa, purgatório), pelos espíritas (reencarnação) e pelas Testemunhas de Jeová, (durante o

milênio existe outra oportunidade para a salvação) é um ardil do inimigo, que leva à descrença nas Escrituras.

As seguintes passagens bíblicas são suficientes para provarem a inconsistência dessa doutrina: II Cor. 6:2 "... eis aqui agora o tempo sobremodo oportuno, eis aqui agora o dia da salvação."

Hebreus 3:7-8 "Assim, pois, como diz o Espírito Santo: Hoje se ouvirdes a sua voz não endureçais os vossos corações."

2ª) **I Cor. 3:13** "Manifesta se tornará a obra de cada um; pois o dia a demonstrará, porque está sendo revelada pelo fogo; e qual seja a obra de cada um o próprio fogo o provará."

Os exegetas católicos se baseiam especialmente nesta passagem para justificar a sua doutrina do purgatório.

O fogo mencionado neste verso será originado pela glória de Cristo ao retornar à Terra. Os que o rejeitaram serão destruídos pelo fogo, mas os que o aceitaram como seu Salvador pessoal serão preservados. O exemplo dos três hebreus na fornalha ardente é a confirmação de que os crentes não serão atingidos pelas chamas destruidoras do juízo final.

No verso 15 Paulo escreveu: "Se a obra de alguém se queimar, sofrerá ele dano, mas esse mesmo será salvo, todavia, como que através do fogo."

Ser salvo através do fogo parece ser valioso argumento em prol do purgatório. Esta declaração está longe de afirmar que o fogo ou o sofrimento salvará a pessoa, pois se o fizesse seria a salvação pelas obras, denodadamente condenada por Paulo. Ele afirma que a pessoa será provada ao máximo.

O comentarista Adão Clarke afirma sobre este texto: "O fogo aqui mencionado destina-se a provar a obra do homem e não a purificar sua alma, não havendo aqui referência a nenhum suposto purgatório. Acrescentando que é possível haver aí alusão à purificação de diferentes espécies de vasos, segundo a lei dos judeus. Os elementos que resistem ao fogo são purificados enquanto substâncias como a madeira e a palha são facilmente consumidas."

Outros comentaristas afirmam que o apóstolo tem em vista os ensinadores judaizantes, que pregavam a circuncisão e outros ritos abolidos por Cristo na cruz, em vez de pregarem o evangelho. As verdadeiras e as falsas doutrinas serão reveladas naquele grande dia.

A *Bíblia de Jerusalém* (tradução católica) traz a seguinte nota sobre I Cor. 3:13: "O purgatório não é diretamente considerado aqui, mas este texto, juntamente com outros serviu de base à explicitação de tal doutrina por parte da Igreja."

3ª) **Mateus 5:26** que afirma: "Em verdade te digo que não sairás dali, enquanto não pagares o último centavo" é outra passagem usada em defesa do purgatório.

Cristo com estas palavras, jamais poderia referir-se a um hipotético purgatório, ensinamento que não encontra nenhuma base bíblica. Seria inconcebível alguém deduzir de Mat. 5:25 e 26 a existência do purgatório. O que encontramos aqui é a ilustração de um delinqüente que deve endireitar o mal que cometeu para não ser encerrado na prisão.

O comentário da Bíblia de Matos Soares apresenta para Mat. 5:26 a seguinte aplicação espiritual: "Jesus mostra a necessidade que temos de nos reconciliar com o próximo ofendido, antes de aparecermos no tribunal de Deus."

A hierarquia de pecados não é apregoada pela Bíblia, que declara de maneira enfática: "A alma que pecar, essa morrerá." Ezeq. 18:20.

Não existem provas bíblicas para classificar os pecados como fazem os comentaristas católicos. As Escrituras nos esclarecem:

- a) "Todo o que comete pecado é escravo do peca do." João 8:34.
- b) A única solução para o estado miserável do homem (Rom. 7:24) é o perdão provido por Cristo e alcançado pelos seus méritos.

Conclusão:

As provas bíblicas apresentadas pelos paladinos de um lugar de purificação para os pecados após a morte são trechos retirados dos livros apócrifos, comprovadamente falsos por terem origem em ensinamentos pagãos. Os textos bíblicos retirados dos livros canônicos são apresentados sem levar em consideração os princípios exegéticos, especialmente este: uma passagem jamais deve ser usada fora do seu contexto.

A Bíblia é bastante clara ao afirmar que muitas passagens, como a de I Cor. 3:13-15 e II Cor. 5:10 que todos no juízo final serão julgados conforme suas obras. O erro doutrinário do purgatório católico é o ensino antibíblico, de que o castigo se seque imediatamente após a morte, e ainda mais que será concedida uma segunda oportunidade para muitos.

Um dos maiores absurdos relacionados com o purgatório é a crença pagã de que o sofrimento dos que lá se encontram pode ser aliviado por missas e orações feitas pelos vivos, mediante pagamento em dinheiro. Não é possível conseguir a salvação negociando com coisas sagradas. O apóstolo Pedro condenaria a simonia moderna com a mesma veemência que a desaprovou em seus dias.

O USO DO VÉU PELAS MULHERES – I COR. 11:5

"Toda mulher, porém, que ora, ou profetiza, com a cabeça sem véu, desonra a sua própria cabeça, porque é como se a tivesse rapada".

Para melhor compreensão deste verso, todo o contexto ou I Cor. 11:2 a 16 deve ser lido atenta mente.

Corinto era uma cidade famosa pela cultura e licenciosidade.

Situava-se no estreito que ligava o Peloponeso ao continente, sendo a rota principal na ligação do Oriente com o Ocidente.

Tornou-se famosa por sua maldade e corrupção moral. "Viver à coríntia" ou "corintizar" significava nos dias de Paulo viver em luxúria e licenciosidade.

Paulo ali esteve 18 meses pregando e estabelecendo uma igreja. Ao sair, deixou uma florescente igreja, mas que em breve começou a enfrentar sérios problemas. Visando solucionar dificuldades existentes na igreja, escreveu ele, em 57, esta carta. Dentre os problemas chegados ao seu conhecimento, um deles era o uso do véu pelas mulheres.

Naquele tempo as mulheres deviam usar o véu e trazer os cabelos longos pelo seguinte:

- a) O véu era um sinal de segurança para a mulher.
- b) Uma respeitável mulher oriental jamais aparecia em público sem o véu.
- c) Nas terras orientais o véu era sinal de honra e dignidade da mulher.
- d) A mulher desonrava a si e ao marido se não usasse o véu (v. 11). Não usavam o véu as prostitutas, as que estavam de luto e as esposas infiéis. O véu era retirado das mulheres indignas e seu cabelo cortado rente como indício de seu opróbrio.
- e) O uso do véu era um sinal de que a mulher estava subordinada ao homem.
- f) As mulheres estavam tirando o véu na igreja e fora dela como símbolo da emancipação feminina. A não aceitação do marido como chefe seria uma inversão do princípio estabelecido por Deus.

Diante do exposto, Paulo nos versos 5, 6, 9, 10, 12, 13, 15 deu instruções para que as mulheres usassem o véu ao orarem ou profetizarem.

Russell Norman Champlin escreveu entre outras coisas o seguinte sobre I Cor. 11:5:

"Esta passagem ilustra o perene problema da relação que há entre os costumes sociais e a moralidade cristã. Paulo escreveu aqui do ponto de vista de um rabino, como representante da antiga cultura judaica. Porventura tais costumes continuariam sendo obrigatórios para nós, hoje em dia, quando as coisas são tão radicalmente diferentes, em aspectos como o vestuário, e sobretudo no que tange à nossa idéia acerca da posição da mulher? Este comentador acredita que visto que os costumes sociais mudaram, as exigências deste texto também mudaram ... Acredito que se Paulo tivesse em nossos próprios dias, onde a sociedade não atribui qualquer estigma à ausência do uso do véu pelas mulheres, a questão nem ao menos teria sido abordada". – *O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo*, IV vol., pág. 171.

Hoje não existe nenhuma exigência do uso do véu para as mulheres, porque mudando os costumes, mudam também as exigências.

Sobre o ter a cabeça coberta ou descoberta, comenta Clarke:

"O homem trazia a cabeça descoberta porque era representante de Cristo; a mulher trazia a dela coberta, porque ela era por Ordem de Deus colocada num estado de submissão ao homem, e porque era costume, tanto entre os gregos como entre os romanos, sendo entre os judeus uma lei expressa, que nenhuma mulher fosse vista fora de casa sem véu. Isto era, e é, costume comum em todo o Oriente, e ninguém senão as prostitutas públicas andam sem véu. E se uma mulher aparecesse em público sem véu, ela desonraria sua própria cabeça – seu marido. E ela se pareceria aquelas mulheres que tinham o cabelo rapado como punição de prostituição ou adultério.

"Informa-nos Tácito que, considerando a grandeza da população, os adultérios eram muito raros entre os germanos; e quando uma mulher era achada culpada, puniam-na do modo seguinte: 'tendo-lhe cortado o cabelo, e despindo-a na presença de seus parentes, o marido despedia-a portas fora'. E sabemos que da mulher suspeita de adultério era, pela lei de Moisés, tirado o véu da cabeça. (Núm. 5:18) As mulheres reduzidas a um estado de servidão, ou escravidão, tinham o cabelo cortado: é o que aprendemos de Aquiles Tatius. Diz Clitofon, acerca de Leucipe, que foi reduzida ao estado de escrava: 'Ela foi vendida como escrava, cavou a terra e sendo-lhe cortado rente o cabelo, foi a cabeça, privada de seu ornamento'. Era também costume dos gregos cortarem o cabelo como sinal de luto. Admeto, ordenando um luto geral por morte de sua esposa Alceste, diz: 'Ordeno um luto geral por esta mulher! Corte-se rente o cabelo e ponham-se vestes negras'. Parece-nos que o apóstolo tinha especialmente em vista é a propriedade e decência de conduta. Como mesmo em nossos dias, uma mulher que se vista de modo impróprio ou fantasioso, é considerada uma desonra para o marido, porque se torna suspeita de não ser muito sã na moral, assim naqueles tempos antigos a mulher que aparecesse sem véu seria olhada à mesma luz.

"V. 6. Portanto, se a mulher não se cobre. Se ela não quiser usar véu nas reuniões públicas, tosquie-se também – leve consigo um sinal público de infâmia: mas se para a mulher é coisa indecente tosquiar-se ou rapar o cabelo que ponha o véu. Mesmo como motivo de luto, era considerado desonroso ser obrigado a tosquiar o cabelo; e para não perder esse ornamento da cabeça, as mulheres procuravam fugir ao costume, cortando apenas as extremidades do cabelo. Eurípedes, falando de Helena,

que devia rapar a cabeça por motivo da morte de sua irmã Clitemnestra, diz: 'vejam como ela corta apenas as pontinhas do cabelo, a fim de preservar sua beleza, e é exatamente a mesma mulher que dantes'." – Comentário de Adão Clarke, vol. VI, pág. 225.

A QUE SÁBADO SE REFERE PAULO EM COL. 2:16?

Para melhor compreender este verso é preciso estudá-lo bem no seu contexto especialmente Col. 2:14-17.

¹⁴Tendo cancelado o escrito de dívida, que era contra nós e que constava de ordenanças, o qual nos era prejudicial, removeu-o inteiramente, encravando-o na cruz;

¹⁵e, despojando os principados e as potestades, publicamente os expôs ao desprezo, triunfando deles na cruz.

¹⁶Ninguém, pois, vos julgue por causa de comida e bebida, ou dia de festa, ou lua nova, ou sábados

¹⁷porque tudo isso tem sido sombra das coisas que haviam de vir; porém o corpo é de Cristo. – *Colossenses 2:14-17*

Nosso estudo tem como finalidade primordial provar que a palavra "sábados" de Col. 2:16 se refere aos sábados cerimoniais, logo é distinta do vocábulo sábado – o sétimo dia da semana. O termo sábado é usado 59 vezes em o Novo Testamento para o sétimo dia da semana e uma vez no plural nesta passagem, com referência a festas cerimoniais.

Os que se opõem à lei de Deus se apegam a algumas passagens, que no seu entender "refutam o conceito sabatista". Dentre estas passagens, uma das mais citadas é Col. 2:16.

Russell Norman Champlin apresenta extenso comentário para este verso visando provar que o vocábulo "sábados" se refere ao sábado do quarto mandamento. Segue-se uma pequena parte:

"... ou sábados ... O plural com freqüência representa o singular, talvez por analogia com 'dias de festa' (plural). Alguns eruditos pensam que o sábado normal está particularmente em foco, neste ponto ou pelo menos, que o mesmo não é excluído... Mas parece certo que está mesmo em foco o sétimo dia da semana (e que o plural é usado em lugar do singular)". – *O Novo Testamento Interpretado*, vol. 5, pág. 124.

Valter R. Martin no livro *The Truth About Seventh-day Adventism* se valeu da mesma dialética e textos bíblicos usados pelas igrejas tradicionais para refutar algumas de nossas crenças, como a vigência da lei e do sábado na dispensação cristã. Como prova de que os cristãos não necessitam mais de guardar o sábado ele menciona Col. 2:13 a 17.

"Primeiro, nós que estávamos mortos temos sido vivificados em Cristo, e foram-nos perdoados todos os nossos pecados e transgressões. Somos livres da condenação da lei em todos os seus aspectos, pois Cristo assumiu nossa condenação na cruz. Como já foi observado, não há duas leis, moral e cerimonial, mas apenas uma lei contendo muitos mandamentos, todos perfeitamente cumpridos na vida e morte do Senhor Jesus Cristo".

Na página 162 ele afirma: "De todas as declarações do Novo Testamento estes versos são os que mais fortemente refutam a reivindicação sabatista para observar o sábado judeu". Declara ainda que "o sábado como lei se cumpriu na cruz e não é mais obrigatório para os cristãos".

Crê ele que estamos desobrigados de guardar a lei, porque ela é contra nós e foi pregada na cruz. Afirma que suas declarações são irrefutáveis porque se baseiam em leis da gramática e no contexto.

Cremos nós que suas afirmações são facilmente contestadas.

1º) Não há diferença entre lei moral e cerimonial.

Inúmeros comentaristas protestantes fazem esta distinção. Mateus Henry, presbiteriano, em seu Comentário das Escrituras declarou:

"Sob o Evangelho ficamos libertos do jugo da lei cerimonial e da maldição da lei moral... "

"A lei moral não foi senão para a localização da ferida, e a lei cerimonial serviu como sombra precursora do remédio; Cristo, porém, é o fim de ambas".

A Confissão de Fé de Westminster, A Segunda Confissão Helvética e outros credos protestantes assinalam as diferenças entre estas duas leis.

2º) A lei foi cumprida pela vida e morte de Cristo.

Sim Cristo cumpriu a lei, mas isto jamais quis dizer que a lei foi anulada, significa sim que o Senhor Jesus viveu inteiramente de conformidade com a lei. Se cumprir a lei significa suprimi-la, cumprir a justiça de Mateus 3:15, quer dizer extingui-la. Esta afirmação é simplesmente absurda.

3º) A lei é contra nós.

Como pode alguma coisa que é contra nós ser chamada pelo apóstolo Paulo de santa, justa e boa. Rom. 7:12. Paulo jamais condenou a lei, mas sim o mau uso da lei (legalismo). Em seus escritos ele salientou bem esta verdade: A lei não tem função salvadora.

Em sua defesa de que o termo "sábados" de Col. 2:16 se refere ao sétimo dia da semana, Walter R. Martin cita Vine, Alford, Vincent como autoridades que defendem a conveniência de traduzir a palavra "sábados" pelo singular sábado. Acrescenta ele que "a erudição moderna e conservadora estabelece a tradução singular de sábado".

Esta não é bem a realidade, desde que os eruditos não defendem que é preciso traduzi-la no singular, mas meramente afirmam que pode ser traduzida de uma ou de outra maneira.

Não podemos desconhecer o fato de que muitas formas plurais tanto na Septuaginta como em o Novo Testamento devem ser traduzidas pelo singular", como nos confirmam as seguintes passagens: Êxodo 16:23 e 25; 20: 8; Deut. 5: 12; Mat. 12:1; 28:1; Luc. 4:16.

Várias explicações têm sido apresentadas para esta peculiaridade da língua grega, porém a que mais nos satisfaz é a do eminente estudioso A. F. Robertson em *A Grammar of the Greek New Testament in the Light of Historical Research*, págs. 95, 105. Sugere ele que as duas formas *sábbaton* e *sábbata*, conquanto aparentemente sejam o singular e o plural da mesma palavra, em realidade são o singular de palavras diferentes. Defende ele que o termo hebraico *shabbath*, "sábado", é a fonte lógica do termo comum grego *sábbaton*. Nos tempos pós-exílicos, porém, o aramaico era generalizadamente usado na Palestina, e seu termo para "sábado" é *shabbethá*, palavra que bem poderia haver sido introduzida no grego como *sábbata*. Assim *sábbaton* foi sempre um termo singular, ao passo que *sábbata* poderia ser singular ou plural, dependendo se era usada como derivada do aramaico ou como o plural de *sábbaton*.

Diante desta exposição é evidente que o nosso argumento do uso do plural em Col. 2:16 para os sábados cerimoniais não apresenta muita estabilidade, em face de que o original *sábbaton*, ali usado, pode tanto ser singular como plural.

O argumento mais válido para comprovar a natureza cerimonial desses "sábados" se encontra em seu contexto.

O sábado a que o apóstolo Paulo se refere está relacionado com comidas, bebidas, festas judaicas e lua nova. Eram observâncias dos judeus que Paulo classifica como sombras das coisas futuras. A frase "sombra das coisas futuras" ou "que haviam de vir" como aparece em outras traduções é a chave que nos abre o entendimento para a compreensão do verso 16.

O Comentário Adventista acrescenta: "Todos os itens alistados neste verso são sombras ou tipos representativos da realidade que é Cristo".

Sobre esta passagem Albert Barnes, comentador presbiteriano bem observou:

"Não existe nenhuma evidência nesta passagem que ele (Paulo) pudesse ensinar de não haver nenhuma obrigação de observar algum tempo sagrado, porque não há a mais leve razão para crer que ele pretendesse ensinar que um dos dez mandamentos tivesse cessado a sua obrigatoriedade para o ser humano. Ele tinha seus olhos sobre o grande número de dias que eram observados pelos hebreus como festas, como parte de sua lei cerimonial e típica, e não a lei moral ou os dez mandamentos. Nenhuma parte da lei moral, nenhum dos 10 mandamentos poderia ser chamado como 'uma sombra das coisas por vir'. Estes mandamentos são da natureza da lei moral, de aplicação perpétua e universal".

Infelizmente existem pessoas bem intencionadas, mas pouco esclarecidas quanto às doutrinas bíblicas que desconhecem o fato de que as Escrituras mencionam o sábado da criação ou do decálogo e os sábados, feriados religiosos dos judeus, que caíam nos diferentes dias da semana como acontece com as nossas datas cívicas, natalícias etc.

Nesses dias festivos havia uma "santa convocação", pois eram também dias de descanso, por isso a mesma palavra hebraica é usada para o sábado e para os dias de festa.

S. João 19:31 é assim traduzido em *A Bíblia na Linguagem de Hoje*: "Então os líderes judeus pediram a Pilatos que mandasse quebrar as pernas dos que tinham sido crucificados e mandasse tirá-los das cruzes. Pediram isso porque era sexta-feira e não

queriam que, no sábado, os corpos ainda estivessem nas cruzes. E aquele sábado era especialmente santo".

A razão para esta santidade especial é simplesmente esta. Nele também se comemorava a páscoa, outro dia feriado, dia de descanso, isto é, outro sábado cerimonial.

Nos capítulos 16 e 23 de Levítico e 28 e 29 de Números estão enumerados os chamados sábados cerimoniais, ou sejam: o Dia da Expição, a Páscoa, a Festa dos Pães Asmos, a Festa da Colheita ou Pentecostes, a Festa das Trombetas e a Festa dos Tabernáculos.

Arnaldo Christianini em *Subtilezas do Erro*, pág. 110 escreveu:

"É irrecusável que a Bíblia chama de 'sábados' estes dias festivos que *nada tinham a ver* com o descanso semanal, ou o sábado do decálogo. Estes sábados cerimoniais estavam no *livro* de Moisés, e não na *tábua* dos dez mandamentos, que só mencionam o sábado do sétimo dia, comemorativo da Criação, 'porque em seis dias fez o Senhor os céus, a Terra, o mar e tudo o que neles há, e ao sétimo dia descansou.'" Êxo. 20:11.

"Os sábados festivos *foram instituídos no Sinai*, após a entrega da lei de Deus, ao passo que o sábado semanal o foi na Criação (Gên. 2:2, 3) e incorporado na lei moral, precedido de um imperativo 'Lembra-te'. Não pode haver confusão. Além disso, a própria Bíblia estabelece uma linha divisória entre eles, no verso 38, de modo a não deixar dúvidas: 'Estas são as *festas do Senhor independentemente dos sábados do Senhor*.' E também independentemente de ofertas, sacrifícios e outras exigências. Eram festas especiais e soleníssimas. Bem distintas. Convenhamos que os sábados do Senhor, os do sétimo dia, já existiam quando foram instituídos os sábados festivos. 'Exceptio sabbatis Domino...' – diz a versão de Jerônimo."

Sobre Colossenses 2:16 e 17, eis o que diz o mesmo autor:

"a) Estes "sábados" aí estão associados a dias de festa e Lua nova, que eram solenes festividades nacionais *judaicas*, ou feriados *fixos*. Ora, o sábado do decálogo não tem esta natureza. Não era festivo nem típico;

"b) Estes "sábados" estão incluídos entre instituições que eram 'sombras das coisas futuras' – prefigurações de fatos que ainda estavam por vir. O sábado do decálogo é comemorativo de um fato passado: a Criação. Não era sombras de coisas *futuras*. Sem dúvida, o texto se refere aos sábados cerimoniais." – Pág. 112 do livro já citado.

Os comentários acima são respaldados pelas opiniões de eruditos tais como Jamieson, Fausset and Brown; Adão Clarke e Albert Barnes, entre outros, todos da comunidade evangélica.

"Em Oséias 2:11 está profetizado o fim da observância de todos os tipos de sábados por parte do povo judeu. Mas isto em função do castigo divino que tornaria a terra de Israel uma desolação, com a destruição do templo e seus serviços religiosos. Basta ler o contexto da passagem, ou mesmo to do o livro de Oséias, para percebê-lo". – *O Atalaia*, dezembro de 1977, pág. 22.

A citação de Colos. 2:14-17 como prova de anulação do quarto mandamento do decálogo é um dos maiores disparates no campo da exegese bíblica.

Walter R. Martin acusa os adventistas de não fazerem **exegese** (explicação correta) mas **eisegesis** (extrair um sentido não explícito). Além disso ainda nos acusa de ignorarmos a gramática e o contexto. São incríveis suas afirmações quando se constata que não há nada no contexto para provar que a expressão "sábados" se refira ao sétimo dia da semana.

Temos uma destas provas na tradução de Col. 2:17 em *O Novo Testamento Vivo*: "Estes eram preceitos apenas temporários, que terminaram quando Cristo veio. Eram apenas sombras da realidade do próprio Cristo".

Paulo torna claro este fato: os ensinamentos bíblicos visando orientar os homens para a vinda de Cristo perderam toda a significação após a Sua vinda.

SOMOS NÓS TRICOTOMISTAS OU DICOTOMISTAS?

Para melhor compreensão do assunto definamos as palavras: corpo, espírito e alma.

Corpo

É a parte física do homem que torna ao pó por ocasião da morte.

Espírito

"É o princípio de vida dado ao homem por Deus" E. E. Vine.

Para Lutero espírito é a parte mais elevada e nobre do homem, por capacitá-lo para captar as coisas incompreensíveis, invisíveis e eternas.

De acordo com o hebraico *ruach* e o grego *pneuma* aplicado ao homem significa:

1º) O fôlego de vida que Deus soprou nas narinas do homem, bem como em todos os animais. Gênesis 2:7; 7:22; Mateus 27:50; Luc. 8:55.

2º) Disposição, atitude, temperamento, sede das emoções e do conhecimento. Mar. 2:8; João 13:21; I Ped. 3:4.

3º) O instrumento pelo qual o homem se comunica com Deus. Luc. 1:47; Atos 18:25.

É também por meio do espírito que Deus se comunica conosco. Ezeq. 36:26-28.

Alma

Gesênio, o maior lexicógrafo hebraico, definiu alma da seguinte maneira:

"Fôlego, o espírito vital, o mesmo que o grego *psiquê* e o latim *anima*, mediante a qual vive o corpo, a saber o princípio de vida manifestado no fôlego".

O espírito vivificante de Deus no corpo fez com que o homem se tornasse alma vivente. Uma melhor tradução de acordo com o hebraico *nephesh hayyah* seria ser vivente, criatura vivente, como aparece em algumas traduções inglesas de Gênesis 2:7.

Para Vincent, notável estudioso de palavras gregas do Novo Testamento, alma: "É o princípio de individualidade, a sede das impressões pessoais... a sede dos sentimentos, desejos, afeições e aversões".

"Nephesh" de acordo com Bullinger – *A Critical Lexicon and Concordance*, pág. 721, pode ser traduzida de 44 maneiras diferentes.

Das 752 vezes usadas no Velho Testamento, ela é traduzida 473 por "alma", 118 por "vida", 29 por "pessoa", 15 vezes por "corpo" etc.

"Nephesh" designa o ser humano completo, e não parte de uma pessoa como os gregos ensinavam.

Eis apenas mais uma distinção:

"O espírito é o sopro do fôlego de Deus na criatura, o princípio de vida proveniente de Deus".

"A alma é a posseção individual do homem, o que distingue um homem de outro e da natureza inanimada". *O Pregador Adventista*, setembro a dezembro de 1948, pág. 23.

A existência do ser humano ou a "alma vivente" se tornou possível pela união do corpo e do fôlego de vida na criação. Gên. 2:7.

Na morte, o corpo volve à terra, o fôlego saindo do corpo vai para Deus (Eccl. 12:7), a alma ou criatura vivente desaparece. Sal. 6:5; 146:4; Eccl. 9:5 e 6. A Bíblia não ensina que a alma é uma essência abstrata e imortal que sobrevive à matéria. A idéia grega de que o homem tem uma alma não é defensável pela Bíblia, desde que os escritos inspirados asseguram que ele é uma alma.

A Revista Adventista de julho de 1964, pág. 32, em resposta a um de seus consulentes sobre a diferença destas palavras o fez com esta síntese: "espírito é a parte pensante do homem; alma, a parte sensitiva, a sede dos sentimentos, que chamamos também coração; corpo é a parte física".

Duas Teorias sobre a Natureza do Homem

1º) A teoria tricotomista que defende uma natureza tríplice: corpo; alma e espírito. I Tes. 5:23 parece apoiar esta opinião.

2º) A teoria chamada dicotomista, defendendo uma natureza dupla: corpo e alma ou espírito. Proposição que parece conformar-se com o ensinamento bíblico de Gên. 2:7; I Reis 17:21; Tiago 2:26. Seu ponto negativo seria a semelhança com o dualismo grego de Platão: a alma imortal e o corpo mortal.

Qual destas duas teorias aceitamos?

Parece não haver, em nossos escritos, uniformidade neste sentido.

Eis a prova: "Muitos cristãos consideram o homem e a mulher como seres que se compõem de três partes: corpo, alma e espírito. Este conceito até se tornou proverbial. Naturalmente, isto é assim enquanto estávamos vivos; mas, que acontece na morte?..." – *O Ministério Adventista*, julho e agosto de 1983, pág. 22.

"A teoria dicotomista parece ser mais razoável à luz de Gên. 2:7 e passagens várias como I Reis 17:21; S. Tiago 2:16". – Auxiliar da Lição da Escola Sabatina do dia 20/04/1975.

Um estudo mais aprofundado de nossas doutrinas e das palavras originais para alma e espírito nos leva à conclusão de que não devemos aceitar nenhuma dessas duas teorias. Biblicamente o homem é um todo indivisível, ou em outras palavras, é uma unidade que não pode ser dividida nas partes componentes.

O homem, segundo o Antigo Testamento, forma uma unidade psicofísica indissolúvel. O israelita não é tricotomista nem dicotomista, mas monista.

O conceito, influenciado pelas idéias platônicas, que distinguem a alma do corpo (dicotomia), é totalmente alheio aos conceitos doutrinários do Velho Testamento sobre o homem, por considerá-lo um ser indivisível.

O que Paulo quis dizer em I Tes. 5:23.

"O mesmo Deus da paz vos santifique em tudo; e o vosso espírito, alma e corpo, sejam conservados íntegros e irrepreensíveis na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo".

"A passagem de I Tes. 5:23 não indica, uma tricotomia de espírito, alma e corpo, mas apenas apresenta o homem como um ser total, cuja personalidade necessita ser santificada por Deus. Confira Deut. 6:5". – *The Interpreter's Dictionary of the Bible*, Vol. III, pág. 429.

W. E. Vine em seu comentário às Escrituras do Apóstolo S. Paulo aos Tessalonicenses, após chamar a atenção para a necessidade do Espírito e corpo serem conservados incontaminados, na página 110, apresenta estas palavras muito significativas:

"No texto grego, a palavra que se traduz por "conservados" está no singular, pois o homem, apesar de sua tríplice natureza – espírito, alma e corpo – é um ser indiviso".

A conclusão a que Vine chegou precisa ser destacada: O homem é um ser indiviso. Logo, na morte, não pode subsistir uma parte imortal enquanto outra desce ao pó, visto que isso o tornaria um ser divisível.

Vincent, em *Word Studies in the New Testament*, vol. IV, pág. 52, com sua autoridade, sentencia: "É inútil tentar extrair destas palavras (espírito, alma e corpo) uma declaração técnica, psicológica de uma divisão tríplice da personalidade humana. Se Paulo reconhecesse qualquer divisão técnica desse tipo, seria mais provavelmente dupla: o corpo ou parte material, e a parte imaterial com seus aspectos superior (espírito) e inferior (alma)".

Das idéias apresentadas no SDABC sobre I Tess. 5:23 estas devem ser realçadas:

"Espírito, alma e corpo. Paulo não está apresentando um estudo sobre a natureza do homem, mas certificando-se de que nenhuma parte da vida de seus conversos seja deixada sem o toque do poder santificador de Deus. Geralmente a Bíblia parece falar de uma divisão dupla no homem, seja corpo e alma ou corpo e espírito. Em Tessalonicenses essas idéias estão combinadas para enfatizar que nenhuma parte do homem deve ser excluída da influência da santificação".

A seguir assim define as três palavras:

"Por espírito pode-se entender o princípio mais elevado de inteligência e pensamento, dos quais o homem é dotado e com os quais Deus pode comunicar-Se através de Seu espírito. Por alma, quando distinta de espírito, pode-se entender aquela parte da natureza do homem que encontra expressão através dos instintos, emoções e desejos. O significado de 'corpo' (soma) parece evidente. É a estrutura corpórea – carne, sangue e ossos – que é controlada pela natureza inferior ou pela superior".

Uma nota da Lição da Escola Sabatina do dia 22 de abril de 1975 explicando I Tes. 5:23 dizia:

"O apóstolo Paulo não ensina que o homem é composto de três partes: corpo, alma e espírito, mas fala de três diferentes modos em que uma pessoa pode relacionar-se com outras pessoas. Na Bíblia o homem é um todo indivisível. Termos como alma ou corpo ou espírito, não são usados para indicar partes separadas do homem. Cada um desses vocábulos se refere ao homem numa função particular".

CONCLUSÃO

Corpo, alma e espírito se referem a três aspectos deste todo indivisível que é o homem. Espírito é o aspecto que faz do homem uma pessoa, feita à imagem de Deus, e capaz de comunhão com Deus. Alma, que vem do latim *anima*, é o que o homem tem em comum com os animais, isto é, vida. Sem vida o homem é um corpo inanimado, morto. Corpo é o fundamento material do homem feito de ossos, músculos, nervos etc.

O triângulo tem três lados. Se um destes vier a faltar, o triângulo deixa de existir. De igual modo se um dos aspectos do homem – espírito, alma, corpo – vier a faltar, o homem deixa de existir.

Não somos tricotomistas, nem dicotomistas, mas holísticos, isto é, cremos que o homem é um todo indivisível.

É IMPOSSÍVEL O ARREPENDIMENTO DE ACORDO COM HEBREUS 6:6?

Em Hebreus 6:4-6 lemos:

"É impossível, pois, que aqueles que uma vez foram iluminados, e provaram o dom celestial, e se tornaram participantes do Espírito Santo, e provaram a boa palavra de Deus e os poderes do mundo vindouro, e caíram, sim, é impossível outra vez renová-los para arrependimento, visto que, de novo, estão crucificando para si mesmos o Filho de Deus e expondo-o à ignomínia".

Estes versos, através dos séculos, têm deixado seus leitores angustiados e perplexos, porque à primeira vista parecem ensinar que não há esperança de arrependimento ou de aceitação divina para aqueles que aceitaram a Cristo e depois O rejeitaram.

Para melhor compreensão do problema, Hebreus 6:4-6 deve ser estudado juntamente com as declarações que tratam do mesmo assunto em Hebreus 10:26-31 e 12:15-17, 25-29.

Há várias interpretações sugeridas para solucionar os aparentes paradoxos desta passagem com as demais doutrinas escriturísticas, destacando-se entre estas as arminianas e as calvinistas, apresentadas por Russell Champlin em *O Novo Testamento Interpretado*, vol. 5, págs. 537 e 538.

Em uma coisa os comentaristas estão de acordo: há neste trecho referências ao pecado da apostasia.

Declara o SDABC: "Entre as varias opiniões que têm sido sugeridas duas são dignas de consideração:

"1º) Que a apostasia aqui referida é o ato de cometer o pecado imperdoável (Mat. 12:31-32), uma vez que esta é a única forma de apostasia que é sem esperança.

"2º) Que a passagem corretamente compreendida não ensina a absoluta desesperança da apostasia aqui descrita, mas uma desesperança condicional (Heb. 6:6). A maioria dos comentaristas aceita a primeira alternativa, embora a segunda tenha méritos e possa ser baseada no grego".

Como bem salientou Cotton: "Nada pode existir nesta passagem que nos leve a duvidar da total misericórdia de Deus; pois, do contrário, esta passagem destruiria o Evangelho".

Deduzimos da leitura de Hebreus 6:4-6 e das outras passagens correlatas, que Paulo fala de pessoas que propositadamente rejeitaram a Cristo e os princípios do Evangelho.

As afirmações aqui consignadas pelo apóstolo trouxeram sérios problemas para a igreja cristã, especialmente durante as perseguições, quando alguns fraquejaram e posteriormente arrependidos de terem sido túbios na fé quiseram voltar, muitas comunidades cristãs não queriam aceitá-los escudados em Hebreus 6:6.

A seguinte verdade não pode ser esquecida: Cristo está sempre de braços abertos para receber o mais indigno pecador, que reconhece o erro e apela pelo perdão como nos relata Mateus 18:22 e se comprova na triste experiência de Pedro. Em contra partida, outra verdade escriturística deve ser lembrada: não ha esperança para quem consciente e deliberadamente rejeita os ensinamentos de Cristo e o Seu sacrifício vicário em nosso favor.

Algumas ponderações esclarecedoras:

"**Caíram**" (6:6) significa não pecados grosseiros, mas antes, nada menos que apostasia deliberada, uma completa rejeição e execração à fé de Cristo. No que lhes diz respeito (isto é, para si mesmos) tais pessoas expulsam Cristo de suas próprias vidas, ou rejeitam Sua reivindicação de ser o Filho de Deus, por ação similar à daqueles que procuraram livrar-se dEle ao crucificá-Lo. Desse modo expõem Cristo publicamente à vergonha". *O Novo Comentário da Bíblia* Editado em Português por Russell P. Shedd.

"Há aqui referências aos apostatados do cristianismo, àqueles que rejeitaram todo o sistema cristão e seu Autor, o Senhor Jesus.

"O apóstolo se refere também àqueles que se uniram com os judeus blasfemos, chamando a Cristo de impostor, sustentando que sua morte na cruz foi consequência de ser um malfeitor. Este procedimento tornou impossível sua salvação, porque de maneira obstinada e maliciosa rejeitaram ao Senhor que os resgatara. Ninguém que creia em Cristo como o grande sacrifício pelo pecado e conhece o cristianismo como uma revelação divina está aqui incluído, embora ele possa ter desventuradamente apostatado de algum aspecto da salvação de Deus.

"Estão crucificando novamente a Jesus Cristo, isto é, eles mostram abertamente que julgam a Cristo como digno da morte que Ele sofreu, tornando-se um exemplo público por ter sido crucificado.

Isto mostra que é a apostasia final, pela total rejeição do Evangelho e blasfêmia ao Salvador dos homens, que o apóstolo tem em vista neste relato". Notas de Adão Clarke sobre Hebreus 6:4 a 6.

"Algumas pessoas ficam perturbadas com estes textos, pensando que é possível que eles se refiram ao apostatado comum, que em seu coração jamais rejeitou ao Senhor, e que está constantemente pensando que algum dia voltará a servi-Lo novamente. E muitas vezes, quando ele começa a pensar seriamente em fazer isto o mais depressa possível, então o inimigo das almas o confronta com estes textos, da mestra forma que confrontou o próprio Cristo com textos da Escritura, procurando dar-lhes uma aplicação errônea.

"O texto fala de indivíduos que verdadeiramente foram iluminados. Verdadeiramente provaram o dom celestial, e sabem por experiência o que ele significa. Tornaram-se participantes do Espírito Santo. Provaram a Palavra de Deus e os poderes do mundo vindouro. Sua experiência alcançou as profundezas de um conhecimento definido, de forma que conheceram os explícitos fundamentos do divino dom. E então estes indivíduos se afastam de tudo isto, e, segundo o texto citado do décimo capítulo de Hebreus, consideram o sangue da aliança, pelo qual foram santificados, como coisa profana, comum. Desprezaram o Espírito da graça.

"O texto fala de uma deserção real que leva um homem a renunciar a coisas que ele realmente sabe serem a verdade, e a tratar com desrespeito e desprezo o Espírito Santo, cujas influências em toda a sua bendita realidade ele sentiu no próprio coração e vida.

"E tendo desertado desta maneira pode ser prontamente visto que ele se desligou de todas as influências que o atrairiam ao céu, e propositada e determinadamente se colocou numa posição sem esperança e fora do alcance de Deus. O texto mostra que ele fez isto voluntariamente – exercitou sua vontade para fazê-lo.

"Mas o pobre apostatado, em vez de exercitar qualquer poder da vontade simplesmente deixou que sua vontade fosse vencida e destronada pelos persistentes ataques de Satanás; e para todos estes, o Senhor envia muitos apelos graciosos em Sua Palavra, como (Jer. 35:12-14, 22). De todos os benditos atributos de Deus, há um que Ele destacou como preeminente: O Senhor... tem prazer na misericórdia. Miquéias 7:18". – *Questions and Answers*. F. M. Wilcox, vol. II, págs. 210-212.

ALMAS DEBAIXO DO ALTAR – APOCALIPSE 6:9

"O altar apresentado no quadro profético era provavelmente reminiscências do altar de bronze do santuário dos hebreus, e os mártires podem ser lembrados como sacrifícios apresentados a Deus. Como o sangue das vítimas era derramado na base do altar, e a vida da carne está no sangue, assim as almas daqueles que foram martirizados são comparadas como estando debaixo do altar".¹

"O altar corresponde nesta liturgia celeste ao altar dos holocaustos (I Reis 8:64). Os mártires, testemunhas da Palavra, são associados à imolação de seu Mestre (cf. Filip. 2:7). Segundo a concepção bíblica e oriental, a vida reside no sangue. Aqui as vidas dos mártires estão 'escorrendo' para a base do altar celeste onde se consomem os seus sacrifícios cruentos (cf. Lev. 4:7)".²

As "almas debaixo do altar", apresentadas por João nesta passagem, são uma representação simbólica aos filhos de Deus, que foram martirizados na Idade Média por causa do Evangelho. O sangue ou a vida que seus perseguidores derramaram simbolicamente clama a Deus pedindo vingança a exemplo do sangue de Abel, em Gên. 4:10, que clamava a Deus. Se o altar do sacrifício estava sobre a terra, e as almas são representadas como estando debaixo do altar do sacrifício, conseqüentemente não eram almas que estavam no céu.

O que deixa a muitos leitores perplexos nesta passagem é o conceito popular, mas antiescriturístico da palavra alma – uma essência imaterial, invisível e imortal que existe no homem. O conhecimento da palavra no original hebraico e grego jamais admite tal definição. Dentre seus múltiplos significados se destacam também os de vida e pessoa. Este é o caso de Apoc. 6:9, onde as "almas de baixo do altar" simbolizam pessoas, isto é, os mártires, sendo altar simbólico de sacrifício ou martírio. Seria um disparate indescritível a aceitação literal de que essas almas estivessem presas, debaixo de um altar no céu. Se aceitássemos o relato como real, essas almas no céu, e os seus ímpios perseguidores no inferno, segundo a crença popular, qual a razão de clamarem ainda por vingança, já que os seus torturadores estavam pagando seu merecido castigo?

Esta passagem traz uma mensagem de conforto para os que sofreram, sofrem e sofrerão por Cristo o cuidado incessante de Deus em favor dos que aceitaram o Seu plano de salvação. Muitos não podem compreender por que Deus permite que alguns de Seus filhos fiéis sejam maltratados pelos ímpios. Embora o procedimento divino, por vezes, esteja além de nossa limitada compreensão, de uma coisa podemos ter

certeza, Deus fará justiça dando o galardão aos fiéis e deixando que os ímpios sejam destruídos.

No capítulo seis de Apocalipse, João apresenta uma profecia dos acontecimentos que se realizariam durante a era cristã.

A referência às "almas debaixo do altar" do verso 9 relaciona-se com a época da Reforma. Tanto a história secular quanto a sagrada nos informam que milhares e milhares dos chamados hereges foram barbaramente massacrados e mortos por todos os meios imagináveis. Felizmente, este estado de coisas teve o seu fim, com o protesto dos príncipes na Dieta de Spira em 1529 e o incremento da Reforma através de toda a Europa. O contexto geral das Escrituras nos impede de tomar esta passagem em seu sentido literal, pois se assim fosse teríamos de aceitar a Morte e o Inferno cavalcando um cavalo literal através da terra.

Referências:

1. *Seventh-Day Adventist Bible Commentary*, vol. VII, págs. 777-778.
2. A Bíblia de Jerusalém, pág. 1614. Nota sobre Apoc. 6:9.

UMA INTRIGANTE PERGUNTA: QUEM SÃO OS 144.000?

Introdução

Embora muito já tenha sido escrito e falado sobre este número, como igreja nunca tomamos uma posição oficial sobre o assunto.

Antes de tecer alguns comentários, seria bom frisar que nele não se encontra envolvido nenhum ponto fundamental de doutrina.

Dentre as explicações apresentadas pelo estudiosos algumas são especulativas, outras absurdas, como aquela de que os 144.000 só seriam constituídos de cidadãos norte-americanos, chegando ainda outros a afirmar que este número seria constituído apenas de judeus literais.

Nossa posição neste estudo deve ser serena e equilibrada, para não cairmos no extremo de não querer estudá-lo por achá-lo irrelevante, nem passar ao outro despendendo demasiado tempo em sua discussão. Alguém poderá objetar que Ellen G. White disse que neste assunto "o silêncio é eloquência". Evidentemente ela se referia a estereis especulações que não trazer nenhum proveito ao indivíduo e à igreja. Do outro lado se encontra T. H. Jemison, que declarou em *Our Firm Foundation*, vol. II, pág. 407: "Precisamos pregar sobre o assunto dos 144.000. O tema tem de receber lugar de muito destaque em nosso pensamento e em nossas palestras".

Comentários

As únicas referências bíblicas a este número se acham em Apoc. 7:4 e 14:1 e 3 e vagamente deduzíveis de Ezeq. 9:4; 20:12.

As alusões ao sinal ou selo, ensejam a oportunidade de dizer algumas palavras de seu significado bíblico.

Deus sempre "sela" ou assinala os seus.

No Egito, o sangue do cordeiro foi o sinal de identificação antes que viesse o juízo. Nos dias de Ezequiel, Deus ordenou que fosse marcada com um sinal a testa dos homens, que suspiravam e gemiam por causa de todas as abominações que se cometiam (Ezeq. 9:4). O "selo" ou "sinal" pode ser uma crença no coração, uma lealdade na vida, que distinga o crente do pecador.

Paulo nos diz em Efés. 4:30 que o Espírito Santo é o instrumento de Deus para selar.

Ezequiel 20:12 e 20 apresenta o mandamento do sábado como o selo de Deus.

Os 144.000 representam o "remanescente" ou "resto da sua semente" (da igreja verdadeira), os que guardam os mandamentos de Deus, e têm o testemunho de Jesus Cristo (Apoc. 12:17).

Da declaração de serem tirados 12.000 de cada uma das 12 tribos, alguns comentaristas crêem que o número total 144.000 é simbólico e não literal.

O contexto, em que se encontra a passagem referente aos 144.000, é um dos meios mais valiosos para identificação desse grupo.

Se o pesquisador bíblico ler os últimos versos de Apoc. 6, compreenderá a relação de Apoc. 7 com os últimos acontecimentos, e reconhecerá que ali nos é apresentado o segundo advento de Cristo. João, após mencionar os ímpios dos últimos dias, prossegue nos versos iniciais do capítulo 7 falando nos justos desse tempo, os 144.000.

Por sua lealdade a Deus na obediência aos seus mandamentos, e inabalável fé em Cristo Jesus, este grupo terá de enfrentar a ira de Satanás (Apocalipse 12:17). Por sua experiência vitoriosa nesta luta, os 144.000 têm a honra especial de ser no Monte Sião, a guarda de honra de Cristo.

Pastor Samuel Ramos, no opúsculo "Duas Sínteses", apresentou aspectos úteis para identificação dos 144.000, a quem pedimos vênias para destacar esta parte de seu comentário.

As Três Teorias Prevalentes sobre os 144.000

1º) Serão salvos apenas 144.000 pela pregação das Três Mensagens Angélicas, desde 1844 até a volta de Cristo, incluindo os que morreram fiéis na mensagem do terceiro anjo. Só 144.000 adventistas serão salvos.

2º) Os 144.000 serão os salvos entre os justos por ocasião da segunda vinda de Cristo. Somente eles permanecerão vivos até a volta de Jesus, os demais justos já teriam morrido antes das sete pragas para serem então ressuscitados na volta de Cristo.

3º) Eles serão um grupo especial, selecionado dentre os salvos vivos por ocasião da volta de Jesus. Os 144.000 são representantes da grande messe de salvos vivos quando do regresso do nosso Salvador.

Ele comenta cada uma destas três proposições, detendo-se especialmente na última por ser a mais condizente com nosso ponto de vista.

Nossa revista denominacional em inglês, *Review and Herald*, de 10/04/1958, pág. 9 trouxe a seguinte informação sobre este tema:

"O caráter de preferência ao número exato dos 144.000, é o fato importante. São os que passaram por grande tribulação (Apoc. 6:17); estarão com o Cordeiro sobre o Monte Sião (14:1); são irrepreensíveis diante de Deus (v. 5); são de vida pura (v. 4); cantarão o cântico novo (v. 3); são primícias para Deus e para o cordeiro (v. 4). São, enfim, israelitas espirituais no sentido de vencedores, os limpos de coração' (Sal. 73:1). Compare com Rom. 2:28 e 29; 9:6 e 7; Gál. 3:29; 6:15 e 16".

The SDA Bible Commentary e os 144.000.

Seria falho este estudo, se deixássemos fora o que este comentário apresenta sobre ele. Suas conclusões sempre se pautaram pelo equilíbrio e ponderação, por isso precisam ser acatadas. A apresentação encontrada no vol. VII, págs. 783 a 785 é um subsídio valioso no equacionamento deste número enigmático. Seguem-se as partes mais significativas:

"Com referência ao número dos 144.000 são mantidos dois pontos de vista: 1º) esse número é literal; 2º) ele é simbólico. Alguns dos que afirmam que esse número é literal, salientam que o sistema de contagem pode ser idêntico ao que foi empregado na numeração das 5.000 pessoas alimentadas miraculosamente, em que foram contados apenas os homens, e não as mulheres e crianças (ver S. Mat. 14:21). Os que afirmam que o número é simbólico salientam que essa visão é inteiramente simbólica, visto que os outros símbolos não devem ser interpretados literalmente, também não é necessário que este seja interpretado assim...

"Os 144.000 são apresentados como os que podem 'suster-se' em meio aos terríveis acontecimentos descritos no cap. 6:17. Eles possuem 'o selo do Deus vivo' (cap. 7:2) e são protegidos no tempo da destruição universal, como sucedeu com os que tinham o sinal, na visão de Ezequiel (Ezequiel 9: 6)...

"Há divergências de opinião sobre quem constitui os 144.000, dentre a última geração dos santos. A falta de informações mais definidas para se chegar a conclusões dogmáticas no tocante a certos pontos, fez com que muitos dêem ênfase não a quem são os 144.000 mas àquilo que eles são, isto é, ao caráter que possuem...

"O seguinte conselho é bastante apropriado: 'Não é da vontade de Deus que se entre em controvérsia sobre questões que não proporcionam auxílio espiritual, tais como: Quem fará parte dos 144000? Isto os eleitos de Deus saberão com toda a certeza dentro de pouco tempo'. (E. G. White)". Vol. VII, pág. 783.

"Desde os tempos mais antigos os comentaristas têm nutrido idéias divergentes quanto à relação existente entre a multidão (de Apoc. 7:9-17) e os 144.000. São defendidos três pontos de vista principais:

"Um deles afirma que os 144.000 e a 'grande multidão'... representam o mesmo grupo de pessoas, mas sob condições diferentes, e que os versículos 9 a 17 revelam a verdadeira identidade dos / 144.000...

"A segunda opinião salienta as diferenças entre os 144.000 e a 'grande multidão'. O primeiro grupo pode ser contado, o segundo não. Um representa um grupo especial: as 'primícias para Deus e para o Cordeiro'; 'são os seguidores do Cordeiro por onde quer que vá' (Apoc. 14:4). O outro representa os santos restantes, que triunfaram em todas as épocas.

"O terceiro ponto de vista declara que a 'grande multidão' representa a totalidade dos remidos, inclusive os 144.000.

"Os adventistas do sétimo dia em geral têm de fendido o segundo ponto de vista". Idem pág. 784.

Conclusão

Quero terminar este estudo com a resposta dada por Gerhard F. Hasel, professor de Teologia na Andrews University; à pergunta: "Quem são os 144,000 a que se refere o Apocalipse?

A resposta a esta pergunta encontramos em Apoc. 7 e 14. Os 144.000 são seres humanos que constituem o último remanescente fiel. São identificados:

- 1º) Por terem o nome do Cordeiro e de Seu Pai escrito na fronte (Apoc. 14:1);
- 2º) Por terem sido resgatados dentre os da Terra (versos 3 e 4);
- 3º) Por se haverem mantidos incontaminados de relações ilícitas com outras organizações religiosas (verso 4);
- 4º) Porque possuem sinal de pureza (verso 4);
- 5º) Por levarem o sinal da veracidade (verso 5);
- 6º) Por levarem o sinal da pureza tanto moral como religiosa (v. 5);
- 7º) Por seguirem o Cordeiro por onde quer que vá (verso 4).

"À pergunta: 'quem são?' refere-se a nós. Não basta conhecermos os sinais de identificação. Muito mais importante que isto é saber se ostentamos ou não esses sinais. Vivemos em íntima comunhão com nosso Senhor, dia após dia, de tal sorte que nossa condição moral e religiosa reflita o Deus Altíssimo? Se assim não for, a mensagem dos 144.000 nos convida a obter essa consagração para que possamos experimentar então o começo da vida eterna, de maneira que possamos passar da morte para a vida (I João 3:14; João 5:24; Efés. 2:1), e possamos contar-nos entre os 144.000". *Revista Adventista*, janeiro de 1977, pág. 11.

Nota: Será interessante ler todo o seu artigo.

PASSAGENS APARENTEMENTE CONFLITANTES

Quando devidamente interpretada e compreendida a Bíblia não se contradiz.

Para solucionar passagens que parecem contraditórias é preciso conhecer a índole das línguas hebraica e grega; constatar se o relato se apresenta em linguagem figurada ou literal; verificar se não houve problema de tradução; investigar no aparato crítico se

não houve mudança de palavra por algum copista negligente, mas sobretudo aplicar os princípios exegéticos.

As aparentes contradições vêm apenas corroborar a origem divina da Bíblia, e ainda revelar, por vezes, as limitações da linguagem humana para expressar conceitos divinos. Se as Escrituras fossem um trabalho de homens eles ter-se-iam esforçado para retirar do seu relato tudo que parecesse contradição.

Na Bíblia normalmente encontramos a exposição dos fatos sem os explicar.

W. Arndt na introdução de seu livro *A Bíblia se Contradiz?* apresenta conceitos muito úteis para a harmonização de aparentes discrepâncias da Palavra de Deus. De seu prefácio quero destacar o seguinte:

"A Bíblia diz que os cristãos são santos e diz que são pecadores. Um pequeno estudo revelará que esses dois atributos existem lado a lado. As Escrituras nos informam que o cristão é pessoa dual, que é novo ser, renascido pelo Espírito de Deus, que parcialmente ainda é seu velho eu, nascido de pais pecaminosos. Segundo sua nova natureza é santo; segundo a velha natureza é pecaminoso. De sorte que as duas qualidades mencionadas não são contraditórias no caso do cristão".

"Deus se revela em sua Palavra como o faz em suas obras. Em ambas vemos um Deus que se revela e se esconde, um Deus que só se dá a conhecer aos que o procuram com seriedade; em ambas encontramos estimulantes da fé e ocasiões raras de incredulidade; em ambas encontramos contradições cuja harmonia superior está oculta, exceto para aquele que em reverência entrega toda a sua mente; em ambas, numa palavra, é uma lei da revelação que o coração do homem seja testado ao recebê-la, e que na vida espiritual, como na vida física, o homem deve comer o pão no suor do seu rosto".

Arndt está fazendo uma citação de Haley, cujas palavras pertencem a Neander.

"É preciso não passar por alto diversos fatos adicionais. Vez que outra parece existir discrepância entre duas passagens da Escritura porque uma, ou outra, ou ambas não foram traduzidas corretamente ou não foram traduzidas com suficiente precisão. Em tais casos, aqueles que conhecem o texto original, geralmente podem resolver a dificuldade rapidamente. Em casos dessa natureza, a falha não está na Bíblia, mas na tradução. Como as demais línguas, o Grego e o Hebraico, as línguas originais das Escrituras têm suas peculiaridades e finuras, e muitas vezes é extremamente difícil fazer uma tradução inteiramente satisfatória e adequada em português. Nessa conexão podemos apontar para duas passagens famosas que encontramos no livro Atos dos Apóstolos, no relato da conversão de Paulo".

I. A obra da Criação foi concluída no Sexto ou Sétimo Dia?

É um fato aceito por todos nós, deduzível da leitura de Gênesis 1:32 e 2:1, que Deus acabou a sua obra criativa no sexto dia. O verso 2 do segundo capítulo parece contradizer esta crença ao declarar: "E havendo Deus terminado no dia sétimo a sua obra ...".

Crêem alguns comentaristas que há aqui uma deficiência da linguagem, pois a leitura dos dois versos anteriores de Gên. 2:2 nos evidencia que a obra já estava concluída no sexto dia. A pobreza dos tempos verbais em hebraico talvez seja

responsável por esta aparente divergência. O sentido do original devia ser este: "estando já acabada a obra no sétimo dia".

O mui conhecido e digno de crédito comentarista Adão Clarke assim se expressou sobre este verso:

"É voz geral da Escritura que Deus terminou toda a criação em seis dias e repousou no sétimo, dando-nos um exemplo de que trabalhemos seis dias e no sétimo descansemos de toda a antigüidade manual. É digno de nota que a Septuaginta, a Siríaca e a Samaritana dizem sexto dia, em vez de sétimo; e isto deve ser considerado certo".

Ele conclui suas explicações aventando a hipótese de ter havido uma confusão no hebraico entre os números 6 e 7 por serem muito parecidos.

O SDABC afirma sobre Gên. 2:2:

"Têm sido feitas várias tentativas para resolver a aparente dificuldade entre os versos 1 e 2; um declara que a obra de Deus foi terminada no sexto dia e o outro no sétimo dia. A Septuaginta e as versões samaritana e siríaca escolheram o caminho mais fácil para resolver o problema, substituindo a palavra 'sétimo', do texto hebraico, pela palavra 'sexto'.... 'Acabou',     . Alguns eruditos, começando com Calvino têm traduzido,      como 'havia acabado', o que é gramaticalmente possível. Outra interpretação considera que a obra da criação foi terminada apenas depois da instituição do dia de repouso".

II. Há contradição entre Êxodo 20:5 e Ezequiel 18:20?

Na primeira passagem lemos: "... Deus zeloso, que visito a iniquidade dos pais nos filhos..." Enquanto a segunda declara: "...o filho não levará a iniquidade do pai..."

Estes dois textos interpretados cuidadosamente em seus contextos e na compreensão da Bíblia em suas doutrinas gerais jamais se contradizem.

Através da declaração "visito a iniquidade dos pais nos filhos", Deus nos quer ensinar que os filhos sofrem as conseqüências dos pecados dos pais. Pensemos no filho de um alcoólatra inveterado, os filhos herdaram dos pais fraquezas que os levam a pecar. Estudos têm sido feitos provando que os pais praticantes de vícios e pecados transmitem aos filhos e netos as conseqüências de sua vida desregrada. Embora os filhos sofram as conseqüências dos pecados dos pais, Deus em Sua justiça irá punir apenas os responsáveis pelo pecado. A pessoa sofre fisicamente, mas isto não afasta a sua salvação.

A primeira passagem está falando do aspecto físico, enquanto a segunda se refere ao aspecto espiritual.

O filho do maior marginal, não seguindo o exemplo paterno, e aceitando a Cristo como seu Salvador tem o privilégio da salvação. Na primeira passagem há referências às tendências hereditárias; na segunda, Ezequiel dá ênfase a esta verdade – o filho não é responsável pelos erros dos pais.

O primeiro texto trata dos resultados físicos nesta vida; o segundo, da salvação espiritual para a vida por vir.

III. Discordância entre Deut. 5:17 e Lev. 20:27.

À revista "O Atalaia" apresentaram o seguinte pedido: "Peço-vos a especial fineza de esclarecer-me a visível contradição entre Deut. 5:17 e Lev. 20:17. Transcreveremos sua resposta:

"É preciso notar que os hebreus constituíam uma teocracia, isto é, eram diretamente governados por Deus, por intermédio de seus juízes. Neste caso, era-lhe lícito, por ordem divina, executar a pena de morte contra quem desobedecesse a ordens expressas de Jeová. Foi, por exemplo, o que fizeram no caso relatado em Números 15:32-36, e em muitos outros. Hoje, é claro que semelhante procedimento seria crime grosseiro. O mandamento "Não matarás" naturalmente não afetava as ordens expressas de Deus, a um povo governado direta e exclusivamente por Ele. As ordens de matar tais ou quais pessoas, as quais encontramos nas instruções aos hebreus, e que hoje causam tanta estranheza a muitos leitores superficiais da Bíblia, representam apenas a consumação da infalível justiça de Deus. Assim é que os israelitas tiveram ordem de exterminar povos inteiros. Crueldade, injustiça? Não; a história desses povos mostra a que profundidade de corrupção haviam chegado, enchendo a ampla medida da misericórdia divina. Naquele tempo os hebreus eram os instrumentos pelos quais o Senhor executava a justiça". – *O Atalaia*, julho de 1935, pág. 18.

IV. Como conciliar – Deus não tem prazer na morte do perverso de Ezeq. 18:23 com a afirmativa de Salomão em **Prov. 16:4** – "O Senhor fez todas as coisas para determinados fins, e até o perverso para o dia da calamidade".

É princípio primário de interpretação, que se um texto é difícil, ele deve ser comparado com outros que sejam mais fáceis para esclarecê-lo. Jamais esquecer que a Bíblia se explica pela própria Bíblia.

Se lermos Ecles. 7:29: "Eis o que tão somente achei: que Deus fez o homem reto, mas ele se me teu em muitas astúcias" saberemos que Deus não podia criar perversos.

Prov. 16:4 será bem compreendido atentando para o livre arbítrio, a possibilidade do homem escolher entre o bem e o mal. Deus não é o originador do mal, mas se o homem escolhe praticar o mal, Deus haverá de destruí-lo.

Joseph Angus declarou sobre esta passagem:

"A idéia de que os ímpios foram criados para poderem ser condenados, a qual alguns julgam estar compreendida nesta passagem, não se conforma com inumeráveis lugares da Escritura (Sa1. 145:9; Ezeq. 18:23; II Ped. 3:9). A significação, portanto, daquele texto é a de que todo o mal contribui para a glória de Deus e promove a realização dos seus insondáveis desígnios". – *História, Doutrina e Interpretação da Bíblia*, pág. 153.

Há pessoas que citam Prov. 16:4 e Rom. 9:15-24 como prova de que a Bíblia ensina que algumas pessoas não podem ser salvas. Esta conclusão é totalmente errada diante de uma infinidade de passagens, como por exemplo S. João 3:16.

Wilcox dando resposta a esta pergunta: "Prov. 16:4 e Rom. 9:15-24 não ensinam que algumas pessoas não podem ser salvas?", afirmou:

"Não; Deus salva o caráter; e chama toda alma a possuir um caráter que possa ser salvo. O primeiro texto simplesmente ensina que todas as coisas se encaixam no plano de Deus. Os ímpios pertencerão ao dia da ira, mas Deus não compele ninguém a ser ímpio. Veja Seu juramento em Ezequiel 33:11.

"Deus teria glorificado Seu nome através da submissão de Faraó se o monarca egípcio houvesse se submetido, da mesma forma que fez através de Nabucodonosor e Ciro. Ele o suscitou e o colocou no trono para este propósito. Faraó não quis se submeter, por isso o Espírito de Deus o entregou à dureza de coração. Deus, porém, trouxe glória para Si próprio apesar da teimosia do rei.

"Estude uma expressão em Rom. 9:15. De quem é a vontade de Deus ter misericórdia? 'E faço misericórdia até mil gerações daqueles que me amam e guardam os meus mandamentos'. Êx. 20:6. Esperamos isso; mas sobre que outra classe é a vontade de Deus mostrar compaixão e misericórdia? (Isaías 55:7; Ezeq. 33:11). Deus não está tantalizando quando diz 'todo aquele que crê' em João 3: 16 e 'quem quiser' em Apoc. 22:7".

V. A declaração de Cristo em S. João 3:13.

"Ora, ninguém subiu ao céu, senão aquele que de lá desceu, a saber, o filho do homem", parece contrariar outros testemunhos escriturísticos que nos inteiram que Enoque, Elias e Moisés já haviam subido ao céu.

Temos aqui uma "alusão à ascensão, que manifestará a origem celeste de Jesus e o entronizará na glória do Filho do Homem". Anotação da Bíblia de Jerusalém a esta passagem.

A leitura atenta do contexto nos mostrará que o que Cristo quis dizer é que ninguém subira ao céu para obter informações acerca do plano de Deus concernente ao homem.

Clarke apresenta o seguinte comentário.

"Parece haver aqui uma expressão figurada, indicando que ninguém conhece os mistérios do reino de Deus como lemos em Deut. 30:12; Sal. 73:17; Prov. 50:4; Rom. 11:34. Expressão pode ser compreendida, relacionando-a com a seguinte máxima: "Para estar perfeitamente familiarizado com os acontecimentos de um lugar é necessário que a pessoa esteja no lugar". Nosso Senhor provavelmente pretendia corrigir uma falsa noção dos judeus, a saber, que Moisés ascendera ao céu para receber a lei".

Sobre a variante – "que está no céu" – que aparece em algumas traduções, ela não se encontra no original. Talvez tenha sido uma anotação tardia feita por um copista, quando Jesus em realidade estava no céu.

VI. Há ou não justos neste mundo?

Eccl. 7:20 parece chocar-se com Mat. 1:19 e Luc. 1:6, desde que na primeira passagem se declara que não há homem justo sobre a terra, enquanto nas outras duas, José esposo de Maria e os pais de João Batista são apresentados como justos.

Com o conhecimento de apenas um aspecto da linguagem tudo se esclarecerá. As palavras podem ser empregadas em sentido absoluto e relativo. Em sentido absoluto não existe nenhum justo entre os homens desde que este predicado pertence única e exclusivamente à Divindade. Cristo recebeu este título - "o justo". Em sentido relativo todo aquele que se esforça para seguir a orientação divina pode receber este elogioso título. A Bíblia chama justos a Abel, José, Daniel e a alguns outros que se submeteram às diretrizes da Palavra de Deus.

Pensemos na palavra "santo", empregada por escritores bíblicos para designar personagens por vezes falhos e claudicantes na estrada da vida. A Bíblia está mais interessada em mostrar as intenções do que as realizações.

As palavras apresentam gradações de significado. Um dicionário de sinônimos indicará para justo os seguintes matizes: reto, íntegro, imparcial, racional, lógico, preciso, certo, exato, legítimo, adequado, conveniente, merecido etc.

VII. Romanos 2:12 e 5:13 se contradizem?

Paulo escreveu:

"Assim, pois, todos os que pecaram sem lei, também sem lei perecerão; e todos os que com lei pecaram, mediante lei serão julgados". 2: 12.

"Porque até ao regime da lei havia recado no mundo, mas o pecado não é levado em conta quando não há lei". 5:13.

Ao Deus criar o homem e colocá-lo no Jardim do Éden escreveu a Sua lei no coração humano, sendo desnecessária a lei escrita em tábuas de pedra. Mesmo nas regiões mais atrasadas do mundo as pessoas têm conceitos de justiça, sabendo distinguir o certo do errado. Deus não exige do gentio que tem pouca luz, mas é sincero, mais do que a sua razão possa alcançar. Do outro lado, o homem que tem conhecimento dos Dez Mandamentos, mas não vive de conformidade com a luz que possui, ele não será aceito por Deus. Não é o conhecimento mental e intelectual que nos salva, mas a disposição de viver de acordo com a luz que possuímos e a aceitação de Cristo em nossa vida.

Rom. 5:13 não indica que houve um tempo quando não existia lei, porque a segunda parte do verso declara - "mas o pecado não é levado em conta quando não há lei". A expressão "até à lei" tem apenas o significado de até que a lei fosse escrita.

Os israelitas no Egito perderam a intuição da lei divina escrita em sua mente e coração, daí a necessidade de Deus apresentá-la por escrito.

O comentário que se segue é de autoria do personagem já muitas vezes citado em nossas pesquisas, Adão Clarke, sobre Rom. 2:12 e 5:13.

Romanos 2:12 :

"Eles, a saber, os gentios, que se verificar haverem transgredido contra a mera luz da natureza, ou antes, aquela verdadeira luz que ilumina todo homem que vem ao mundo (João 1:9), não estarão sob a mesma regra que aqueles, os judeus, que além disto desfrutaram de uma extraordinária revelação; mas serão tratados segundo sua dispensação inferior, sob a qual se alinharam: enquanto que aqueles, os judeus, que pecaram contra a lei – a positiva revelação divina a eles concedida, serão julgados por esta lei, e punidos proporcionalmente ao abuso de uma vantagem tão extraordinária".

Romanos 5:13 :

"Como a morte, também o pecado reinou de Adão até Moisés, visto que não houve lei escrita desde Adão até a que foi outorgada a Moisés, a morte que prevalecia não podia ser a infração dessa lei; pois o pecado, para ser punido com a morte temporal, não é imputado onde não há lei, o que mostra que a penalidade do pecado é a morte. Portanto, os homens não estão sujeitos à morte por suas próprias transgressões pessoais, mas pelo pecado de Adão, uma vez que, através da transgressão dele, todos vêm ao mundo com as sementes da morte e corrupção em sua própria natureza, adicionadas a sua depravação moral. Todos são pecaminosos – todos são mortais – e todos devem morrer".

VIII. Haverá Coerência entre Rom. 9:13-24 e I Tim. 2:3 e 4?

Será que Paulo em Romanos declara que Deus não deseja a salvação para todos enquanto em I Tim. 2:3 e 4 afirma que Deus deseja que todos se salvem? A primeira declaração é falsa; porém a segunda é verdadeira.

O problema subjacente nestas declarações paulinas poderia ser apresentado com uma palavra – predestinação. Este assunto vem explicado em nosso livro *Explicação de Textos Difíceis da Bíblia*.

Quanto a este controvertido tema, a verdade está sintetizada na frase: "Deus quer que todos os homens se salvem".

Rom. 9:23 a 24 não diz que há pessoas a quem Deus não possa salvar, diz apenas que tudo se adapta ao seu plano. O ímpio será destruído, mas Deus não impele ninguém a ser ímpio (Ezeq. 33:11). A ação de Deus sobre o homem é semelhante a ação do sol. O sol é culpado por endurecer o barro? Não. O problema está com a natureza do barro. Podemos culpar a Deus por alguns corações se endurecerem e outros se abrandarem? A resposta apenas pode ser negativa. O mesmo sol que endurece o barro, derrete a manteiga e a cera.

IX. A Afirmação de Atos 9:7 é impugnada por Atos 22:9?

Na primeira citação Lucas declara que as pessoas que iam com Paulo ouviram a voz, mas no cap. 22:9 o próprio Paulo afirma que os circunstantes não ouviram a voz.

A tradução de Almeida Revista e Corrigida assim apresenta as duas passagens:

- Atos 9:7: "E os varões, que iam com ele, pararam espantados, ouvindo a voz, mas não vendo ninguém".

- Atos 22:9: "E os que estavam comigo viram, em verdade, a luz, e se atemorizaram muito; mas não ouviram a voz daquele que falava comigo".

Na Edição Revista e Atualizada este problema de tradução já foi sanado, pois Atos 22:9 reza: "Os que estavam comigo viram a luz, sem contudo perceber o sentido da voz de quem falava comigo".

Vincent apresenta a seguinte nota para Atos 22:9 "O verbo deve ser tomado no sentido de compreender, como em Mar. 4:33; I Cor. 14:2, que explica a aparente discrepância com Atos 9:7.

A Bíblia de Cambridge apresenta o seguinte esclarecimento:

"Paulo ouviu palavras inteligíveis; os outros ouviram uma voz, sem distinguir as palavras. Não ouviram a voz, isto é, as palavras dirigidas a Paulo. Só tinham consciência de ter ouvido um som próximo".

Em outras palavras: Paulo compreendeu o sentido das palavras; os outros só ouviram o som. O conhecimento da sintaxe grega ajuda a solucionar o problema:

"Quem lê grego facilmente pode resolver a dificuldade. A construção do verbo ouvir (akouo) não é a mesma nos dois relatos. Em Atos 9:7 o verbo é empregado com o genitivo, e em Atos 22:9 com o acusativo. A construção com o genitivo simplesmente expressa que algo está sendo ouvido, ou que determinados sons alcançam o ouvido. Não se indica se a pessoa entende ou não o que ouve. A

construção com o acusativo descreve um ouvir que inclui apreensão mental da mensagem falada. Daí se torna evidente que as duas passagens não se contradizem. Atos 22:9 não nega que os companheiros ouviram de terminados sons. Simplesmente declara que não ouviram de modo a entender o que estava sendo dito. Algumas línguas nesse caso não são tão expressivas como o grego". W. Arndt. *A Bíblia se Contradiz?* pág. XI.

X. Setenta ou Setenta e Cinco Pessoas desceram ao Egito?

Gênesis 46:27: "... Todas as pessoas da casa de Jacó, que vieram para o Egito, foram setenta".

Atos 7:14: "Então José mandou chamar a seu pai, Jacó, e toda a sua parentela, isto é, setenta e cinco pessoas".

"Que Estevão mencionasse 75 (At. 7:14) em vez de 70 deve-se provavelmente ao fato de que ele inclui os 5 netos de José. Isto foi feito pelos tradutores da Septuaginta, que em Gênesis 46:27 citam o número 75". – The SDABC, vol. I, pág. 470.

XI –Mateus 27:9 cita Jeremias, porém foi dito em Zacarias 11:13.

As explicações são muitas, sendo talvez as duas mais consistentes as seguintes:

1º) Numa das organizações dos livros proféticos o de Jeremias aparecia encabeçando a lista. Este primeiro estendia o seu nome aos outros livros. Este processo aconteceu com o livro de Salmos.

2º) Se todos reconhecem que esta citação foi feita por Ezequiel (11:13), é também uma realidade que ela se combina com a idéia da compra de um campo relatada em Jeremias 32:6-15. Jeremias não faz alusão as trinta moedas de prata, em contrapartida Ezequiel não menciona a compra do campo. Mateus poderia ter escrito assim: Então se cumpriu o que foi dito pelos profetas Jeremias e Ezequiel. Sendo Jeremias um profeta mais destacado o seu nome permaneceu.

Os copistas procurando harmonizar esta divergência têm apresentado as seguintes variantes.

- o que foi dito pelo profeta Jeremias.
- o que foi dito pelo profeta Ezequiel.
- o que foi dito pelo profeta.
- o que foi dito pelos profetas Jeremias e Ezequiel.

As sugestões que Mateus citou de memória, por isso errou e que a citação foi retirada de um livro apócrifo de Jeremias não devem ser esposadas por nós.

OS DOIS CONCERTOS

"Concerto é a disposição da soberana vontade de Deus, pela qual Ele ordena a relação entre Si e o homem de acordo com seu propósito salvífico." Kittell, II Vol., pág. 134.

"Concerto é uma espécie de acordo solene entre Deus e o homem, quase sempre condicionado a alguma obrigação da parte do homem para que receba a bênção prometida." – Russell Norman Champlin.

Concerto pode ser definido com toda a propriedade como a providência divina para a salvação do ser humano. Concerto seria sinônimo da expressão – "Plano da Redenção".

A palavra para concerto no Velho Testamento é *berith*, usada 286 vezes, cujo significado original é unir, prender, uma união ou ligação.

No grego neotestamentário o vocábulo para concerto é *diatheke*, que ocorre somente 33 vezes. Etimologicamente significa estabelecer entre. *Diatheke* significa uma livre promessa do lado divino e um compromisso do lado humano.

Muitos interpretam os dois concertos como representativos de duas dispensações.

1ª) A dispensação da lei, que continuou até a cruz.

2ª) A dispensação da graça, na qual os cristãos não se encontram mais sob a lei, mas sob a graça.

Não é defensável pela Bíblia uma dispensação da lei e uma dispensação da graça. Tanto a graça quanto a lei sempre existiram no período do Antigo e do Novo Testamentos. Para os que afirmam que não existe lei sob o novo concerto, as passagens de Rom. 3:31 e Heb. 8:10 provam a falsidade de sua afirmação.

No livro *Patriarcas e Profetas*, pág. 372, lemos: "A mesma lei que fora gravada em tábuas de pedra, é escrita pelo Espírito Santo nas tábuas do coração."

H. M. S. Richards escreveu: "O justo no Velho Testamento é alguém que está obedecendo a Deus e a Sua lei, não para receber justiça ou salvação, mas porque Israel recebeu em sua eleição, como povo do concerto de Deus, divina justiça pela fé. Portanto a lei de Deus está em seu coração e a obediência é motivada pelo amor e gratidão."

Em sua essência dever-se-ia falar de apenas um concerto na Bíblia, isto é, o eterno concerto de Deus com o homem visando a sua salvação.

Na Bíblia há referências ao concerto de Deus:

- a) Com Adão (Gên. 3:15 , Osé. 6:7);
- b) Com Noé (Gên. 9:9)
- c) Com Abraão (Gên. 12:1-3; 17:15-22).
- d) Com Israel no Sinai (Êxo. 19:5-8; 24:7-8; Gál. 4:24);
- e) Com Davi (Sal, 132:11; At. 2:30);
- f) Novo Concerto (Jer. 31:31; Heb. 7:22; 8:6,10, 13).

Paralelo Entre os Dois Concertos

I – Semelhanças:

- a) Deus é o mesmo em ambos.
- b) Os dois estão baseados na lei de Deus.
- c) Um e outro foram ratificados com sangue.
- d) Nos dois as condições para obter a vida eterna é perfeita obediência.
- e) Ambos foram feitos com o povo de Deus e estão alicerçados nas promessas divinas.
- f) A promessa de companheirismo e comunhão de Deus é a mesma.

II – Dessemelhanças:

VELHO CONCERTO	- NOVO CONCERTO
a) Foi feito no Sinai (Êxo. 19:3-8).	- Foi feito com Adão no Éden (Gên.3:15) e renovado a Abraão (Gên. 17:19)
b) A salvação seria pela obediência.	- A salvação é pela graça.
c) Está fora do homem	- Está dentro do homem.
d) Concerto da letra (II Cor. 3:6).	- Concerto do espírito (II Cor. 3:6).
e) É chamado primeiro concerto.	- Denominado 2º concerto. Assim chamado, porque o sangue pelo qual foi selado foi derramado depois do sangue do primeiro concerto (P.O., pág. 401)
f) O mediador era Moisés (lição da Escola Sabatina 9 e 12 de 11, 1982. Dic. Internacional de Teologia do Novo Testamento, I vol., pág, 147.	- Cristo é o Mediador (Heb. 8:6).
g) Concerto inferior	- Concerto superior (Heb. 8:6).
h) Justificação e santificação alcançadas pelo esforço próprio. (Rom. 10:3).	- Justificação e santificação alcançadas pelos méritos de Cristo (Rom. 10:3).
i) Estabelecer nossa própria justiça.	- Aceitação da justiça de Cristo.
j) Concerto temporário	- Concerto eterno.
l) O povo olharia para acontecimentos vindouros.	- Olhavam para acontecimentos do passado.
m) A lei escrita em tábuas de pedra (Deut. 10:3-4).	- a lei escrita no coração (Jer. 31:33; Heb. 8:10).
n) Concerto restrito aos israelitas.	- Concerto destinado a todas as nações.
o) Concerto que o povo quis com Deus (P.P. pág. 402).	- Concerto que Deus faz com Seu povo.
p) Caracterizado pela declaração: Se obedeceres sereis o meu povo e eu serei o vosso Deus.	- Identificado pelas expressões: Eu farei tudo, e serei o vosso Deus, e vós sereis o Meu povo.

PODE PROVAR-SE A PREDESTINAÇÃO POR ATOS 13:48?

Atos 13:48 última parte, assim foi traduzido na Almeida Revista e Atualizada no Brasil: "... e creram todos os que haviam sido destinados para a vida eterna."

Seria útil saber que o povo atribui um significado para predestinação, mas o contexto bíblico apresenta outro um pouco diferente.

Para o povo, é crer que Deus traçou um plano para nossa vida, e que devemos segui-lo sem o direito de escolha. Predestinar, na Bíblia, refere-se ao decreto de Deus que possibilita a salvação a todos os que aceitam a Cristo.

Para compreender bem Atos 13:48 os seguintes pontos são importantes:

1º) A palavra predestinação não aparece na Bíblia, mas o verbo predestinar é usado quatro vezes (Romanos 8:28, 29; Efésios 1:5, 11).

2º) O livre arbítrio é uma plena verdade bíblica. Se há livre arbítrio, é impossível haver Deus escolhido um grupo para a salvação e outro para a perdição, sem considerar o privilégio humano da escolha.

3º) Três princípios exegéticos (explicativos) devem ser observados no estudo desta passagem:

- a) Que palavra original foi traduzida por "predestinados";
- b) A passagem bíblica deve ser compreendida à luz de todas as outras passagens. Uma passagem não pode contradizer outras;
- c) Ter em mente o contexto. Ler o que está antes e o que está depois para concluir o que o autor tinha em mente.

Aplicação desses princípios a Atos 13:48: As traduções não transmitem exatamente a idéia do original. O verbo usado por Lucas é *tasso*, que significa ordenar, designar, determinar, colocar, mas nesta específica passagem os dicionários gregos lhe atribuem o sentido de dispor, ajustar, submeter-se a um esquema. O verbo não transmite nenhuma idéia de predestinação. Se a palavra original tem vários significados, o contexto deve determinar o sentido em que foi usada.

R. C. H. Lenski em seu Comentário sobre Atos, pág. 553, afirma: "Embora esta passagem trate da doutrina da conversão, tem sido muitas vezes considerada como um pronunciamento sobre a predestinação. Esta concepção teve início com Jerônimo, que modificou a antiga tradução latina ao trocar 'ordinati' por praeordinati' a fim de tornar a aceitação da fé e da salvação produto de um decreto predestinatório-eterno.

O contexto nos ajuda a compreender o verdadeiro significado de Atos 13:48. O verso 45 declara que os judeus blasfemadores rejeitaram a salvação que Paulo lhes apresentava. Esta rejeição o fez voltar-se para os gentios, que se alegraram ao saber

que eles também tinham o privilégio da salvação, concluindo que creram todos aqueles que se dispuseram a aceitar a salvação oferecida.

No contexto das passagens de Romanos e Efésios, onde aparece o verbo predestinar, Paulo ensina que através de Cristo todos fomos predestinados para a salvação.

Se a doutrina da predestinação fosse verdadeira, como harmonizá-la-íamos com as passagens que trazem convites e apelos de Deus aos pecadores para que se arrependam? A leitura atenta de oito versos bíblicos (Jeremias 21:8; Ezequiel 18:32; São João 3:16; Atos 10:34; I Tessalonicenses 5:9; I Timóteo 2:4; Tito 2:11; II S. Pedro 3:9) é suficiente para provar que a predestinação não é defensável na Bíblia. Essas passagens e outras que poderiam ser acrescentadas desmoronam o frágil edifício da predestinação calvinista.

Muitas provas poderiam ser adicionadas, confirmantes de que não há nesta passagem nenhuma base para a defesa da predestinação.

Segue-se apenas parte do comentário de Adam Clarke sobre Atos 13:48.

"Esse texto tem sido muito lamentavelmente mal entendido. Muitos supõem que ele signifique simplesmente que os que naquela Assembléia estavam destinados por decreto divino, para a vida eterna creram, dada a força do decreto. Ora, deveríamos ter o cuidado de examinar o que uma palavra significa, antes de tentar estabelecer seu significado. A palavra original não inclui nenhuma idéia de predeterminação de qualquer espécie."

Após apresentar vários significados para a palavra original ele prossegue:

"Portanto tem sido considerada aqui como implicada disposição e prontidão de várias pessoas da congregação, como os prosélitos piedosos mencionados no verso 43, que possuíam o reverso da disposição dos judeus que falavam contra aquelas coisas; contradizendo e blasfemando, verso 45, embora a palavra aqui tenha sido traduzida de várias formas, em todos os sentidos, mesmo assim, de todos os significados que se lhe atribuíram nenhuma discorda mais de sua natureza e significação conhecida do que o que a representa como designando os que foram predestinados para a vida eterna: este não é absolutamente o significado do termo, e jamais se aplicaria a ele."

Há traduções, como esta do Novo Testamento Vivo: "...e todos os que queriam a vida eterna, creram", que transmitem bem o sentido original.

ESPÍRITOS MALIGNOS E MENTIROÇOS PODEM PROVIR DE DEUS?

I Samuel 18:10 - I Reis 22:19-20

Inegavelmente nos encontramos diante de declarações que causam dificuldades aos leitores.

Para boa compreensão destas passagens é necessário ter em mente os seguintes fatos:

1º) Tanto anjos bons quanto maus estão sujeitos ao poder de Deus. O próprio poder de que Satanás dispõe lhe é permitido por Deus.

2º) Veracidade destaca-se como atributo divino (Números 23:19), enquanto Satanás é o originador da mentira (João 8:44).

3º) É difícil, por vezes, transmitir em português o que os escritores bíblicos expressaram em hebraico e grego, por serem línguas com peculiaridades distintas.

Partindo do princípio que a divindade não está imbuída de nenhum espírito maléfico, a lógica determina que nenhum ente espiritual malfazejo integra a Essência Divina, logo nenhuma personalidade angelical maligna pode emanar de 'Eli him', precisamente o termo hebraico ocorrente em I Samuel 18.10.

O que se deve ter muito em conta nesta investigação teológica é que a expressão (em português) "da parte de" não aparece no original hebraico. O famoso interlinear de Green traz, cautelosamente, a preposição inglesa *from* entre parênteses, querendo com isso denotar que não pertence ao Texto Massorético.

A melhor explicação para 1 Samuel 18:10 é a que fornece o teólogo A. Neves de Mesquita em sua obra *Estudos nos Livros de Samuel*, quando comenta 16:14-23. Eis o que diz:

"Deus mandara tanto nos espíritos bons como nos maus. Nada escapa ao governo divino, e os demônios são usados para perseguir os que estão desviados. O mundo invisível é muito misterioso para nós que só entendemos as coisas de acordo com a vista. Pode-se entender pelo texto que Deus tanto mandou um espírito mau para Saul, como o permitiu. Tanto vale uma coisa como outra. Em Jó capítulo 1 verso 7, Deus dialoga com Satanás a respeito das atividades deste na Terra. Parece estranho, mas não é. Deus tem sob Seu domínio anjos e demônios, como tem os homens, e usa-os no Seu governo providencial, do modo que quer."

Há uma particularidade no sistema verbal hebraico que deve ser lembrada. O chamado "hifel" é causativo, mas também é permissivo. É tarefa árdua distinguir nos escritores do Antigo Testamento o que é executado por Deus e por Ele permitido. Esta informação lança luz sobre o endurecimento do coração de Faraó.

O espírito maligno da parte de Deus significa permitido por Deus.

O comentário Adventista, vol. 4, pág. 647, afirma: "Na linguagem bíblica, muitos atos são atribuídos a Deus, não com a idéia de que Deus os executa, mas de que em Sua onipotência e onisciência, não os impede."

A expressão "o Senhor pôs o espírito mentiroso na boca de todos os seus profetas", de I Reis 22:23, é uma adaptação antropomórfica, que traz indestrinçável incógnita. O tal espírito pertencia às hostes do bem ou do mal?

Na exegese precedente (I Samuel 18:10) "um espírito mau" pode ser entendido: um anjo bom autorizado ou ordenado à prática de um ato mau. O anjo que sai para ferir mortalmente os primogênitos dos egípcios pertencia às potestades benéficas, comissionado a ceifar vidas humanas, para o cumprimento da justiça de Deus, foi em certo sentido um "anjo mau" da parte de Deus.

É útil o comentário de Adão Clarke sobre I Reis 22:23:

"Ele permitiu ou tolerou que um espírito mentiroso influenciasse teus profetas. É indispensável novamente lembrar ao leitor que as Escrituras reiteradamente representam a Deus como o autor daquilo que Ele, no desenrolar de Sua providência, apenas permite ou tolera que ocorra. Nada pode ser feito no céu, na terra ou no inferno, que não seja por Sua atividade imediata ou por sua permissão."

Síntese: Muitas vezes anjos bons são solicitados a fazer o mal para a obtenção do bem. Similarmente anjos maus operam o bem para a aquisição do mal, em inumeráveis circunstâncias.

MANDA A BÍBLIA ODIAR OS PARENTES?

Lucas 14:26

"Se alguém vem a mim e não aborrece a seu pai, e mãe, e mulher, e filhos, e irmãos, e irmãs e ainda a sua própria vida, não pode ser meu discípulo."

Assim foi traduzido este verso na Almeida Revista e Atualizada no Brasil, mas com a seguinte nota ao pé da página: "Aborrecer, isto é, amar menos. Mat. 10:37".

O verbo aborrecer parece ser uma amenização do texto original, onde se encontra o verbo *miseo*, que significa odiar.

A *Bíblia de Jerusalém* verte o texto da seguinte maneira:

"Se alguém vem a mim e não odeia seu próprio pai e mãe, mulher, filhos, irmãos, irmãs e até a própria vida, não pode ser meu discípulo", explicando que esta construção é um hebraísmo, onde Jesus não exige ódio, mas desapego completo e imediato.

O *Novo Testamento Vivo* transmite com muito mais propriedade o sentido exato da declaração de Cristo:

"Todo aquele que quer ser meu seguidor deve amar-Me bem mais do que ao seu pai, mãe, esposa, filhos, irmãos ou irmãs, sim, mais do que a própria vida; caso contrário, não pode ser meu discípulo."

A *Bíblia na Linguagem de Hoje* também o traduz sem deixar nenhuma margem para dúvida quanto ao que Cristo quis dizer.

Uma exegese correta nos mostrará que não há necessidade para preocupações, pensando que Cristo exige ódio aos familiares para poder tornar-se seu discípulo.

O procedimento de Cristo no lar e seu ensino nos é muito útil para elucidar o que Ele queria dizer.

Se Lucas declarasse ódio aos parentes, como condição essencial para tornar-se cristão, como entendemos em nossa linguagem ocidental, estaria em contradição consigo mesmo ao declarar que até aos trinta anos Jesus era submisso aos seus pais (Luc. 2:51).

No capítulo 18 relata a impressionante cena do moço rico, que afirma ter guardado os mandamentos de Deus, e ao citar cinco conclui com o "honrar pai e mãe". Jesus não condena este procedimento de respeito e obediência aos pais.

Uma explicação literal de Lucas 14:26 colocaria a Cristo em conflito com o que Ele apresenta na Parábola do Filho Pródigo, considerada a pérola das parábolas. Seria uma narrativa conflitante a terna e comovente história do afeto paterno para com o filho extraviado em relação com Luc. 14:26.

De seus ensinamentos a declaração mais enfática se encontra em Marcos 7:10 - "Pois Moisés disse: Honra a teu pai e a tua mãe, e quem maldisser a seu pai ou a sua mãe, seja punido de morte."

Este verso é uma introdução para condenar o falso sentimento de religiosidade expresso com o objetivo final de prejudicar os próprios genitores. Havia judeus tão apegados aos bens materiais que engendraram um plano para não ajudar os pais necessitados. O plano era oferecer a Deus os próprios bens. Cristo condena tal atitude fingida, porque ela se opõe ao mandamento divino que ordena honrar aos pais. Cristo aqui apresenta um caso de prioridades, isto é, a ajuda e a honra aos pais têm precedência sobre a oferta material a Deus.

Com a declaração de que os discípulos de Cristo devem "odiar os familiares" ele está apresentando uma subordinação de valores, isto é, os afetos mais íntimos não devem embaraçar a nossa ligação total a Deus.

Os comentaristas em geral mandam ver Mat. 10:37, que expressa com objetividade a verdadeira significação desta passagem, ao declarar que aquele que ama seu pai e sua mãe mais do que a ele não é digno dEle.

Lucas 14:26 será compreendido quando sabemos que existe aqui um idiomatismo hebraico, semelhante aos encontrados em Gênesis 29:30-31; Deut. 21:15-17, onde aparece a palavra odiar significando amar menos.

Ângelo Pena, no livro *Cem Problemas Bíblicos*, pág. 326, concluiu a explicação desta passagem da seguinte maneira:

"Mas por que usa Lucas o termo 'odiar'? Pelo simples motivo que no estilo oriental, amante da ênfase, prefere-se assinalar uma oposição aparentemente radical (ódio-amor), mesmo quando se quer manifestar uma subordinação precisa ou um grau diverso de sentimento afetivo. Os casos desse contraste, justamente com os dois verbos famosos, são muito numerosos no Novo Testamento e, mais ainda, no Antigo. Conhecemos essa tendência do estilo oriental; muitas vezes, porém, nos esquecemos. Para evitar explicações ilógicas basta ter presente o princípio e examinar os ditos de Jesus não separados, mas no conjunto e confrontando-os entre si. Então se vê logo que não existe o problema de conciliar o quarto mandamento com a máxima de odiar os parentes. As duas normas supõem uma perspectiva diversa. No fundo, Jesus com aquelas palavras quis simplesmente aplicar o princípio do maior preceito: amor a Deus e ao próximo. Este último, mesmo se referindo às pessoas mais caras, deve ser subordinado ao primeiro."

A explicação apresentada para esta passagem pelo Comentário Adventista não deve ser desprezada:

"A Escritura torna claro que o verbo odiar não está empregado no sentido usual da palavra. Na Bíblia 'odiar' freqüentemente deve ser compreendido simplesmente como uma típica hipérbole oriental, significando 'amar menos' (veja Deut. 21:15-17). Este fato é salientado claramente na passagem paralela onde Jesus diz: 'Quem ama seu pai ou sua mãe mais do que a mim não é digno à mim'. (Mat. 10:37). Esta impressionante hipérbole é aparentemente usada para impressionar o seguidor de Cristo de que sempre na vida precisa escolher em primeiro lugar o reino dos céus."

MULHERES CALADAS NA IGREJA **ESTUDO EXEGÉTICO DE I COR. 14:34 e 35**

INTRODUÇÃO

Nestas duas passagens o apóstolo Paulo declarou:

"Conservem-se as mulheres caladas nas igrejas, porque não lhes é permitido falar; mas estejam submissas como também a lei o determina.

"Se, porém, querem aprender alguma coisa, interroguem, em casa, a seu próprio marido; porque para a mulher é vergonhoso falar na igreja."

Baseados nestes dois versos de Paulo e com a mesma idéia confirmada em I Tim. 2:11 e 12, muitos membros de algumas igrejas têm declarado não ser próprio às mulheres ensinarem na Escola Sabatina e usarem da palavra, na igreja, em outras circunstâncias.

O que levou Paulo a fazer estas declarações? Será que suas taxativas afirmações eram somente para aquela época, ou elas ainda estão em vigor em nossos dias? Qual tem sido a posição da Igreja Adventista, quanto às mulheres usarem o púlpito, e um dia chegarem a ser ordenadas? Como os nossos líderes têm visto as reivindicações de algumas senhoras que pleiteiam estes privilégios?

Neste estudo, o prezado leitor encontrará uma tentativa de dar uma resposta a algumas destas inquirições.

COMENTÁRIOS GERAIS

I. Paulo e a Igreja de Corinto

Esta carta provavelmente foi escrita em Éfeso, no ano 57, durante sua terceira viagem missionária.

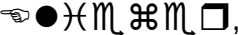
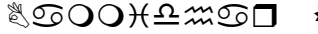
Paulo recebera completas e seguras notícias da situação da igreja de Corinto, onde havia uma série de problemas, tais como: partidos, escândalos, impureza, alimentos oferecidos em sacrifício, o problema das línguas, processos em tribunais pagãos, o comportamento da mulher no culto público, desordem na celebração da ceia, etc. Visando orientar a igreja na solução destes problemas, esta carta foi redigida.

II. Paulo – Sua formação e a situação da mulher em seu tempo

Crêem alguns comentaristas que Paulo sendo um produto da cultura judaica, ele recebeu influências do tratamento que esta dava à mulher.

Eis o que declara Adam Clarke:

"Esta era uma ordenança judaica: Às mulheres não era permitido ensinar nas assembléias, nem mesmo fazerem indagações. Os rabinos ensinavam que 'uma mulher

não deve saber outra coisa senão como usar os seus utensílios caseiros'. E as declarações do rabino , conforme transmitidas por , seção 9, folha 204, são ambas dignas de observação e execração. Estas declarações são as seguintes: 'Antes sejam queimadas as palavras da lei, do que serem ensinadas a uma mulher'."

Robertson insiste que não é fácil interpretar estas palavras de Paulo, desde que elas são bastante claras no que querem expressar, mas na realidade universalmente os cristãos não obedecem a estas declarações paulinas.

Outro comentarista afirma:

"As mulheres devem manter silêncio nos cultos públicos. Cumpre-lhes participarem do Amém (ver o sexto versículo), mas em tudo o mais não devem ser ouvidas. Elas vinham reivindicando igualdade com os homens na questão do véu, deixando de lado esse sinal de sujeição na igreja, e aparentemente também tinham tentado pregar, ou, pelo menos, vinham formulando perguntas, durante as reuniões públicas ... O ensino foi proibido a elas pelo apóstolo ... uma regra extraída da sinagoga e mantida na Igreja primitiva (ver I Tim. 2:12). O abandono do véu equivalia a reivindicar igualdade com os homens; ensinar em público equivalia a exercer autoridade sobre eles." – *Novo Testamento Interpretado* de Russell Norman Champlin, Vol. IV, pág. 231.

William Barclay em suas *Letters to the Corinthians* nos informa o seguinte sobre a situação da mulher no mundo antigo:

"É conhecido que nos tempos antigos, o lugar que a mulher ocupava era muito baixo. No mundo grego Sófocles falou: 'O silêncio confere graça para as mulheres'. As mulheres, a não ser que fossem muito pobres ou de mui baixa moral, tinham que viver isoladas em casa. Os judeus tinham inclusive uma idéia mais baixa da mulher. Entre os rabinos havia alguns ditos que colocavam a mulher ainda numa situação muito pior, como estes: 'Ensinar a lei para a mulher é ensinar a impiedade'. Outro sentenciava: 'Ensinar a lei para a mulher é como jogar pérolas aos porcos'.

"No Talmude, na lista relacionada com as pragas do mundo aparece: a mulher faladora, a viúva curiosa e a virgem que perde todo o seu tempo fazendo orações. Era inclusive temível falar com as mulheres na rua. Ninguém podia solicitar um serviço para uma mulher, nem podia cumprimentá-la.

"Esta sociedade era similar à que Paulo tinha quando escreveu aos coríntios... Seria certamente muito errado tomar estas palavras de Paulo fora do contexto em que foram escritas e fazer delas uma regra universal para todas as igrejas".

Charles R. Erdman em seu escrito *Primeira Epístola de Paulo aos Coríntios* declara:

"Mulheres casadas não devem exercer publicamente o dom de profetizar. Paulo já teve ocasião de corrigir certas anomalias com referência à maneira de vestir, e agora menciona algumas inconveniências, relativas ao dom da palavra, que surgiram naquela igreja. E o ponto em que se baseia é o mesmo anteriormente citado, a saber, o marido é o cabeça da família, e a mulher é dependente do marido. A autoridade de ensinar na igreja e o exercício público da profecia cabiam aos maridos e não às mulheres. Estas nem deviam interromper o culto sob o pretexto de fazer perguntas. Se quisessem perguntar alguma coisa que o fizessem em casa, a seus esposos. Era impróprio para mulheres casadas tomarem o lugar de seus maridos no desempenho de profetizar na igreja".

O conhecido comentarista Lange, ao falar sobre I Cor. 14:34 e 35, insiste na mesma tecla:

"Tanto o costume grego, como o romano e também o judeu, proibia a apresentação das mulheres em público. A ordem da igreja cristã aderiu ao costume de conformidade com a ordem divina (**nomos** em grego) de Gên. 3:16, que impunha sobre a mulher explícita submissão ao homem, uma vez que ela, por seu ato voluntário, o havia envolvido em apostasia. A isto se deve o fato de calarem-se as mulheres nas assembléias públicas; enquanto o falar em público, quer seja na forma de discurso, ou na forma de perguntas indicava um esforço feminino por independência para sair da posição subordinada que lhe foi designada por Deus."

Este desejo da mulher, de libertar-se da condição de subordinada, é muito mais real e vivo em nossa sociedade.

O artigo "Mulher Fermento do Mundo" de H. Corazza estampado na revista *Família Cristã* é a comprovação máxima desta realidade. Eis suas partes mais significativas:

"Libertação e direitos da mulher. Seu papel no mundo, na sociedade e na igreja. O assunto prolifera sob os mais diversos ângulos e opiniões. Mas qual o seu verdadeiro lugar? Até que ponto ela sabe descobri-lo e realizá-lo, no profundo do seu ser como mulher?

"O desenvolvimento do mundo atual, os estudos revolucionaram também o campo feminino. Isto possibilitou à mulher um despertar para os valores de sua vida e presença na sociedade, por tanto tempo ignorados e subestimados.

"Já passou o tempo em que a mulher era considerada desigual ou inferior ao homem. Hoje ela quer ser tratada como Pessoa e não como coisa. O conhecimento mais profundo de sua personalidade e direitos faz com que tome consciência das possibilidades de atuação que tem no mundo. Há lugar e vez também para ela assumir uma profissão e colaborar positivamente para a construção da sociedade.

"**ENGAJADA EM NOVAS REALIDADES:** Como nos tempos primitivos, a Igreja hoje deseja que a mulher atue na evangelização. Sua presença está sendo não só reconhecida e incentivada, mas solicitada nos diversos setores da pastoral: promoção humana, comunidade de base, catequese, educação, comunicação social, etc.

"Toda mulher engajada na comunidade cristã, seja ela leiga ou consagrada, pode favorecer muito a penetração do Reino de Deus nas diversas camadas sociais, onde, talvez outros meios ou pessoas não chegassem.

"As qualidades tipicamente femininas fazem da mulher outra Maria de Nazaré. Providencia o necessário à família. Está atenta às necessidades dos outros: amigos, vizinhos, conhecidos e desconhecidos. Sabe, na hora certa, dar um sorriso, dizer uma palavra segura e precisa. A intensa dedicação, a persistência no bem podem reconduzir lares à harmonia entre si e à paz com Deus.

"Consciente da importância de seu papel na sociedade e na igreja, cabe à mulher realizar o plano de Deus a seu respeito. Na criação, Deus fez homem e mulher. Ele os fez à sua imagem e semelhança. Complementares. Não 'submissos', nem dominadores. S. Paulo diz... 'Nem a mulher é sem o homem, nem o homem sem a mulher, no Senhor. Porque, assim como a mulher foi tirada do homem, o homem

nasce da mulher; e tudo vem de Deus'. A dominação veio com o pecado e não é conforme o plano de Deus.

"A mulher, vivendo sua missão, contribui para transformar o próprio lar, o ambiente de trabalho e de influências. E, na palavra de Paulo VI, podemos afirmar: 'Chegou a hora em que a vocação da mulher se realiza em plenitude e ela adquire, na sociedade, uma influência, um alcance, um poder jamais conseguidos até aqui. Por isso, neste momento em que a humanidade sofre uma tão profunda transformação, as mulheres, impregnadas do espírito do Evangelho, podem ajudar muito a humanidade a não decair'.

"Chegou a hora da mulher ser fermento do mundo!"

As declarações paulinas em I Cor. 14:34 e 35 e I Tim. 2:11 e 12 são um lado da moeda, mas se a virarmos do outro lado, o próprio Paulo na mesma carta à igreja de Corinto, capítulo 11, verso 5, diz "a mulher que ora ou profetiza" – sem dúvida uma referência às mulheres que em reuniões públicas falavam a respeito das coisas divinas.

Lucas em Atos 21:9 nos cientifica de que as 4 filhas de Filipe profetizavam – nada mais, nada menos do que publicamente se tornarem portadoras das revelações de Deus.

Outros exemplos comprovativos são encontrados nas páginas Sagradas, como uma demonstração eloqüente, de que as mulheres mesmo no passado tiveram uma parte decisiva na causa do Evangelho. Basta nos reportarmos a Romanos capítulo 16, onde encontramos no primeiro verso Febe, a diligente diaconisa da igreja de Cencréia. No verso 3 aparece Priscila e no verso 12 Trifena e Trifosa, exemplo de nossas dedicadas obreiras bíblicas (Fil. 4:3).

III. Posição da Igreja Adventista neste Problema

Os dois trechos seguintes do Espírito de Profecia são oportunos neste aspecto.

1) O Homem e a Mulher Criados Iguais.

"A negligência, por parte da mulher, em seguir o plano de Deus ao criá-la, o esforço de alcançar importantes posições para as quais não se habilitou, deixa vago o lugar que ela podia preencher de maneira aceitável. Saindo de sua esfera, perde a verdadeira dignidade e nobreza feminis. Ao criar Eva, Deus pretendia que ela não fosse inferior nem superior ao homem, mas em todas as coisas lhe fosse igual. O santo par não devia ter nenhum interesse independente um do outro; e não obstante cada um possuía individualidade de pensamento e de ação.

"Depois da queda de Eva, porém, como ela houvesse sido a primeira na transgressão, o Senhor lhe disse que Adão teria domínio sobre ela. Devia ser sujeita a seu marido, o que constituía parte da maldição. Em muitos casos essa maldição tem tornado a sorte da mulher dolorosa, fazendo de sua vida um fardo. o homem tem abusado a muitos respeitos da superioridade que Deus lhe deu, exercendo poder arbitrário." – *Testemunhos Seletos*, Vol. I. págs. 412-413.

2) Mulheres Como Obreiras Evangélicas:

"A obra das mulheres está satisfazendo a uma positiva necessidade das mulheres que se consagraram ao Senhor e estão se voltando a ajudar um povo carecido, vítima do pecado. É preciso que se faça obra evangélica pessoal. As mulheres que empreendem essa obra levam o evangelho aos lares do povo nos caminhos e velados. Lêem e explicam a Palavra às famílias, orando com elas, cuidando dos doentes, aliviando-lhes as necessidades temporais. Apresentam a famílias e indivíduos a influência purificadora, transformadora da verdade. Elas mostram que o meio de alcançar a paz e a alegria, é seguir a Jesus". – Testemunhos Seletos, Vol. II, pág. 405.

Do livro *Evangelismo*, capítulo - Instrutor Bíblico, págs. 456 a 481, destacaremos os seguintes tópicos:

- I. Mulheres Como Mensageiras de Misericórdia.
- II. Necessidade de Mulheres Conselheiras.
- III. Mulheres no Evangelismo
 - a) Neste Tempo de crise
 - b) Mulheres que têm a Obra no coração.
 - c) Como Conselheira, Companheira e Coobreira.
 - d) Tanto Homens como Mulheres chamados à Obra Bíblica.
- IV. Mulheres no Ministério Público
 - a) A Eficácia da obra Feminina.
 - b) Marido e Mulher unidos numa Mesma obra.
 - c) Uma instrutora Bíblica Fala à Congregação:

"Cada semana conta a sua história; uma ou duas almas recebem a Verdade, e a maravilhosa mudança em sua fisionomia e caráter é tão notável aos olhos dos vizinhos, que a convicção produzida pela própria vida dessas pessoas leva a outros a verdade; e elas estão agora examinando diligentemente as Escrituras...

"As irmãs R e M estão fazendo um trabalho tão eficiente como o dos ministros, e em algumas reuniões em que os ministros são chamados a outra parte, a irmã M toma a Bíblia e dirige a congregação". – Carta 169, 1900.
 - d) Uma Irmã Dirigir-se à Multidão.

"Ensinaí isto, minha irmã. Tendes muitos caminhos abertos diante de vós. Dirigi-vos à multidão sempre que vos for possível". – *Review and Herald*, 9 de maio de 1899.

Há um pensamento em *Obreiros Evangélicos*, pág. 468 para o qual devemos atentar:

"Os Adventistas do Sétimo Dia não devem de nenhuma maneira depreciar a obra da mulher".

O *SDABC* ao tecer considerações sobre I Cor. 14:33 e 34, pondera:

"Se a última frase do verso 33 está relacionada com o verso 34 a passagem diz: 'Como em todas as igrejas, as mulheres guardam silêncio'. Esta imposição para as mulheres guardarem silêncio não foi meramente uma restrição regional, por causa de alguma circunstância local, mas uma reflexão do costume geral de todas as igrejas. Que o costume era geral pode também ser deduzido de I Tim. 2:11 e 12, onde Paulo sem destacar nenhuma igreja definida, admoesta: 'A mulher aprenda em silêncio, com toda a

submissão. E não permito que a mulher ensine, nem que exerça autoridade sobre o marido; esteja, porém, em silêncio'.

"Alguns têm achado dificuldade em compreender esta proibição, em virtude, não somente de nossos conceitos modernos do lugar da mulher na igreja, mas também do lugar e serviço das mulheres na história Bíblica (ver Juízes 4:4; II Reis 22:14; Luc. 2:36 e 37; Atos 21:9). O próprio Paulo fez recomendações sobre as mulheres que trabalharam com ele na propagação do evangelho (Fil. 4:3). Não há dúvida de que as mulheres tiveram um papel destacado na vida da igreja.

"**Lei:** As Escrituras ensinam que por causa da sua parte na queda do homem, Deus designou à mulher uma posição de subordinação a seu marido (ver Gên. 3:6, 16; Efés. 5:22-24; I Tim. 2:11-12; Tito 2:5; I Ped. 3:1, 5, 6)".

A ORDENANÇA DE MULHERES E O USO DO PÚLPITO POR ELAS

Concernente a este aspecto nossa Revista Denominacional *Ministry*, fevereiro de 1978, págs. 24 e 25 trouxe o seguinte artigo:

O Ministério das Mulheres

"É possível que uma visão mais próxima da nossa Teologia de ordenação, possa auxiliar na resolução de problemas mais delicados, dentre os quais está a questão do ministério da mulher. Negligenciado por tanto tempo, este problema, no presente, é uma preocupação das igrejas através do mundo inteiro. Cada igreja, evidentemente, responderá à luz de seu próprio entendimento do evangelho em bases nas suas próprias percepções. Ainda assim, não pode ser dito que uma solução integral tenha sido indicada, até entre entidades como o Concílio Mundial das Igrejas.

"Não há dúvida de que a igreja primitiva não ordenava mulheres. Alguns afirmam que diaconisas e viúvas eram mais que simplesmente comissionadas; mas, em geral a ordenação era reservada para homens. No entanto, é necessário investigar por que as mulheres não eram ordenadas. Seria este impedimento explicado pela situação social e cultural da igreja primitiva, ou seria esta uma prática obrigatória para todos os séculos?

"A intuição de Paulo, na igualdade dos sexos e na natureza e posição da dignidade da mulher, tem atuado como um fator decisivo na manifestação do desempenho das mulheres no mundo. ... Eu fui induzido a concluir que não há um argumento teológico conclusivo que proíba a ordenação da mulher para o ministério evangélico. Entretanto, ao mesmo tempo, desde que, a ordenação não é apenas a resposta a um chamado de Deus, mas uma forma reconhecida de nomeação pela igreja para um cargo designado, será que é sábio passar por alto tão rapidamente a questão, como se o tempo é chegado para tal procedimento? Seria tal transformação almejada, enquanto a igreja, como um todo, sensível orientação do Espírito Santo, não tem reconhecido a liderança de Deus neste sentido?

"O Concílio Anual de 1973 registrou o seguinte tópico: 'O Papel da Mulher na Igreja', No parágrafo 3º solicita às Divisões continuarem seus estudos sobre esta

questão e a compartilharem suas decisões com a Conferência Geral em tempo para a consideração do Concílio Anual de 1974. O pedido foi atendido pelas Divisões, que votaram reafirmar os parágrafos 4º, 5º e 7º do Concílio Anual de 1973 que dizia o que se segue:

"Que a ênfase sobre o sacerdócio de todos os crentes, e a necessidade do envolvimento total dos recursos da igreja, para a terminação rápida da comissão evangélica fosse aceita.

"A primazia do papel da mulher casada no lar, como é confirmada tantas vezes na Bíblia e no Espírito de Profecia continua sendo reconhecida por toda a igreja em harmonia com conselhos tais como o seguinte da pena inspirada: 'Existe um Deus em cima no Céu, e a luz e glória do Seu trono repousam sobre a mãe fiel enquanto ela se esforça por educar os filhos para resistirem à influência do mal. Nenhuma outra obra se pode comparar à sua em importância'. *A Ciência do Bom Viver*, pág. 377 e 378.

"Em áreas propícias para tal atividade, continua o reconhecimento da importância em designar mulheres para a obra evangelística e pastoral, e as credenciais apropriadas de missionárias lhes serão concedidas.

"I. Sendo que a Igreja Adventista do Sétimo Dia é uma igreja mundial, incluindo entre seus membros povos de todas as nações e de diferentes culturas, e porque um estudo das divisões mundiais revela que o tempo ainda não é chegado nem oportuno para este mister; logo, no interesse da união mundial de nossas igrejas, nem um passo será dado no sentido de ordenar mulheres para o ministério evangélico".

Segue-se uma parte da resposta dada pela *Revista Adventista*, setembro de 1975, pág. 27, à seguinte consulta:

"S. Paulo diz: 'Conservem-se as mulheres caladas nas igrejas.' I Cor. 14:34. E isso é confirmado em I Tim. 2:11 e 12. Daí por que discordo que as mulheres ensinam em classes da Escola Sabatina ou falem na reunião missionária das Dorcas. Que me dizem sobre o assunto? R. C. de O.

"Não é regra que a mulher ocupe a frente para falar aos membros da igreja. Entretanto, ocasiões há em que isso pode e deve ocorrer. Na Igreja Adventista, a irmã White falou do púlpito centenas de vezes, trazendo mensagens inspiradas ao povo de Deus. O próprio fato de Deus ter chamado mulheres para Seu serviço público, como as mencionadas, e poderíamos acrescentar Débora, Hulda em tempos mais recuados, mostra que uma declaração feita sob certas circunstâncias, em determinada época, como a de Paulo, é restrita em suas aplicações. Entretanto, como há ainda na maioria dos países, muito preconceito sobre a mulher, ela não deve se ocupar do ministério da palavra. Nos dias de Cristo e de Paulo, a mulher era, praticamente, uma escrava, quase sempre sem direitos, tida como inferior, e qualquer participação ostensiva dela na vida religiosa de uma igreja talvez trouxesse má reputação para o Evangelho. Hoje as mulheres chegam a altos postos eletivos na vida política e administrativa de alguns países (Golda Meir, Indira Gandhi e em nossos dias primeira ministra inglesa), outras brilham nas artes, nas ciências, na literatura e nos desportes, e com isto as barreiras de preconceitos vão sendo derribadas lá fora, no mundo".

O estudante de teologia Hugo René Farias em uma monografia sobre este assunto, no ano de 1978, fez uma pesquisa sobre este problema no IAE, chegando à seguinte conclusão:

Qual Será Agora Sua Opinião?

Observe esta amostra de estatística feita no mês de agosto de 1978 entre 150 pessoas. A maioria pertencentes ao IAE e seus arredores:

PERGUNTA: A MULHER PODE OCUPAR O PÚLPITO PARA PREGAR?						
CONSULTADOS	Sexo Masculino			Sexo Feminino		
	SIM	NÃO	SEM POSIÇ.	SIM	NÃO	SEM POSIÇ.
Professores	100%	-	-	100%	-	-
Alunos da FAT	67%	18%	15%	91%	9%	-
Membros Igreja	57%	38%	5%	79%	18%	3%
TOTAL	65%	24%	11%	84%	15%	1%

Resultado final: 70% das respostas foram afirmativas

20% das respostas foram negativas

10% dos inquiridos não tinham posição definida.

É conveniente explicar que a maioria das pessoas que responderam positivamente condicionaram sua resposta a estas duas frases:

"Só em caso de urgência" e "Não sendo a igreja consagrada".

CONCLUSÃO

A análise feita das declarações do apóstolo, nos mostram que os comentaristas têm chegado a conclusões as mais variadas.

Concluimos também que este tema continuará a merecer a atenção da Igreja ainda por muitos anos, especialmente a problemática da ordenação de senhoras.

As declarações de Paulo nestes dois versos revelam uma faceta da sua personalidade decisiva. Eles são tão fortes, que quase chegam a ferir a nossa sensibilidade latina, mas insistamos mais uma vez que a intervenção pública da mulher teria sido vergonhosa e até escandalosa para aquele tempo.

Não nos resta dúvida de que Paulo escudado nas Escrituras, podia declarar que Deus estabeleceu uma hierarquia, colocando o marido como chefe da família e a mulher como subordinada ao marido.

Não olvidemos que o apóstolo se referia às reuniões "oficiais" da igreja, mas ele mesmo era favorável ao ministério feminino em outras esferas e ocasiões.

Se o papel da mulher na sociedade daquele tempo era humilhante, em nossos dias ela goza dos mesmos privilégios e oportunidades concedidos aos homens.

Nota:

O autor do livro sublinhou as partes que achou mais importantes.

QUE TRATAMENTO JESUS DISPENSAVA A MARIA?

João 2:4

Do relato das bodas em Caná da Galiléia, o verso 4 tem preocupado sobremaneira os comentaristas e os leitores da Bíblia, porque muitos concluem que a resposta de Cristo ao pedido de Maria não era cortês.

Os estudiosos da Palavra de Deus são quase unânimes em declararem que um dos nubentes era parente de Maria, devido ao seu procedimento em preocupar-se com a falta de vinho e também ao transmitir ordens aos criados.

Outros, familiarizados com os costumes dos judeus, nos informam que a provisão de vinho para a festa devia ser um presente dos convidados, especialmente dos familiares.¹

Como Cristo não havia trazido um presente, Maria achou que era seu dever ajudar naquela emergência.

João 2:4 traduzido literalmente significa: "Disse-lhe Jesus, Mulher, o que a ti e a mim? Ainda não tem vindo a minha hora." Estas duas afirmações têm levado os comentaristas a apresentarem muitas sugestões visando equacioná-las de conformidade com as diretrizes divinas.

Para os protestantes a resposta de Cristo à sua mãe é um subsídio valioso para combater a mariolatria. O tratamento de "mulher" tem levado a muitos a afirmarem que Cristo não tinha Sua mãe em tão grande conceito como defende a igreja de Roma. João 19:26 e o procedimento de Cristo em todas as circunstâncias nos levam a fazer a seguinte afirmação: Jamais deveria passar pela nossa mente que Jesus usasse a palavra mãe em sentido pejorativo ou que faltasse ao respeito para com Maria. O costume da época e a índole da língua hebraica nos esclarecem que "mulher" era um título respeitoso.

As seguintes autoridades neotestamentárias são esclarecedoras:

a) De acordo com a Gramática de Robertson, pág. 539, há nesta frase uma expressão idiomática, significando, coloquialmente, mais ou menos o seguinte: Não se importe com esta questão, que ela não nos diz respeito.

b) Adão Clarke comentando a declaração de Cristo afirma:

"Há aqui urra negação inesperada, como se ele tivesse dito: Nós não somos empregados para providenciar as coisas necessárias para esta festa; este assunto pertence aos outros, que deveriam ter feito uma provisão adequada e suficiente para as pessoas que eles convidaram."

c) Apesar da atitude de Cristo ser cortês, ela é firme, e inegavelmente encerra uma censura. Jesus não permitiria que de agora em diante seus familiares interferissem em seu ministério. Não poderia ser tutelado por Maria desde que sua missão era divina. As passagens de João 7:1-10; Mar. 3:33-35 e Luc. 2:49 nos mostram que Cristo não permitia que os familiares intervissem em suas decisões.

Vincent, sempre muito feliz em suas sínteses, declara:

"Embora de forma gentil e afetuosa, Jesus rejeitou a interferência dela, tencionando dar solução ao problema à sua própria maneira."²

d) A *Bíblia de Jerusalém* apresenta a seguinte nota a este verso:

"Literalmente 'Que tenho eu e tu com isso?', semitismo bem freqüente no AT (Juízes 11:12; II Sam. 16:10; 19:23; I Reis 17:18, etc.) e no NT (Mat. 8:29; Mar. 1:24; 5:7; Luc. 4:34; 8:28). É empregado para rejeitar uma intervenção que se julga inoportuna ou, então, para demonstrar a alguém que não se deseja relacionamento algum com ele. Somente o contexto poderá indicar a nuance exata. Aqui, Jesus objeta a sua mãe que 'sua hora ainda não chegou'."

Todo este comentário poderia ser sintetizado com esta frase: O nome "mulher" era um título respeitoso em hebraico.

Referências

- 1) Mario Veloso, *Comentário do Evangelho de João*, pág. 73.
- 2) Vincent, *Word Studies in the New Testament*, vol. II, pág. 80.

QUAL A MELHOR TRADUÇÃO PARA JOÃO 5:39?

Introdução

Por que razão algumas traduções da Bíblia apresentam o verbo examinar em João 5:39 no modo indicativo e outras no imperativo?

Seriam ambas as traduções igualmente corretas? Ou seria uma melhor do que a outra?

O problema com esta passagem encontra-se no seguinte: as segundas pessoas do plural do presente do indicativo e do imperativo são idênticas em grego, portanto, o original ἐξετάσατε (exerate) pode ser traduzido por *examinais* ou *examinai*. Diante deste impasse, a única maneira segura de solucionar o problema é o estudo do contexto.

Comentários

As traduções de Almeida Revista e Corrigida, e Atualizada no Brasil, bem como a Bíblia de Jerusalém apresentam *examinais*, mas a Atualizada e a Bíblia de Jerusalém trazem uma nota ao pé da página indicando ser possível também traduzir o verbo no modo imperativo *examinai*.

Após a leitura da exposição de comentaristas e exegetas, que se seguem, você estará em condições de responder com mais autoridade sobre esta declaração de Cristo:

"Examinai as Escrituras. Esta passagem pode ser traduzida ou como uma simples declaração. 'Vós examinais as Escrituras', ou como uma ordem 'Examinai as

Escrituras'. O contexto parece indicar que estas palavras são mais bem compreendidas como uma franca declaração de Cristo aos judeus: Vós examinais... Era um antigo pensamento judeu que o conhecimento da lei asseguraria ao homem a vida eterna. Afirmam que Hillel, um rabino do 1º século AC, havia declarado: aquele que adquiriu para si as palavras da Torá, adquiriu para si mesmo a vida do mundo por vir. Jesus aqui faz uso desta crença, pare lembrar aos judeus, que as Escrituras nas quais eles pensavam encontrar a vida eterna eram os escritos que testificavam dele (veja P.P. 367). Esta passagem tem também sido usada efetivamente como uma injunção para estudar as Escrituras (veja Test. Sel., vol. II, pág. 121). Tivessem os judeus pesquisado as Escrituras com os olhos da fé, eles teriam sido preparados para reconhecer o Messias quando Ele esteve entre eles." ¹

"Orígenes e Tertuliano advogam o uso imperativo aqui, portanto a nossa exortação familiar, 'Examinai as Escrituras', remonta pelo menos ao fim do segundo século. Este mesmo comentário, porém, opina que é melhor traduzir pelo indicativo, *examinais*, e interpreta: Vós examinais a Escritura por causa da vossa crença errada de que essa minuciosa pesquisa de palavras e sílabas nos livros sagrados vos assegure a vida no porvir. Estais errados. O valor das Escrituras é que testemunham de mim. E estais duplamente errados porque não vindes para Mim pessoalmente, quando eu vos concedo a oportunidade." ²

"Todos os antigos exegetas, com uma única exceção (Ciril) lêem $\mathcal{M} \square \mathcal{M} \blacklozenge \blacksquare \mathfrak{C} \mathfrak{H} \blacklozenge \mathcal{M}$ como o imperativo, igualmente uma grande quantidade de outros. Mais recentemente um bom número considera esta forma como o indicativo. A questão é unicamente de contexto, desde que nenhuma outra evidência está disponível. Quando Robertson - 329 - concluiu 'provavelmente indicativo' ele o fez em bases gramaticais. (A citação de Robertson é esta: Formas como $\mathfrak{C} \blacklozenge \blacklozenge \mathcal{M} \blacklozenge \mathcal{M}$ podem ser determinativa ou meramente o indicativo. Note a dificuldade de decidir se imperativa ou indicativa em formas como $\mathcal{M} \square \mathcal{M} \blacklozenge \blacksquare \mathfrak{C} \mathfrak{H} \blacklozenge \mathcal{M}$ (João 5:39), $\square \mathfrak{H} \blacklozenge \mathcal{M} \blacklozenge \blacklozenge \mathcal{M}$ (João 14:1), $\mathfrak{H} \blacklozenge \square \blacklozenge \mathcal{M}$ (Tiago 1:19). Mas nestes casos, exceto João 5:39, provavelmente temos o imperativo).

"O imperativo se ajusta à situação total, o indicativo requer modificações, que não temos o direito de fazer... Jesus disse aos judeus: aqui está o meu testemunho - examinai-o..." ³

"... A forma do verbo pode ser indicativa ou imperativa; o contexto mostra que o indicativo foi a forma usada. Somente esta interpretação faz sentido com $\mathfrak{C} \square \mathfrak{C} \mathcal{M} \mathfrak{H} \text{""} \blacklozenge \mathcal{M}$ que segue, e com o contexto total." ⁴

"Examinais as Escrituras (39). Estudaram as Escrituras, pensando que a obediência mecânica aos preceitos da lei lhes daria o galardão da vida eterna. Não estavam errados em estudar as Escrituras na esperança de encontrar a vida eterna, mas sua interpretação delas estava totalmente errada, e não podiam encontrar o Cristo, que é o centro das Escrituras." ⁵

"Não há maneira (com base na gramática grega ou na estrutura das sentenças do versículo) de averiguar com certeza se a palavra *examinais* é a tradução correta aqui; pois no grego pode ser tanto o indicativo, o que significaria costumais examinar,

indicando uma ação contínua, ou então pode ser o imperativo, o que seria 'examinai as Escrituras', como se fora uma ordem. Segundo a gramática grega pode ser uma coisa ou outra e há uma longa lista de nomes de intérpretes que têm defendido ambos os lados da questão. Porém, como quer que compreendamos a sentença, o sentido do versículo em nada é afetado. Parece mais provável que a tradução da Almeida Atualizada está correta aqui, ao traduzir a frase com o verbo no modo indicativo, o que descreve a febril atividade do estudo das Escrituras do AT, por parte do povo de Israel, e, mais especialmente ainda pelas suas autoridades religiosas, para quem o conhecimento das Escrituras era motivo de intensa ufanía...

"Os rabinos costumavam dizer: 'Aquele que adquire as palavras da lei, adquire para si mesmo a vida eterna'."⁶

"Este verso deve ser traduzido não no modo imperativo, mas no indicativo. Assim: 'Examinai diligentemente as Escrituras.' É sobejamente conhecido que estas palavras são comumente traduzidas no imperativo; mas tal tradução não se ajusta de maneira alguma ao verso seguinte, e a força e intensidade das palavras também não pode ser percebida por esta versão."

Conclusão

A estrutura da frase em grego nos leva a concluir que a única tradução correta é examinai. Se fosse imperativo, a oração subordinada seria: para que tenhais ou a fim de terdes vida eterna.

O plano da salvação apresentado na Bíblia jamais admitiria que Cristo ensinasse que a vida eterna possa ser adquirida pelo diligente estudo das Escrituras.

Referências:

1. SDA Bible Commentary, vol. V, pág. 955.
2. O Evangelho de João, vol. II, pág. 171, William Carey Taylor.
3. The Interpretation of St. John's Gospel, pág. 413. R. C. H. Lenski.
4. The Gospel According to St. John, pág. 222. C. K. Barrett.
5. O Novo Comentário da Bíblia, pág. 1075. Edições Vida Nova. Editado em Português.
6. O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo, vol. II, págs. 350-351, Russell Norman Champlin.
7. Clarke's Commentary, vol. V, pág. 554.

AS ENIGMÁTICAS PALAVRAS "GOGUE E MAGOGUE" DE EZEQUIEL 38 e 39

Muito se tem escrito na vã tentativa de explicar convincentemente as palavras Gogue e Magogue.

As afirmações do eminente comentarista Adão Clarke são valiosas:

"É reconhecida ser esta a mais difícil profecia no Velho Testamento. Este estudo é difícil para nós porque não conhecemos nem o rei, nem o povo mencionados por ele: mas estou satisfeito, porque eram bem conhecidos, por aqueles nomes no tempo em que o profeta escreveu."

O *Dicionário Enciclopédico da Bíblia* da Editora Vozes, pág. 646 sintetiza:

"Gogue é uma figura apocalíptica em Ezequiel 38, chefe de exércitos hostis, que no final dos tempos hão de lutar contra Israel numa batalha terrível.... Ele é chamado (Ez. 38:2) rei de Ros (desconhecido), Mosoque e Tubal (dois povos da Ásia Menor). Todo o seu território é indicado pela denominação: "terra de Magogue", que talvez signifique a terra do macedônio Alexandre Magno. Em Apoc. 20:8 esse Magogue tornou-se uma figura independente ao lado de Gogue. O próprio Ezequiel deve ter visto neste Gogue um outro Agague (Núm. 24:7), o inimigo hereditário de Israel."

A fim de evitar a prolixidade cansativa, limitar-nos-emos ao estudo de um de nossos professores da Andrews e ao que diz o SDABC:

Gogue e Magogue

A. Josef Greig

Palavras de código hebraicas ajudam a resolver um problema – e derrubam algumas acalentadas especulações.

"No capítulo 38 de Ezequiel é emitida uma mensagem de reprovação contra o misterioso Gogue, da terra de Magogue. No começo de Ezequiel há um numero de oráculo descrevendo a queda dos tradicionais inimigos de Israel: Amon, Moabe, Edom, Filístia, Tiro e Egito. A destruição desses inimigos foi necessária porque Israel não poderia existir como uma comunidade pacífica e segura, se fosse constantemente ameaçada por esses inimigos. No entanto, ficamos perplexos pelo fato de Babilônia não ter sido mencionada na lista dos inimigos de Israel.

Com os tradicionais inimigos de Israel destruídos, o que houve com aqueles povos e tribos que habitavam os externos limites do mundo? Ezequiel reconhece que aqueles dois constituem uma ameaça ao novo Israel, e pressente estarem mobilizando suas forças para atacá-lo.¹ O líder desta horda pagã é Gogue, da terra de Magogue, o

Príncipe de Meseque e Tubal. Com ele estão a Pérsia, Etiópia, Put, Gomer e Togarma. Juntos eles atacam a região pacífica onde o povo mora nas cidades sem muros, Porém Deus intervém e destrói esta horda pagã.

Mas quem é este Gogue, e onde fica a terra de Magogue? Gogue tem sido identificada com muitas figuras históricas do passado: nenhuma delas foi satisfatoriamente provada.² A terra de Magogue tem sido identificada por alguns como sendo a Rússia, pelo fato de que Gogue vem do Norte (a localização geográfica da Rússia) e visto algumas versões entenderem ser Gogue o "príncipe de Rôs", permitindo alguns interpretadores fazerem uma conexão entre Rôs e Rússia. O próximo passo neste método errôneo de etimologia é ligar Meseque com Moscou, comparando de novo um Assírio equivalente a Meseque com Moscou. Ainda outro traço de falha evidência é acrescentado a este argumento, citando o historiador grego Heródoto, que chama Meseque de Moscou. Alguns foram mais longe, identificando Tubal com Tobolsk.

A solução da identificação da terra de Magogue na profecia de Ezequiel pode estar na compreensão do uso pelos hebreus, de escritas secretas. A aplicação de nosso conhecimento em escritas secretas nos ajudou a compreender certas palavras da Bíblia e dos rolos do Mar Morto.⁴ Uma forma de escrita empregada no Velho Testamento é conhecida como Atbash. Esta palavra é formada da primeira e da última letras do alfabeto hebraico, combinada com a segunda e a penúltima do mesmo alfabeto. A palavra Atbash é usada em Jeremias quatro vezes, sendo a mais conhecida delas a palavra Sheshach, que substitui a palavra Babilônia. As consoantes que designam Babilônia em hebraico são BBL, a segunda e a duodécima letras do alfabeto hebraico. Se contarmos as letras do alfabeto hebraico a começar do fim, a segunda letra será Sh, a qual é então substituída por B. Dois "Bb" são iguais a Sh Sh. A duodécima letra do alfabeto contando de trás para a frente, é K, que é substituída pela letra L. Assim, temos Sh ShK, que, acrescido das vogais apropriadas, forma - Sheshach.

Entre os rolos do Mar Morto está o Documento de Damasco, o qual em três passagens faz menção de uma obra autorizada chamada o Livro de Hagu. A palavra Hagu não tem significado por si. Mas, se acrescentarmos a ela a palavra Atbash, Hagu torna-se Tsaraph, significando "refinar, ou provar". Assim, o título "o Livro de Hagu", que nada significa, torna-se 'O Livro de Prova, ou 'Livro de Teste'."

Magogue, como Sheshach, é uma palavra-código para Babilônia.⁵ Todavia, o modo como foi derivada é diferente do modo como Babilônia foi derivada de Sheshach em Jeremias. Empregando o conceito de escrita enigmática, em lugar de contar do final do alfabeto para o início, usamos a próxima letra após B e L para caracteres na palavra-código. A letra que segue ao B no alfabeto hebraico é G, a letra depois de L é M; juntando essas letras teremos GGM. Em ordem inversa, isto dá MGG. Acrescentando as vogais apropriadas, teremos Magogue. Se Magogue é uma palavra-código para Babilônia, então esta nação está faltando na lista dos inimigos de Israel, mas aparece sob o nome de Magogue.⁶

Podemos também sugerir que o nome GOGUE é derivado de Magogue, usando as últimas duas letras da palavra e juntando-as a MGG. Gogue (GG) representaria

possivelmente o chefe (rei) da terra de Magogue simplesmente porque se presta a uma ordem de letras com MGG. assim a solução de nosso problema Gogue-Magogue pode estar na direção de melhor compreensão do antigo uso hebraico de nomes enigmáticos ou códigos.

O que significa isto para o evangelista que pregou sobre a Rússia na profecia bíblica? Francamente, não há base para pregar sobre a Rússia como assunto específico das profecias de Ezequiel 38, 39. As questões feitas por Alger Johns (The Ministry, setembro, 1962, pág. 31) devem ser lidas novamente com grande proveito, especialmente as que falam da necessidade de pregar somente sobre fatos sustentáveis e baseados em exegese segura.

As hordas pagãs mencionadas em Ezequiel, contudo, podem ser usadas para descrever simbolicamente os poderes do mal, que sempre estiveram e sempre estarão em conflito com o reino de Deus até o triunfo final de todas as coisas. O comunismo ateu bem poderia colocar-se entre esta descrição dos inimigos de Deus, mas ela é referente a um símbolo muito mais abarcante que o próprio Comunismo. Gogue e Magogue são usados simbolicamente em Apocalipse 20, para as nações da ímpia assembléia de Satanás, reunida após o milênio para atacar a Nova Jerusalém. Lá a hoste dos ímpios é destruída por Deus, que envia fogo do céu para consumi-los. Apesar de a vitória dos bons sobre os maus não ter sido absolutamente assegurada na história de nossos tempos, um dia ela o será. Até que chegue esse dia, temos de estar vigilantes quanto a qualquer poder que se levante contra Deus, como Seu inimigo, e enfrentá-lo resolutamente com a palavra de Deus nas Santas Escrituras."

Referências:

1. S. Vinward, A Guide to the Prophets (Richmond, 1968), pág. 165.
2. SDA Bible Dictionary, pág. 408.
3. The Septuagint transliterates the Word rosh (head) as a proper name (Rosh).
4. H. J. Schofield, Secrets of the Dead Sea Scrolls (New York, 1957, pág. 21.
5. J. N. Schofield, Law, Prophets, and Writings (London, 1969), pág. 209.
6. Ver "Gematria", Encyclopaedia Judaica, VII, cols. 369, 370.

* A. Josef Greig, Ph.D., é professor assistente de religião na Andrews University, Berrien Springs, Michigan.

Nota:

Pedi ao Pastor S. J. Schwantes que lesse este artigo e me desse a sua opinião. Com sua incontestada autoridade, disse o seguinte:

"O argumento deste artigo deixa muito a desejar.

"Mesmo que se admitisse que Magogue é uma palavra-código para Babilônia, quando é que esta Babilônia atacou a terra de Israel e foi destruída pelo poder de Deus? Não pode ter sido antes de 539 A.C. E depois desta data a Babilônia não mais exerceu liderança política ou militar neste mundo. O império babilônico foi substituído pelo império dos Medos e Persas.

"Não há evidência de que Ezequiel tenha usado o sistema atbash em caso algum."

"Gogue." Este é o nome escolhido por Ezequiel para designar o líder das hostes pagãs que atacaria o Estado Judeu restaurado após o retorno dos exilados (veja vs. 14-16). Os esforços para identificá-lo com qualquer personagem histórico mostraram-se até agora infrutíferos. A raiz de onde se deriva o nome é desconhecida. A Palavra ocorre 13 vezes nas Escrituras, mas nenhuma das referências lança qualquer luz sobre seu significado. Gogue aparece em I Crôn. 5:4 como o nome de um dos filhos de Joel da tribo de Rúben. Em Apoc. 20:8, é usado em conexão com Magogue para simbolizar as nações dos ímpios, a quem Satanás reúne após o milênio para atacar Cristo e apoderar-se da Nova Jerusalém. As 11 ocorrências em Ezequiel (caps. 38:2, 3, 14, 16, 18; 39:1, 11, 15) descrevem o líder de uma vasta coalizão de nações pagãs. Gogue é também a variante que aparece no Pentateuco Samaritano e na LXX em lugar de Agague em Núm. 24:7. Uma forma com posta, Hamom-Gogue, "a multidão [ARA - "as forças"] de Gogue," é usada em Ezequiel 39:11, 15, nome este que é aplicado ao vale no qual seriam sepultadas as multidões de Gogue. Todas estas referências bíblicas não derramam qualquer luz sobre a identidade de Gogue, e a única indicação quanto a sua origem está no cap. 38:15, onde é feita a declaração: "Virás, pois, ao teu lugar, das bandas do norte."

Outra sugestão relaciona Gogue com o país bárbaro de Gagaia, que é mencionado nos tablets de Tell-el-Amarna. Contudo, Gagaia é um país e não uma pessoa, como representa ser o Gogue de Ezequiel. Em realidade não é necessário encontrar um Gogue nos registros históricos. Gogue é muito provavelmente um nome imaginário, pelo qual Ezequiel descreve o líder das hordas pagãs, que fazem uma final investida sobre Israel após sua restauração, e numa ocasião quando estão desfrutando da prosperidade prometida por Deus sob condição de sua obediência.

A terra de Magogue. Ou "da terra de Magogue". O "Magogue" de Ezequiel era a terra natal de Gogue, e como "Gogue" seu sentido é obscuro. O título foi provavelmente formado pelo próprio Ezequiel, prefixando "ma" ao nome Gogue. "Magogue" ocorre cinco vezes nas Escrituras. É usado duas vezes em Ezequiel (aqui e no cap. 39:6), como a terra de Gogue; uma vez em Apoc. 20:8, para as nações dos ímpios; e em Gên. 10:2 e I Cron. 1:5 para os filhos de Jafé. Alguns, havendo identificado Gogue como Giges, rei da Lídia, sugerem que Magogue precisa necessariamente ser a Lídia. Não há, contudo, prova histórica disto. Uma tribo bárbara chamada Magogue é mencionada numa carta de um rei babilônico (ver o comentário a Gên. 10:2). Estes dois nomes, Gogue e Magogue, têm ocasionado muita especulação. A antiga tradição judaica identificava Magogue com os citas (Josefo, Antigüidades 1.6.1.). O mesmo é sugerido por Gesenius (ver seu léxico de hebraico).

Contudo, esta identificação de Magogue com os citas ainda repousa sobre conjecturas. Como Gogue, o nome é provavelmente imaginário, provavelmente para se evitar de propósito uma identidade demasiado aproximada, como é muitas vezes o caso em profecia preditiva, para que tal identidade na predição não impeça seu cumprimento.

Outras interpretações fantasiosas de tempos em tempos têm identificado Magogue com várias nações ou com indivíduos. Poder-se-ia reunir uma vasta biblioteca de lendas sobre Gogue e Magogue. Em muitas delas a história diz respeito a um muro para manter de fora Gogue e Magogue. Este muro tem sido situado em muitos países, da Grécia à China, dependendo da nacionalidade da lenda. A ruptura do muro abriu caminho para que as forças destrutivas de Gogue e Magogue fizessem sua obra. Em algumas das lendas esses eventos estavam relacionados com o aparecimento do anticristo, ocasião em que Gogue e Magogue (os povos selvagens do norte do Cáucaso), anteriormente encerrados atrás dos portões por Alexandre, o Grande, seriam soltos (ver L.E. Froom, *Prophetic Faith of Our Fathers*, vol. I, pp. 555, 583, 584, 586, 662).

O primeiro príncipe de. Heb.                      significa príncipe.                      pode significar "principal", "primeiro", como aqui. Contudo a LXX o traduz como um nome próprio                     , como também a RV "Rosh.". A RSV segue a KJV. Qualquer que seja a tradução adotada, o ensino geral da profecia permanece o mesmo. Se se considerar                      como representando uma nação de pessoas, ainda temos o problema de identificar o povo ou seu território.

Contudo, é questionável que seja adequado traduzir O heb.                      como um nome próprio "Rôs". A palavra é muito comum no hebraico, ocorrendo mais de 600 vezes no VT. Seu significado básico é "cabeça", e na KJV não é em parte alguma traduzido como nome próprio exceto em Gên. 46:21, onde é o nome dado ao filho de Benjamim. Naturalmente existe a possibilidade de que uma palavra que ocorre mais de 600 vezes com a idéia básica de "cabeça" possa em realidade tornar-se um nome próprio em um ou dois casos. Talvez a mais forte evidência reclamada em apoio da tradução "Rôs" seja o testemunho da LXX. A LXX foi traduzida no III e II séculos AC, e por alguma razão seus tradutores adotaram a versão Rôs. Se em seus dias eles conheciam ou não uma terra chamada                     , não podemos afirmar.

Há uma consideração sintática que tende a favorecer um nome próprio aqui. Se a palavra                      for aqui usada como adjetivo, normalmente se esperaria que tivesse um artigo visto que ela modificaria                     , que no hebraico é definido por estar no estado construto com um substantivo próprio, neste caso "Meseque". Exemplos de tais construções, onde o adjetivo que modifica o nome no estado construto é definido pela afixação do artigo, são Jeremias 13:9, "a muita soberba de Jerusalém"; Esdras 7:9, "a boa mão do seu Deus." O adjetivo encontra-se em Ezeq. 38:2 sem o artigo, proporcionando um pretexto para traduzi-lo como nome próprio, uma vez que nomes próprios não levam artigo. Mas a evidência não é de modo algum conclusiva. Às vezes tal adjetivo é ele próprio colocado no estado construto, e está portanto sem o artigo no hebraico (ver, por exemplo, II Samuel 23:1; II Crôn. 36:10). Uma notável exceção à regra precedente é também encontrada em I Crôn. 27:5, onde a expressão                     , "sacerdote chefe," ocorre. Ali "sacerdote" tem o artigo e o adjetivo "chefe" está sem o artigo. Isto, contudo, é considerado pelos editores do texto hebraico como um erro, sendo que o artigo naturalmente pertence ao adjetivo.

Um estudo das fontes seculares na procura de um país pelo nome de 𐤓𐤕𐤔, adianta muito pouco. Vários nomes com um som similar a 𐤓𐤕𐤔 aparecem em inscrições assírias, mas não há certeza de que qualquer deles seja idêntico com "Rôs".

Desde o séc. X até a atualidade, vários exegetas têm feito tentativas de identificar 𐤓𐤕𐤔 como "Rússia". Segundo Gesenius, os escritores bizantinos do séc. X identificavam 𐤓𐤕𐤔 sob o nome de 𐤓𐤕𐤔𐤓𐤕𐤔, um povo que habitava as partes setentrionais de Taurus e que, assevera ele, eram "indubitavelmente os russos" (ver seu léxico hebraico). Ele também menciona um escritor árabe do mesmo período, Ibn Fossan, que fala desse povo como habitando sobre o rio Rha (Volga).

A evidência histórica, contudo, mostra que o termo "Rússia" não veio de "Rôs". Entre os eslavos que viviam no que agora é a Rússia estavam grupos de vikings chamados varangianos, que migraram do leste da Suécia. Embora haja diferentes pontos de vista quanto ao papel dos varangianos, a opinião prevalecente entre os estudiosos é que estes guerreiros-mercadores e líderes militares de origem não-eslava, chamados pelo nome "Russ" ou "Russos", deram seu nome ao território. A tradição russa diz que Rurik, um varangiano, tomou o título de Príncipe de Novgorod (a principal cidade do norte da Rússia nessa ocasião) em cerca de 862 AD, e que seus descendentes diretos governaram a Rússia até a morte de Feodor (Teodoro), o último governante da dinastia de Rurik, em 1598. Após vários anos de agitação, durante os quais vários pretendentes governaram pela força, um novo czar foi eleito, Miguel Romanoff, cuja dinastia continuou até a revolução de 1917 (ver J. B. Bury, *A History of the Eastern Roman Empire*, 1912, p. 412; Bernard Pares, *A History of Russia*, 1944; *Encyclopedia Britannica* [1974 ed.] art. "Russia").

Assim pode ser visto que qualquer similaridade de som entre "Rôs" e "Rússia" é obviamente pura coincidência. Parece não haver qualquer evidência de que o nome foi aplicado a esse país até cerca do séc. X AD.

Meseque. O nome aparece nove vezes nas Escrituras. Em Gên. 10:2 e I Crôn. 1:5 Meseque é alistado como um dos filhos de Jafé. Em I Crôn, 1:17 um provável erro de escribas alista Meseque como um dos filhos de Sem, mas sem dúvida a referência é a Más, em harmonia com Gên. 10:23. As outras seis ocorrências referem-se a Meseque como nação. Três delas estão em Ezeq. 38, 39; duas estão nos caps. 27:13; 32:26, e a referência restante está em Sal. 120:5. Segundo a LXX, dever-se-ia ler também "Meseque" em Isa. 66:19 em vez de "que atiram com o arco." Em todas as cinco ocorrências em Ezequiel (bem como em Gên. 10:2 e I Crôn, 1:5) está associado com Tubal, indicando que se refere aos descendentes de Jafé. Ezequiel fala deles como mercadores negociando com Tiro "objetos de bronze" bem como escravos (cap. 27:13). Nos Salmos são descritos como inclinados para a "guerra". (Sal. 120:7).

Historicamente, crê-se que Meseque represente os Moshians dos escritores gregos clássicos (ver Heródoto III. 94; VII. 78), os Muski das inscrições assírias (ver o comentário sobre Gên. 10:2).

Alguns escritores, que vêem a Rússia no som ro'sh, também vêem Moscou no som "Meseque", ou Muski, e crêem que a cidade pode ter sido fundada por descendentes dos Muski. Contudo, de acordo com a *Encyclopedia Britannica*, ed. de

1945, Moscou não foi estabelecida antes do séc. XII, por Jorge Dolgoruki. Não se pode encontrar nenhum traço de conexão entre os dois nomes."

The S.D.A. Bible Commentary, vol. IV, págs. 704 a 706.

QUE BEBIDA OFERECERAM A JESUS NA CRUZ: VINHO OU VINAGRE?

Algumas traduções, como por exemplo a King James Version, apresentam **Mat. 27:34** da seguinte maneira:

"Deram-lhe a beber vinagre misturado com fel, e tendo ele provado não o quis beber."

A maioria das traduções baseadas em melhores manuscritos originais, como a Almeida Revista e Atualizada no Brasil trazem:

"Deram-lhe a beber vinho com fel ; mas ele, provando-o, não o quis beber."

A Crítica Textual nos esclarece que o texto grego usado pelos eruditos tradutores da King James não era dos melhores.

A evidência de que a tradução correta deve ser vinho e não vinagre, nós a temos, porque esta é a palavra que aparece nos mais antigos manuscritos, como Alef, Vaticano ou B, Y , Família dos minúsculos, bem como nas versões latinas, na siríaca e em outras.

Vinagre, em vez de vinho, aparece nos manuscritos da Família Bizantina, cuja recensão feita em Antioquia não foi das melhores, como atestam os estudiosos da Crítica Textual.

Parece não haver tanta divergência assim quando sabemos: 1º) Que as palavras vinho e vinagre eram usadas como sinônimas, desde que vinagre era um vinho azedo misturado com água dado aos soldados. 2º) Que a palavra vinagre aparece no verso 48, sendo confirmada por todos os manuscritos. 3º) Crêem alguns comentaristas que ofereceram a Jesus uma bebida na qual se encontrava vinho e vinagre.

Segue-se o comentário de Russell Norman Champlin:

"O trecho de Mar. 15:23 diz 'mirra' ao invés de 'fel'. A mirra dava ao vinho azedo um melhor sabor, e, tal como o fel, produzia um efeito narcótico e estupefaciente. Não é impossível que ambos os elementos tivessem sido usados na bebida que Jesus provou e se recusou a beber; contudo o mais provável é que os autores dos evangelhos simplesmente empregaram termos diferentes para expressar uma e outra coisa – os elementos postos no vinho a fim de dar-lhe um efeito narcótico; e para eles, a identificação exata desse elemento não era tão importante como parece ser para os modernos harmonistas. Lemos na história que esse tipo de bebida era usado para diminuir os sofrimentos dos soldados feridos. E era costumeiro dá-la às vítimas da crucificação, para que suas dores fossem suavizadas. Por quanto tempo amortecia as dores, não sabemos dizê-lo, mas provavelmente não conseguia efeito de grande duração.

"Neste versículo temos o cumprimento notável de certa profecia: 'Deram-me fel por mantimento, e na minha sede me deram a beber vinagre.' (Sal. 69:21). É bem possível que o fel que aparece no evangelho de Mateus tenha sido escrito ao invés de 'mirra' por causa da influência da profecia que ele provavelmente tinha em mente ao escrever esta seção. O costume de prover tal bebida para os que sofriam, era reputado como uma caridade piedosa, por parte dos rabinos, sendo provável que em Prov. 31:6 houvessem encontrado um texto para tal costume. Esse costume persistia nos tempos dos mártires cristãos..."

Referência:

1. O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo, vol. I, pág. 632.

TENTAÇÃO E PECADO

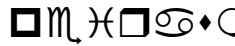
Tentação. O sentido bíblico de tentação distancia-se do moderno de sedução, desde que significa pôr a pessoa em prova com o elevado objetivo de evidenciar ou melhorar a sua qualidade.

Deus testa o seu povo, colocando-o em situações que revelam a qualidade de sua fé, para verificar o que está em seu coração, como vemos em Gênesis 22:1 e Êxodo 16:4; 20:20. Deus nos testa para nos purificar, assim como o metal é purificado no cadinho do depurador, fortalecendo-nos a paciência e amadurecendo nosso caráter (Sal. 66:10; Zac. 13:9; I Ped, 1:6). Por meio da fidelidade em tempos de provação os homens se tornam "doki moi" (aprovados) aos olhos de Deus (Tiago 1:12; I Cor. 11:19).

As tentações são permitidas por Deus (Mat. 4:1; 6:16), mas Ele não consente que sejamos tentados acima do que podemos resistir (I Cor. 10:13). Deus dá ao seu povo a capacitação para resistir à tentação e também para se livrar dela (II Ped. 2:9).

A tentação é permitida como um teste (Jó 1:9-12; I Ped. 1:17; Tiago 1:2 e 3), porém, de acordo com a teologia bíblica podemos ter uma certeza, este teste sempre visa o nosso bem, nunca é um incitamento para o mal. O desejo que nos impele ao pecado é nosso. De maneira nenhuma poderá ser proveniente de Deus.

Tentação não é pecado, pois Cristo foi tentado como nós o somos, mas permaneceu impecável (Heb. 4:15; Luc. 22:28). A tentação somente se torna pecado quando a sugestão para que se pratique o mal é aceita.

O substantivo grego para tentação  (peirasmós) indica qualquer tipo de provação ou tribulação, incluindo a instigação para o pecado. Esta palavra é em pregada 21 vezes, tanto no sentido positivo quanto no negativo.

Para o comentarista Russell Norman Champlin, as provações nos trazem os seguintes benefícios:

- 1º) Promovem a glória de Deus. S. João 11:3-4; 21:8-19.
- 2º) Mostram o poder e a fidelidade de Deus. Sal. 34:18-19; II Cor. 4:7-11.
- 3º) Ensinam-nos a vontade de Deus. Deut. 4:30-31; Os. 2:6-7.
- 4º) Fazem-nos voltar a Deus para obter ajuda. Deut. 4:30-31.
- 5º) Fazem-nos buscar a Deus em oração. Juízes 4:3; Jer. 31:18.
- 6º) Elas nos convencem do pecado. Jó 36:8 e 9; Sal. 119:67.
- 7º) Elas nos ensinam a obediência. Gên. 22:1-2." ¹

O Espírito de Profecia diz sobre tentação:

"A tentação não é pecado, nem é indício do desagrado de Deus para conosco. O Senhor permite que sejamos tentados, mas mede cada tentação, distribuindo-a segundo as nossas forças para resistir e vencer o mal. É em tempos de prova e tentação que somos capazes de avaliar o grau de nossa fé e confiança em Deus, de calcular a estabilidade de nosso caráter cristão. Se somos facilmente impelidos e derrotados, devemos alarmar-nos, pois pouca é nossa resistência." ²

"As provas sobrevirão a toda alma que ama a Deus. O Senhor não opera um milagre para impedir a provação, para escudar Seu povo das tentações do inimigo." ³

Segue-se a resposta dada por W. Arndt, no livro *A Bíblia se Contradiz?*, págs. 63 e 64 à seguinte pergunta: "Deus nos Tenta?"

"Gênesis 22:1: 'Depois dessas coisas, pôs Deus Abraão à prova...'

"Tiago 1:13: 'Ninguém, ao ser tentado, diga: Sou tentado por Deus; porque Deus não pode ser tentado pelo mal, e ele mesmo a ninguém tenta.'"

"Como haveremos de explicar o fato de a Bíblia afirmar que Deus jamais tenta o homem quando em outros textos afirma que o tenta? A solução está no sentido da palavra 'tentar'. Esse termo é usado em sentido bom e um sentido mau. Quando empregado em sentido bom, significa experimentar ou provar um homem de modo tal, que a disposição de seu coração e suas convicções mais íntimas se tornem manifestas, a fim de que todos possam receber prova indiscutível quanto a seu verdadeiro caráter. Usado em sentido mau, significa incitar o homem a que faça o mal, para destruí-lo. Todas as aflições que Deus nos envia podem ser chamadas provas ou tentações que objetivam o nosso bem e como tais, deveríamos considerá-las bem-vindas. O próprio Tiago, que, na passagem supracitada, afirma que Deus a ninguém tenta, admoesta seus leitores poucos versículos antes: 'Meus irmãos, tende por motivo de toda a alegria o passardes por várias proações, sabendo que a proação da vossa fé, uma vez confirmada, produz perseverança.' (Tiago 1:2-3).

"Foi uma tentação dessa espécie que Deus trouxe sobre Abraão, uma proação severa, na qual ficou provado que sua fé era genuína e vigorosa, e na qual ela sem dúvida foi grandemente fortalecida, sendo que no fim da proação foram reafirmadas as gloriosas promessas que Deus lhe dera. Mas o termo também é usado para designar experiências do tipo oposto, ataques velados que objetiva a lançar o homem na perdição eterna. Quando Tiago diz com referência a Deus: 'E ele mesmo a ninguém tenta', fala daquelas seduções perniciosas arquitetadas pelos poderes do mal e que tem por objetivo nossa final e infundável miséria. Semelhantes tentações, naturalmente, não vêm de Deus.

"Nessa conexão pode ser interessante uma palavra adicional sobre a sexta petição do Pai Nosso: 'E não nos deixes cair em tentação'. Essa petição muitas vezes tem sido entendida como dizendo que Deus tenta seus filhos. Na verdade, não diz nada disso. Simplesmente expressa a suplica de que Deus nos guie de maneira tal, que nossos inimigos não possam executar seus ímpios desígnios contra nós, a saber, seduzir-nos ao pecado. Guia-nos de maneira tal (este é o sentido da oração), que Satanás não tenha oportunidade para colocar pedras de tropeço em nosso caminho. De sorte que essas palavras não militam contra as declarações de Tiago de que Deus a ninguém tenta."

Pecado

O aparecimento do pecado é apresentado na Bíblia como sendo um mistério. II Tes. 2:7 o chama de mistério da iniquidade. A origem do mal e a existência do pecado têm dado motivo a profundas divagações para a filosofia e teologia.

"O pecado é um intruso, por cuja presença nenhuma razão se pode dar. É misterioso, inexplicável; desculpá-lo corresponde a defendê-lo. Se para ele se pudesse encontrar desculpa, ou mostrar-se causa para a sua existência, deixaria de ser pecado."⁴

"É impossível explicar a origem do pecado de maneira a dar a razão de sua existência."⁵

Sabemos que o pecado teve sua origem com Lúcifer. Criado com livre arbítrio, ele escolheu deixar de ser Lúcifer (portador de luz) para tornar-se o diabo. Para o significado do vocábulo diabo existem duas explicações:

1ª) Lançado através do espaço para a Terra.

2ª) É assim chamado, porque lançou na mente dos anjos dúvidas sobre o caráter de Deus. Continua através dos séculos a fazer esta mesma obra na mente dos homens.

Definições Para Pecado

Por ser difícil incluir numa definição tão abarcante tema, serão apresentadas várias definições para melhor compreensão do assunto.

- a) É a transgressão da lei de Deus. I João 3:4.
- b) Toda a iniquidade é pecado. I João 5:17.
- c) O que não é da fé é pecado. Rom. 14:23.
- d) Toda a imaginação do coração não regenerado é pecado. Gên. 6:5; 8:21.
- e) A insensatez é pecado. Prov. 24:9.
- f) A omissão em fazer o que é bom é pecado. Tiago 4:17.
- g) Pecado de omissão consiste em deixar de fazer o que a lei de Deus ordena. Pecado de comissão consiste em fazer o que a lei proíbe.
- h) Paulo designa o pecado com vários nomes do vocabulário bíblico: impureza, violação da lei, iniquidade, desobediência, transgressão, erro.
- i) Pecado é separação entre o homem e Deus. Is. 59:2. Pecado é quebrar o nosso relacionamento com Deus.
- j) Pecado é amor próprio, é egoísmo. O pecado fez com que o homem deixasse de ser Cristocêntrico, alterocêntrico, para tornar-se egocêntrico. Pecado é um mau estado da alma e este mau estado é essencialmente o egoísmo. A conversão consiste na crucificação do próprio eu. Gál. 2:20.
- k) "Pecado é a falta de conformidade com a Lei moral de Deus, quer por ato, disposição ou estado." Strong.
- l) "Pecado é fechamento egoístico do homem em si mesmo, é negar-se a amar os demais, é ruptura de amizade." (Gutierrez - Teólogo da Libertação).
- m) Pecado é uma ação má, contrária a uma ordem que determina o que deve ser.
- n) "Pecado é qualquer desvio do padrão de perfeição revelado em Jesus Cristo." Clifford E. Barbour.
- o) "Pecado é o oposto de santidade; pecado é discrepância de uma lei absolutamente santa." R. L. Dabney.
- p) "Pecado consiste em colocar o homem a sua vontade, ou o seu eu acima do amor e dos deveres." W. N. Clarke.
- q) "Pecado é qualquer falta de conformidade com a lei de Deus ou qualquer transgressão da Lei Divina." Assembléia de Westminster.

- r) "Pecado, no sentido mais lato, é um estado mau da alma ou da personalidade." A. B. Langston.
- s) Para o profeta Oséias pecado é uma alienação de Deus, tanto coletiva como individualmente.
- t) "Pecado é uma nota dissonante na harmonia da obra criadora de Deus." Francisco Jacinto Pereira Filho.
- u) Pecado é a vontade livre e consciente de praticar o mal.
- v) Pecado é mais do que transgressão, é a rebelião contra uma pessoa.
- w) Se desejar ter um amplo. quadro, embora dantesco, do que seja pecado, basta ler as declarações de Paulo em Rom. 1:18-32.

Termos Bíblicos Para Pecado

Há no original, tanto hebraico quanto grego, várias palavras que podem ser traduzidas por pecado.

I. Velho Testamento:

Vários aspectos da concepção do pecado são encontrados no Antigo Testamento.

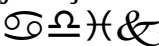
- a) Hatah - significa falhar no aspecto moral e religioso, não alcançar o alvo. Desviar-se do caminho reto. Corresponde ao verbo grego ἁμαρτάνω (hamartano) como nos mostra a Septuaginta.
- b) Awon - enfatiza o aspecto moral, estar torcido, encurvado. Revela o estado da alma do pecador pelo peso da culpa do pecado. Pecado é mais que um ato, desde que awon indica o estado de culpabilidade do transgressor da lei.
- c) Peshá - em sentido religioso é o termo mais usado para pecado, por significar uma revolta contra Deus; quebrar a fidelidade à Aliança; tornar-se infiel. É a violação dos preceitos divinos ou rebelião contra Deus.
Jó 34:37 mostra seu real significado: "Pois ao seu pecado (hatah) acrescenta rebelião (peshá).
- d) Raiah - É a palavra do Velho Testamento mais traduzida por maldade. Indica todo o tipo de mal com as nuances de indignidade, demência, tirania, disparate, mau procedimento.
- e) Rashá - É um termo forense, indicando que a pessoa é culpada perante a lei. Designa a culpabilidade perante os homens e perante Deus. (Num.5:7; Lev. 5:19).

"No Salmo 51:1 e 2 Davi emprega três destas palavras hebraicas para apresentar um quadro completo de sua vida cheia de pecado; cada uma delas apresentando uma faceta de sua perversidade. A primeira é "peshá", dando uma idéia de sua ma em rebelião, culpada de haver transgredido voluntariamente a lei de Deus. O segundo pregado é "awon" que em geral se traduz por iniquidade. Etimologicamente significa depravação ou tortuosidade. As cordas do seu coração e caráter se haviam entrançado, desafinando-se com o diapásão divino. o 3º vocábulo é "hatah" cuja idéia fundamental é errar o alvo Toda

a sua vida tomara uma direção errada, visto que o pecado o cegara por completo. Sua vida se desviara do elevado alvo que havia proposto em seu coração." ⁶

II. Novo Testamento:

As palavras aqui encontradas apresentam mais ou menos o mesmo sentido dos vocábulos hebraicos.

- a) Anomia - É um ato contrário à lei. O termo grego anomia corresponderia ao nosso – ilegalidade. O primeiro verso que nos vem à mente é I João 3:4 – "Todo aquele que pratica o pecado, também transgredir a lei : porque o pecado é a transgressão da lei."
- b) Adikia - Em grego a palavra significa privação de justiça, transgressão da justiça. O Dicionário Grego de Arndt and Gingrich assim define  (adikia), "injustiça, transgressão, maldade, perversidade." I João 5:17 "Toda a injustiça (adikia) é pecado."
- c) Hamartia - Perder o alvo. Corresponde ao "Ratah" hebraico. É a palavra mais usada para pecado no Novo Testamento, aparecendo 173 vezes. Nas cartas paulinas ocorre 60 vezes.

"Deve ser notado, que no Novo Testamento hamartia não descreve um definido ato de pecado, mas sim um estado, do qual provém o ato pecaminoso."

"Esta palavra é usada no Novo Testamento para expressar o pecado em geral ou em particular uma ofensa que se comete contra Deus, destacando a culpabilidade que esta produz sobre a pessoa que a comete. Surgem três tipos de hamartia:

- 1) O pecado como ato individual (Atos 2:38; 3:19; I Tim. 5:22; Apoc. 1:5; 18:4; Heb. 1:3; 2:17; 5:1).
- 2) Como expressão que descreve a natureza corrupta do homem e sua hostilidade contra Deus, a qual se apresenta em formas como: ter pecado (João 9:41; 15:22,24; 19:11; I João 1:8), temos pecado (I João 3:5) e morrer no pecado (João 8:21,24; 9:34; 1 Cor. 15:17), conhecimento do pecado (Rom. 3:20), permanecer no pecado (Rom. 5:13,20; 6:1), corpo de pecado (Rom. 6:6), carne pecaminosa (Rom. 8:3).
- 3) Como pecado em sentido geral que entrou no mundo por um homem (Rom. 5:12), que se torna visível pela existência da lei (Rom. 7:7-9), engana ao homem (Rom. 7:11; Heb. 3:13), assedia-o (Heb. 12:1), habita nele (Rom. 7:17,20), desperta-lhe as paixões pecaminosas (Rom. 7:5) e toda sorte de concupiscência (Rom. 7:8). Todos os homens estão debaixo do pecado (Rom. 3:9; Gál. 3:22) ao qual são vendidos como escravos (Rom. 6:16,20; 7:14; João 8:34; Gál. 2:17) para servi-lo (Rom. 6:6) de acordo com a sua lei (Rom. 7:23) e para receber seu salário (Rom. 6:23), que é a morte (Rom. 5:21; 7:11; Tiago 1:15)." ⁸

- d) Asébeia - É o pecado que separa o homem de Deus. É usada apenas 6 vezes no Novo Testamento e pode ser traduzida por impiedade, perversidade, pecado. Quem comete este pecado afasta-se de Deus.

Diferença Entre Pecado e Pecados

Alguns comentaristas querem fazer nítida distinção entre pecado no singular (hamartia - estado), e pecados no plural (paraptoma - passos em falso).

Pensemos nas seguintes afirmações:

"Pecado é caráter; pecados são conduta. Pecado é centro; pecados são circunferência. Pecado é raiz; pecados são frutos. Pecado é o produtor; pecados são o produto. Pecado é natureza; pecados são manifestações. Pecado é fonte; pecados são o fluxo. Pecado é o que somos; pecados são o que temos feito... Deus abomina o pecado com uma santa indignação."⁹

Calvino assim se expressou sobre o pecado:

"O pecado, nesta vida, produz os tormentos de uma consciência acusadora; na vida futura, os tormentos da morte. Agora podemos colher o fruto da justiça, a saber, a santidade; e a nossa esperança firme e que, no futuro, colheremos a vida eterna. Essas bênçãos, a menos que sejamos embotados além de toda a medida, deveriam gerar em nossa mente o ódio e o horror ao pecado, como também o amor e o desejo pela justiça."

Referências:

1. O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo, vol. VI, pág. 16.
2. Signs of the Times, 18 de dezembro de 1893.
3. Review and Herald, 14 de setembro de 1897.
4. Grande Conflito, pág. 493.
5. Idem, pág. 492.
6. Estudos no Livro dos Salmos, págs. 98 e 99, Kyle M. Yates.
7. William Barclay, New Testament Words, pág. 119.
8. Mário Veloso. O Homem uma Pessoa Vivente, págs. 88 e 89.
9. C. N. Keen - A Doutrina do Pecado, pág. 7.

**PECADO PARA MORTE E PECADO NÃO PARA
MORTE
I João 5:16**

Tem sido grande a diversidade de opiniões com respeito à significação desta passagem, e as idéias de alguns expositores do Novo Testamento não podem ser aceitas.

Entre as explicações apresentadas as seguintes se destacam:

- 1ª) Há aqui referência ao pecado contra o Espírito Santo.
- 2ª) João faz alusão a um grande pecado, como homicídio, idolatria, adultério.
- 3ª) Alguns comentaristas crêem, que haja aqui referência ao pecado punido com a morte pelas leis do Velho Testamento.
- 4ª) Pecados castigados com a expulsão da sinagoga ou da igreja.
- 5ª) Pecado que acarretaria doença fatal sobre o ofensor.
- 6ª) Crimes contra as leis, pelos quais o ofensor era sentenciado à morte.
- 7ª) Pecados cometidos antes e depois do batismo; os primeiros seriam perdoados, mas os segundos, jamais.
- 8ª) A Igreja Católica explica que eram pecados que poderiam ou não ser perdoados após a morte. Baseando-se neste verso, a Igreja de Roma estabeleceu a doutrina do purgatório. Ainda com base nesta passagem teólogos e comentaristas católicos classificam os pecados em dois grupos: pecados veniais e pecados mortais. Pecado venial é aquele digno de vênia, de desculpa, perdoável; enquanto o pecado mortal é aquele para o qual não há perdão, a pessoa deve pagá-lo com a morte.

Um dos primeiros pontos na exegese desta passagem é saber o que significa pecado para a morte (hamartia prós thánaton). Seria o pecado que terminaria em morte, teria como penalidade a morte, ou o pecado que se prosseguisse em seu curso traria doença que acarretaria a morte?

A palavra morte é usada no Novo Testamento com três significados:

- 1º) A morte física ou do corpo.
- 2º) A morte espiritual. Mortos em delitos e pecados. Efés. 2:1.
- 3º) A segunda morte.

Cingir-nos-emos a dois comentários por serem suficientes para nos elucidarem sobre o texto joanino.

I. "**Se alguém**. Comparar com caps. 1:6; 2:1; 4:20. João usa um caso hipotético para apresentar uma importante lição. Aqui a referência é obviamente a um cristão que possui sã consciência de pecado.

Seu irmão. Isto limita a lição de João à comunidade cristã: ele está falando da preocupação com um irmão na fé.

Cometer pecado. Literalmente, "pecando um pecado", isto é, verdadeiramente no ato do pecado.

Não para morte. Parece inegável que João esteja fazendo uma distinção entre formas de pecado, uma vez que pouco depois neste mesmo verso, ele fala de "pecado para morte." Mas deve-se ter em mente o contexto. Nos vs. 14, 15 ele deu a certeza de que as orações do crente serão atendidas; aqui está aplicando a promessa a um tipo específico de oração – a oração em favor de outro – e está explicando sob que

circunstâncias esta pode ser eficaz. Ao fazê-lo, discute duas classes de pecado – aqueles nos quais há esperança para o pecador e aqueles nos quais não há esperança. Na primeira classe, a oração pode ser um eficaz auxílio para a redenção; na segunda, como João mais tarde explica, não há garantia de que a oração será eficaz. Sustenta-se geralmente que o pecado para morte é o pecado imperdoável (ver o comentário sobre Mat. 12:31,32 no SDABC). Daí que um pecado não para morte é qualquer outra forma de pecado em que incorre um irmão que caiu em erro.

Pedirá. Pedirá a Cristo, isto é, orará pelo irmão que caiu em erro. A frase pode ser tomada ou como uma injunção para orar ou como uma descrição da relação natural de um crente fervoroso quando confrontado com a delinquência de outro. Quão mais feliz seria a igreja se, em vez de discutir a fraqueza de um irmão, orássemos por ele, e, se possível, com ele. Tal atividade intercessória habilitar-nos-á para a delicada tarefa de falar ao pecador e apontar-lhe o Salvador. Tal conversação servirá para edificar a igreja, enquanto que o mexerico e crítica derrubá-la-ão.

Lhe dará vida. É difícil determinar a quem os prenomes desta frase se referem. A seqüência de idéias sugere que o apóstolo ainda está falando do cristão que ora por um irmão errante e é portanto um instrumento para conferir vida ao pecador. Mas é também possível que João tenha mudado abruptamente de assunto e esteja dizendo: Cristo dará ao cristão que ora, vida para transmitir aos pecadores que não endureceram definitivamente o coração. A diferença é apenas de interpretação, pois a operação é a mesma em qualquer dos dois casos. O cristão não tem qualquer poder à parte do Salvador; assim, no final, é Cristo que dá a vida, embora a oração intercessória possa ter sido o instrumento através do qual tenha sido concedida essa vida. Tal "vida", contudo, é concedida apenas se há sincero arrependimento por parte do pecador.

Aos que. O escritor passou do caso particular ao geral, e fala de todos os que cometem "pecado não para morte."

Há pecado para morte. Uma vez que João não define um pecado particular que resulte inevitavelmente na morte, é provável que esteja aqui se referindo a um tipo de pecado que certamente produzirá a morte. Se ele soubesse de um pecado específico que deixaria um homem sem esperança de salvação, poderíamos esperar que ele o identificasse, para que todos se acautelassem de cair na condenação irrevogável. Conquanto seja verdade que todo pecado, se nele se persistir, levará à morte (Eze. 18:4, 24; Tia. 1:15), há uma diferença no grau ao qual qualquer ato específico de pecado trará um homem próximo da morte. Os pecados cometidos por aqueles que estão genuinamente ansiosos de servir a Deus, mas que sofrem de uma vontade fraca e fortes hábitos, são muito diferentes daqueles pecados que são deliberadamente cometidos em desafio impudente e deliberado a Deus. É mais a atitude e o motivo que determinam a diferença do que o ato do pecado em si. Neste sentido há distinções de pecados. Os erros menores, dos quais logo houve arrependimento e perdão, são pecados não para morte. Os pecados graves, nos quais se caiu repentinamente pela falha em manter o poder espiritual, ainda não é também um pecado para morte, se seguido de genuíno arrependimento; mas a recusa em arrepender-se torna certa a morte final.

A distinção é claramente ilustrada nas experiências de Saul e Davi. O primeiro pecou, e não se arrependeu; o segundo pecou gravemente, mas se arrependeu sinceramente. Saul morreu, sem esperança de desfrutar a vida eterna; Davi foi perdoado e lhe foi assegurado um lugar no reino de Deus.

Para discussão sobre o pecado imperdoável ver o comentário sobre Mat. 12:31,32.

Não digo. João não nos *ordena* orar, nem diz que não vamos fazê-lo, mas hesita em garantir respostas a oração por aqueles que deliberadamente se desviaram de Deus. Há uma diferença entre oração por nós mesmos e oração em favor de outros. Quando nossa própria vontade está ao lado de Deus, podemos pedir de acordo com Sua vontade e saber que receberemos resposta às nossas orações. Mas quando há uma terceira pessoa envolvida, precisamos lembrar que ela, também, tem vontade. Se recusar arrepender-se, todas as nossas orações e toda a obra que Deus poderia fazer e levar-nos a fazer não forçará a vontade. Ao recusar-Se a forçar o homem a permanecer bom, Deus também renunciou ao poder de forçar um pecador a arrepender-se.

Isto não significa que não devemos continuar a orar por aqueles que se desviaram do caminho da justiça, ou que nunca se entregaram ao Salvador. Não significa que não haverá muitas conversões surpreendentes como resultado de orações fervorosas e contínuas de corações fiéis. Mas João está mostrando que é inútil orar pelo perdão de um pecador enquanto ele se recusa a arrepender-se de seu pecado. Contudo, enquanto há qualquer base para esperança, devemos continuar a orar, pois não podemos dizer com certeza quando um homem já foi longe demais." – SDA Bible Commentary, vol. VII, págs. 678 e 679.

II. "Verso 16. **Pecado não para morte.** Esta é uma passagem extremamente difícil, e tem sido interpretada de várias maneiras. O que é o *pecado não para morte*, pelo qual devemos pedir, e será dada vida àquele que o cometer? E o que é o *pecado para morte*, pelo qual *não* devemos rogar?

Mencionarei três das principais opiniões sobre este assunto: -

1. Presume-se que haja aqui alusão a uma distinção na lei judaica, onde havia **chattaah lemithah**, "pecado para morte", e **chattaah lo lemithah**, "pecado não para morte," isto é, (1) Um pecado, ou transgressão, para o qual a lei determinara a punição de morte, tal como idolatria, incesto, blasfêmia, quebra do sábadó, e outros semelhantes. E (2) Um pecado não para morte, isto é, transgressões por ignorância, inadvertência, etc., e as que, por sua própria natureza, parecem ser com comparativamente leves e triviais. Que tais distinções de fato existiam na sinagoga judaica tanto Schoeltgen como Carpzovius provaram.

2. Por *pecado não para morte*, pelo qual se podia fazer intercessão, e *para morte*, pelo qual não se podia rogar, devemos entender transgressões da *lei civil* de determinado lugar, das quais algumas devem ser punidas com a *morte*, segundo os *estatutos*, sendo que o crime *não admite perdão*; outras *poderiam* ser punidas com a morte, mas o magistrado tem o poder de comutar a pena, isto é, de mudar a *morte* para *banimento*, etc., por razões que pudessem parecer-lhe satisfatórias, ou pela *intercessão*

de amigos poderosos. Interceder no primeiro caso seria inútil, porque a lei não cederia, portanto não necessitam suplicar por isto; mas a *intercessão no último caso* poderia *surtir efeito*, portanto *podiam suplicar*; caso não o fizessem, a pessoa poderia sofrer a punição de morte.

Esta opinião, que foi promovida por Rosenmüller, insinua que os homens devem sentir as aflições um dos outros, e usar sua influência em favor dos infelizes, sem nunca abandonar os desafortunados a não ser que o caso fosse absolutamente sem esperança.

3. O *pecado não para morte* significa um caso de transgressão, particularmente de grave apostasia da vida e poder da piedade, que Deus determina punir com *morte temporal*, estendendo ao mesmo tempo misericórdia à alma penitente. O *profeta desobediente*, I Reis 13:1-32, é, segundo esta interpretação, um exemplo: muitos outros ocorrem na história da igreja e de todas as comunidades religiosas. O *pecado não para morte* é qualquer pecado que Deus não escolha punir desta forma. Esta opinião sobre o assunto é tomada pelo falecido Rev. J. Wesley, num sermão intitulado Um Chamado aos Apostatados – Works, vol. 2, p. 239.

Não creio que a passagem tenha qualquer coisa a ver com o que é chamado o *pecado contra o Espírito Santo*; muito menos com a doutrina papista do *purgatório*; nem com pecados cometidos *antes* e *depois* do batismo, os primeiros *perdoáveis*, os últimos *imperdoáveis*, segundo alguns dos pais da igreja. Qualquer uma das duas últimas opiniões (a saber 2. e 3.) fazem sentido; e a primeira (1) não é improvável; o apóstolo pode aludir a alguma máxima ou costume na igreja judaica que não é distintamente conhecida agora. Contudo, isto sabemos, que qualquer penitente pode encontrar misericórdia através de Jesus Cristo; pois através dele todo tipo de pecado pode ser perdoado ao homem, exceto o pecado contra o Espírito Santo; que provei que nenhum homem pode cometer agora, Ver o comentário sobre Mat. 12:31,32." – Adão Clarke, *A Commentary and Critical Notes*, vol. VI, págs. 925 e 926.

Pensamentos:

"Só existe uma coisa pior que o pecado, é a perda do senso do pecado." – Papa João Paulo II

"A única coisa com a qual contribuo para a minha salvação é o pecado do qual preciso ser redimido." – Vincent

ALIMENTO DE JOÃO BATISTA

S. Mateus 3:4 - S. Marcos 1:6

No original grego nestas duas passagens encontramos a palavra                                                  

3º) Lexicon of the New Testament, de Arndt and Gingrich: gafanhoto, locusta.

A palavra gafanhoto tem uma projeção bem maior do que pensamos. Basta afirmar que o *Dicionário da Bíblia* de Davis nos informa que segundo os rabinos existem e são classificados 800 variedades de gafanhotos.

O Velho Testamento usa nove diferentes palavras hebraicas para identificar os gafanhotos, porém a mais usada é     .

Na Bíblia e na literatura contemporânea sobre este assunto, a palavra "**acris**" sempre se refere a um inseto – o gafanhoto. Esta circunstância tem levado muitos comentaristas hodiernos a concluir que neste relato sobre João Batista há referência ao inseto.

É também uma realidade inegável, que o gafanhoto tem sido parte da dieta alimentar dos povos do Oriente Médio, desde os tempos antigos.

De acordo com as leis sobre os animais limpos e os imundos do em Levítico capítulo 11 há certas espécies de gafanhotos que são limpos (V. 22), portanto permitidos na dieta de um judeu.

Estes fatos têm levado os comentaristas, em nossos dias, quase que uniformemente à conclusão de que em Mateus e Marcos a palavra "**acris**" deva designar o inseto e não uma espécie de árvore. Mas apesar desta conclusão, desde os tempos primitivos nos foi transmitida uma tradição persistente e enfática de que a palavra "**acris**" significa outras coisas e não o inseto. Dentre estas as que mais têm sido sugeridas são as seguintes: Pequenos pássaros bravios, caranguejos, lagosta, pêra silvestre ou outro fruto, bolos, vagens de alfarrobeira. Muitas destas são meras suposições, mas a que defende alfarrobeira sustenta-se numa evidência lingüística e antropológica.

A alfarrobeira é extensamente cultivada em terras litorâneas do Mar Vermelho e é comum na Palestina ao norte de Hebrom.

As bolotas com as quais o "Filho Pródigo" alimentava os porcos erram as alfarrobas, conforme S. Lucas 15:16.

Há algumas evidências que favorecem a idéia de que os gafanhotos usados por João eram vegetais. É bom ainda saber de evidências seguras indicando que o inseto "gafanhoto" é muito pobre como alimento, portanto incapaz de sustentar uma vida humana.

Entre os primeiros a contestarem a idéia de que a dieta de João Batista incluía gafanhotos = insetos, estiveram os ebionitas, um grupo de judeus, cristãos da Síria, como os essênios eram um tanto ascéticos e advogavam uma dieta vegetariana.

Crêem alguns estudiosos que os ebionitas substituíram em seus manuscritos **acrides** = gafanhotos por **ecrides** – bolos. Esta substituição teria sido feita em harmonia com seus princípios dietéticos.

Em todos os manuscritos bíblicos antigos se encontra "**acrides**".

Os pais da Igreja de origem grega, que tinham melhor conhecimento do uso do grego bíblico não concordavam que "**acris**" em Mateus e Marcos indicasse o inseto.

Muitos consideravam os "**acrides**" dos Evangelhos equivalentes a "**akrodua**" = "frutos" ou às pontas dos ramos de árvores ou ervas.

Em um sermão do ano 400 AD., atribuído erroneamente a Crisóstomo, há a afirmação que João comia frutos da alfarrobeira – **acridas botanôn**. A expressão "**acridas botanôn**" é traduzida para o latim como "**herbarum summitates**", significando as pontas ou brotos das plantas.

Os escritores gregos e seus tradutores latinos entenderam que o termo gafanhoto, usado como alimento por João Batista se referia a um regime vegetariano.

Existe também a palavra autorizada do Espírito de Profecia, explicando a dieta de João Batista:

"A simplicidade de sua vestimenta, uma peça de vestuário tecida de pelos de camelo, era uma reprovação direta à extravagância e pompa dos sacerdotes judaicos, e do povo em geral. Seu regime, puramente vegetariano, composto de gafanhotos e mel silvestre era uma censura à condescendência com o apetite e glotonaria que prevalecia por toda a parte." – *Conselhos Sobre Saúde*, pág. 72.

O *Dicionário da Bíblia* de Davis, na página 25, ao comentar a palavra "*alfarrobas*", assim se expressa:

"Espécie de alimento destinado aos porcos, que o filho pródigo desejava comer, quando se achava em terra estranha, abandonado pelos amigos de outros tempos - Luc. 15:15. A bainha das alfarrobas, *Ceratonia Siliqua*, também se chama bainha de gafanhoto e pão de S. João. É árvore formosa e sempre verde, de nove a dez metros de altura, sem espinhos e com as folhas semelhantes às do freixo. Produz bainhas em grande abundância que, às vezes, atingem a trinta centímetros de comprimento. Depois de maduras servem para sustento do gado e dos porcos, e em tempos de grande fome servem para alimento dos pobres. Da polpa das vagens ou bainhas faz-se um xarope muito apreciado".

NOTA: O autor deste artigo com um grupo de obreiros teve o privilégio, ao visitar as Terras Bíblicas, de ver algumas destas árvores, experimentar o sabor de suas vagens e até trazer algumas para o Brasil.

CONCLUSÃO

Diante das idéias expostas até aqui é fácil chegar a uma conclusão inelutável.

Embora os gafanhotos fossem alimento permitido pela lei levítica; que este inseto era e continua sendo parte da dieta do Oriente Médio, à semelhança do uso dos "içás" em certas regiões do Brasil, e ainda que as pessoas pobres o comiam e comem em tempos de escassez de alimentos; cremos que os gafanhotos que alimentavam João Batista eram vegetais e não os insetos.

A PARÁBOLA DO RICO E LÁZARO

S. Lucas 16:19-31

INTRODUÇÃO

Deus, através do salmista Davi prometeu conduzir-nos às águas tranquilas. Esta água é a água viva, clara e puríssima, oferecida não somente à mulher samaritana, mas a todos aqueles que com ela desejam saciar-se. Há muitos, porém, que abandonam esta límpida fonte para se abeberarem em cisternas rotas, cujas águas têm sido maculadas por idéias espúrias e pelo ceticismo.

Temos que escolher entre a fonte divina, o imenso lago saudável, a Bíblia, e as águas poluídas por idéias espúrias não defensáveis pelo Santo Livro.

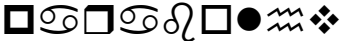
Este trabalho exegético tem como objetivo uma interpretação bíblica da controvertida parábola do Rico e Lázaro, de acordo com os parâmetros divinos, e não com as idéias engendradas em cogitações humanas.

Sendo que o assunto desta parábola é um dos que mais vem à baila, pelos defensores da imortalidade da alma, creio ser oportuno entender corretamente o que Cristo nos quis ensinar.

Sendo o ensino por parábolas, perfeitamente adaptável à mentalidade do povo judeu, Cristo sabiamente o usou, para transmitir as mais sublimes e eternas verdades de maneira simples e natural.

O QUE É UMA PARÁBOLA?

Para a boa compreensão deste assunto é necessário saber o que é e o que não é uma parábola.

A palavra parábola provém do vocábulo grego  – **parabolê**, que literalmente significa, colocar ou atirar ao lado, mas que hoje significa comparação ou ilustração, visando ensinar-nos uma verdade. Em outras palavras, o emprego de circunstâncias comuns do dia-a-dia para ilustrar verdades religiosas.

Laudelino Freire, em seu dicionário, assim a define: "espécie de alegoria que envolve algum preceito de moral". Notemos bem que sé do uma alegoria, não pode ser real ou literal.

PROPÓSITO DAS PARÁBOLAS

Este método foi usado por Jesus, para ser mais fácil através dele fixar na memória uma verdade, do que por outros processos didáticos. Por ser mais eficiente este ensino é que as mais profundas mensagens religiosas foram expressas em linguagem parabólica.

W. G. C. Murdoch, ex-diretor de nosso Seminário na Andrews University escreveu no livro *A Symposium on Biblical Hermeneutics*, pág. 219, o seguinte:

"O propósito da parábola é ensinar por comparação, analogia e ilustração. Jesus, o maior professor, empregou este método com grande sucesso. Ele usou parábolas para expor profundas verdade espirituais. Ele contou histórias da vida real para esclarecer os seus ouvintes sobre o verdadeiro significado da vida. Estas apresentavam lições que explicavam os mistérios do seu reino. Jesus não estava preocupado com a proposição de problemas. O propósito fundamental de suas parábolas era conseguir um compromisso dos seus ouvintes para entrarem neste reino. Por isso é que muitas parábolas são uma exposição do valor do reino do céu. Ele estava mais ansioso para revelar mistérios deste reino do que escondê-los".

INTERPRETAÇÃO DE PARÁBOLAS

No livro já citado, o Professor Murdoch, nos orienta com segurança sobre a interpretação desta figura de estilo:

"Há certos princípios indispensáveis que nos devem guiar na interpretação de parábolas:

"1º) Uma parábola geralmente tem um ponto principal e uma mensagem central a transmitir. Muitas vezes se comete injustiça na interpretação da parábola, quando introduzimos minúcias estranhas à mensagem central da ilustração.

"2º) A parábola deveria ser examinada com uma visão das circunstâncias que determinam sua apresentação. Foi a parábola proferida em resposta a uma pergunta?

Se esse é o caso, qual a natureza da pergunta? Quem estava presente quando a parábola foi apresentada?

"3º) A parábola deve ser compreendida, levando em consideração a sua base histórica, as maneiras, os costumes e a cultura do povo. Por exemplo, se a parábola se refere à agricultura precisamos compreender a agricultura da época, antes de compreendermos completamente a parábola. Ao considerarmos o contexto histórico da parábola, o Velho Testamento e sua terminologia não devem ser negligenciados, pois esta era uma parte real na vida do povo a quem a parábola foi dada.

"4º) As parábolas devem ser estudadas em seu contexto, para determinarmos se o significado da parábola tem sido dado.

5º) "Se uma parábola é usada para moldar o pensamento doutrinário, devemos estar certos de que a nossa interpretação está fundamentada estritamente na interpretação dada pelos escritores inspirados.

"Veja, por exemplo, a parábola do homem rico e Lázaro, muitas vezes mal compreendida e mal interpretada. Esta história é freqüentemente citada para provar o conceito popular da inata imortalidade da alma e dar-nos um lampejo da vida futura. Nessa interpretação, as almas dos bons, supostamente, entram em eterno gozo, ao passo que as dos ímpios entram em eterno castigo. Se essa interpretação fosse literal o abismo entre o céu e o inferno é demasiadamente grande para as pessoas atravessarem, porém, suficientemente pequeno para que pudessem conversar através dele. Na realidade Jesus estava usando aqui um argumento em que Seus ouvintes criam, mas que Ele não endossava". – Páginas 220-221.

O *SDABC*, Vol. V, p. 204 nos apresenta 7 princípios fundamentais na interpretação de parábolas. Dada a sua oportunidade para o assunto em tela, eles também serão aqui transcritos:

"No estudo das parábolas de Jesus é muito importante seguir princípios corretos de interpretação: Estes princípios podem ser brevemente sumariados como seguem:

"1º) Uma parábola é um espelho pelo qual a verdade pode ser vista; não a própria verdade.

"2º) O contexto no qual é dada a parábola – o lugar, as circunstâncias, as pessoas diante de quem ela foi proferida, e o problema em discussão deve ser considerado e utilizado como chave para a interpretação.

"3º) A própria introdução e a conclusão de Cristo à parábola, de modo geral, deixam claro o seu propósito fundamental.

"4º) Cada parábola ilustra um aspecto fundamental de uma verdade espiritual. Os pormenores de uma parábola são significativos apenas como contribuição para o esclarecimento de um ponto particular da verdade.

"5º) Antes que o significado da parábola, no campo espiritual, possa ser compreendido, é necessário ter um quadro claro da situação na parábola, nos termos dos costumes orientais, peculiares de pensamento e expressão. As parábolas são vívidos quadros verbais que devem ser vistos, assim como foram faladas, a fim de que possam ser compreendidos.

"6º) Em virtude do fato fundamental, de que uma parábola é dada para ilustrar a verdade, e comumente uma verdade particular, doutrina alguma pode ser baseada em detalhes incidentais de uma parábola.

7º) A parábola, no seu todo ou em parte, deve ser interpretada nos termos da verdade que se deseja ensinar, como exposta em linguagem literal no contexto imediato e noutros lugares da Escritura".

John Davis, no *Dicionário da Bíblia*, p. 444, escreveu: "A interpretação das parábolas exige um estudo cuidadoso das circunstâncias em que foram proferidas e da doutrina, ou argumentos que elas tinham em vista".

Para nossa melhor compreensão neste assunto, as palavras de A. Almeida, encontrada no livro *Manual de Hermenêutica Sagrada*, p. 76, são oportunas:

"É princípio geral de interpretação que a nenhum texto se pode dar um sentido contrário ao ensinamento geral e claro das Escrituras, sobre o mesmo assunto. Os passos mais obscuros interpretam-se pelos mais claros; a linguagem simbólica ou metafórica se esclarece pelo ensino explícito do mesmo assunto em linguagem literal".

É ESTE RELATO UMA PARÁBOLA?

Os estudiosos estão divididos neste assunto, uns acentuando como fato histórico e outros como parábola. Os adventistas consideram-na parábola e estão bem assessorados, desde que a maioria pensa desta maneira.

Bloomfield declarou com segurança: "Os melhores comentadores, tanto antigos, como modernos, com razão consideram-na uma parábola".

O *SDABC*, Vol. V, p. 831 menciona o fato de que o antigo manuscrito (D) a chama de parábola.

"Muitos têm afirmado que este relato de Cristo não é uma parábola, pelo fato de ele não ter mencionado como tal. Esta declaração é improcedente, desde que há outras parábolas, aceitas como parábolas, sem que Jesus as mencionasse como pertencendo a este gênero literário (Luc. 15:8 e11; 16:1)."

A PARÁBOLA DO RICO E LÁZARO E SUA INTERPRETAÇÃO

Esta parábola foi relatada apenas pelo evangelista Lucas, em seu Evangelho: **Lucas 16:19 a 31**.

Dentre as parábolas relatadas por Cristo nenhuma tem sido tão mal interpretada e compreendida como a do Rico e Lázaro. Há muitos que a ela se apegam para provar uma doutrina contrária ao contexto geral da Bíblia – a imortalidade da alma.

Sendo que o ministério público de Jesus estava chegando ao seu término, ele lançou, motivado pelo amor, os últimos apelos aos publicanos e pecadores para que todos aceitassem a salvação que lhes estava sendo oferecida.

Os escribas e fariseus O criticavam por sua atitude (Luc. 15:2). Nestas circunstâncias, Cristo relata uma série de parábolas culminando com a do Rico e Lázaro. A primeira delas é a da ovelha perdida, segue-se a da moeda perdida, depois a do Filho Pródigo e então do administrador infiel.

O ponto culminante das três primeiras parábolas é o mesmo – a grande alegria pela recuperação do que se havia perdido.

Com o propósito de impressionar aquelas pessoas, o Mestre narra a parábola do mordomo infiel, cuja atitude astuciosa, fraudulenta e sagaz é condenada pelo Mestre. Mesmo reprovando o procedimento deste homem, dele Cristo tira uma útil lição. Jesus aprovou a sabedoria com que ele agiu, mas não o seu método. Cristo jamais aprovaria a desonestidade, pois se chegássemos a esta conclusão, esta seria absurda, porque o objetivo da parábola não é este.

O objetivo da parábola é claro em Lucas 16:8. "Até mesmo o ímpio toma providências para seu futuro terrestre; quanto mais importante é que o filho de Deus tome em conta a vida por vir, os filhos do mundo são mais hábeis na sua própria geração do que os filhos da luz".

Completando a lição dada pela parábola deste mordomo, Cristo lhes relata outra relacionada com a necessidade de se estar preparado para o dia da morte, esta é a do Rico e Lázaro. Ela foi dada por causa dos fariseus, que eram avarentos, e não faziam provisão para o futuro, isto é, para a vida eterna (Luc. 16:14). Pelo fato da vida deles se centralizar no dinheiro, Cristo queria mostrar-lhes o que acontece ao homem quando ele não se prepara para a vida eterna.

Jesus não estava discutindo o estado do homem na morte, nem tão pouco o tempo em que o galardão lhe seria dado. Ele apenas estava fazendo uma clara distinção entre esta vida e a próxima.

PODE UMA PARÁBOLA SER AO MESMO TEMPO LITERAL E FIGURADA?

A resposta a esta pergunta é retirada do livro, editado pelos adventistas: *Questions on Doctrine*. Do relato merece destaque esta parte:

"Admitem todos que a história tem que ser fato literal, acontecimento real, ou é simples parábola. Não pode ser ambas as coisas. Se literal tem de ser verdadeira e coerente em todos os pormenores. Se, porém, é parábola, então, só poderemos nela buscar a verdade moral, que se quer transmitir. E a história seria então sujeita às reconhecidas leis e limitações de uma parábola. Assim, tudo é compreensível. Como vemos, é nitidamente incoerente a aplicação literal, e cai ao peso de seu próprio absurdo. Cristo não está aqui revelando pormenores da vida além-túmulo. Antes emprega uma impressionante história daqueles tempos para advertir e reprovos os que recusavam aceitar Seus ensinos quanto ao correto uso das riquezas" – Pág. 554.

Nesta parábola se encontra a figura literária denominada **prosopopéia**, por intermédio da qual damos ação, movimento ou voz às coisas inanimadas e que faz falar as pessoas ausentes e até os mortos.

Se este relato fosse literal teríamos que admitir estes absurdos:

Se são almas desencarnadas como explicar que têm dedos e língua? Se tinham dedos e língua deviam também ter mãos, cabeça. Se falavam e ouviam tinham os órgãos da fala e os auditivos. Se possuíam as partes do corpo então não eram almas.

O relato declara que eles estavam na sepultura (v. 22), logo não podiam estar no céu e no inferno.

Se não eram almas e não eram corpos, se haviam morrido e foram sepultados e estavam conversando, só o poderiam fazer em alegoria, como as árvores de Juízes 9, onde lemos: "Foram uma vez as árvores a ungir para si um rei; e disseram..." (Juí. 9:8-15).

Todos se convencem diante deste relato, que há aqui uma figura e não fatos reais.

POR QUE NÃO ACEITAMOS ESTA PARÁBOLA COMO UMA DESCRIÇÃO REAL?

As declarações bíblicas são bastante convincentes em nos mostrarem que os mortos, quer justos, quer ímpios descansam inconscientes na sepultura até o dia da ressurreição. Destacam-se: Jó 14:12-15, 20 e 21; 17:13; Sal. 6:5; 115:17; Ecles. 9:5, 6; Isa. 38:18.

Em S. Mateus 25:31-41 o próprio Cristo nos indica o tempo em que os justos serão recompensados e os ímpios castigados: "E quando o Filho do homem vier em Sua glória Ele dirá aos que estiverem à Sua direita: Vinde benditos de Meu Pai, possui por herança o reino... e aos que estiverem à Sua esquerda: Apartai-vos de Mim, malditos, para o fogo eterno."

A interpretação literal da parábola dá a recompensa ao rico e a Lázaro no dia da morte, porém, os declarações bíblicas são estas:

"Eis que cedo venho, e o meu galardão está comigo, para dar a cada um segundo a Sua obra". Apoc. 22:12.

"Recompensado te será na ressurreição dos justos". Luc. 14:14.

Sendo uma alegoria, os personagens não podem ser reais, por isso cremos, que nem o rico nem Lázaro existiram. Se a declaração fosse real, nela não haveria idéias pagas, conceitos da tradição talmúdica e metáforas judaicas.

A Bíblia não descreve um céu onde os justos são vistos pelos ímpios e nem um inferno de onde os perversos contemplam os justos e com eles mantêm conversação. No além não haverá lembranças das ações desta vida: "Não haverá lembranças das coisas passadas, nem mais se recordarão". Isa. 65:17.

QUE LIÇÕES NOS ENSINAM ESTA PARÁBOLA?

1ª) A primeira e grande lição que ela nos ensina é esta: Nesta vida temos a única oportunidade de preparar-nos para a vida do além.

O ensino bíblico é de uma clareza meridiana em nos esclarecer de que não haverá segunda oportunidade para ninguém após a morte. Quando esta vier, tudo estará definido. Ninguém poderá passar para o outro lado. É nesta vida que formamos o caráter que nos qualificará para a vida por vir.

O comentarista Plummer declara:

"Não há na parábola o propósito de dar informações acerca do mundo invisível. Nela é mantida a idéia geral de que a glória e miséria depois da morte são determinadas pelo procedimento do homem antes da morte."

2ª) A segunda destacada lição pode ser assim sintetizada: Os judeus criam ser a riqueza um sinal da bênção de Deus e pobreza indício do seu desagrado. Cristo lhes mostrou que este conceito era errado. A Bíblia nos ensina que os ricos têm a obrigação de gastar o seu dinheiro, não de acordo com os ditames de sua consciência, mas de conformidade com o desprendimento ensinado por Cristo. A parábola ensina a lição: os ricos avarentos não herdarão a vida eterna.

Cumpra ter bem em mente que o rico da parábola não foi condenado por ser rico, mas por ser egoísta. O mendigo também não foi salvo por ser pobre ou por causa dos seus sofrimentos.

3ª) A parábola não visa revelar-nos o que acontece após a morte, mas enfatizar mais uma vez que as revelações dadas por Deus na Sua Palavra são suficientes para nos conduzir à salvação. Quando o rico pediu que Lázaro fosse enviado à Terra para advertir outros acerca do inferno, Abraão lhe respondeu: "Eles têm Moisés e os Profetas; ouçam-nos."

O relato prossegue: "Se não ouvem a Moisés e aos Profetas, tão pouco se deixarão persuadir, ainda que ressuscite alguém dentre os mortos. (Luc. 16:29 e 31).

Cristo com esta declaração estabeleceu uma dupla salvaguarda:

- a) Moisés e os Profetas seriam os guias seguros para os vivos, concernentes ao seu destino, após a morte.
- b) Ensinou-nos ainda que a única maneira de alguém voltar dentre os mortos é através da ressurreição.

Antes de concluirmos este comentário não seria demais lembrar uma declaração unânime de teólogos e comentaristas: Jamais poderemos alicerçar doutrinas bíblicas numa parábola ou alegoria.

CONCLUSÃO

Dentre os princípios de interpretação da Bíblia, o mais preeminente é este: *É necessário permitir que a Escritura explique a Escritura.* Ou, expressando-nos de outra maneira: *É preciso deixar que a Bíblia interprete a si mesma.* Observando este princípio muitas explicações erradas seriam evitadas e problemas bíblicos aparentemente insolúveis seriam superados. Este princípio foi a mola propulsora que nos guiou neste estudo exegético.

Esta parábola não pode contradizer os claros ensinamentos das Sagradas Escrituras concernentes ao castigo final e à destruição dos ímpios.

Outra verdade que não deve ser esquecida é esta: A Bíblia declara que todos teremos de enfrentar um juízo final, quando o nosso futuro não poderá ser alterado. Agora é o tempo em que devemos assegurar a nossa salvação.

ESTUDO SOBRE O SALMO 119

Não sabemos quem escreveu este salmo, embora os estudiosos insistam que seja Davi.

É de nosso conhecimento que aparecem mencionados na coleção dos salmos sete autores, destacando-se inegavelmente a figura ímpar de Davi, com 73 salmos, ou sejam os de número 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 68, 69, 70, 86, 101, 103, 108, 109, 110, 122, 124, 131, 133, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145.

Doze salmos foram escritos por Asafe: 50, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83.

Nove salmos têm como autores os filhos de Coré: 42, 44, 45, 47, 48, 49, 84, 85, 87.

Dois pertencem ao rei Salomão: 72, 127.

Heman – o Esraíta compôs o salmo 88.

Etã – o Esraíta aparece como autor do salmo 89.

Moisés, o homem de Deus, redigiu o de número 90.

Se os autores aqui arrolados são responsáveis por 99 salmos é evidente que 51 são anônimos.

O Salmo 119 é classificado juntamente com mais 8, os de número 9, 10, 25, 34, 37, 96, 111, 112 como acróstico.

Classificação um tanto imprópria, desde que o vocábulo significa: composição poética na qual o conjunto das letras iniciais dos versos compõe verticalmente uma palavra ou frase.

Este salmo consiste de 22 grupos de oito versos. Os oito versos de cada grupo começam com uma das letras do alfabeto hebraico, isto é, os primeiros oito versos começam com a letra alefe; os oito do segundo grupo, com a letra Bete e assim sucessivamente até o Tau.

Sendo que o número de palavras freqüentemente repetidas no salmo 119 têm sido diversamente enumeradas pelos comentaristas, o caminho mais seguro é apresentá-las de acordo com a autoridade da Massora. Uma anotação no verso 122 diz o seguinte: através de todo o salmo alfabético (119) há em cada verso uma das seguintes 10 expressões, com exceção do 122.

- | | |
|--------------|--------------|
| 1 - Dereb | = caminho |
| 2 - Eduth | = testemunho |
| 3 - Pikkudim | = preceitos |

4 - Mizvah	= mandamentos
5 - Imrah	= dito, promessa, palavra
6 - Torah	= lei
7 - Mishpat	= juízos
8 - Zedeb, Zadib	= justiça
9 - Hukab	= estatutos
10 - Dabar	= palavras.

A seguinte lista inclui o número de vezes que estas dez palavras ocorrem no salmo 119, juntamente com a primeira ocorrência bíblica de cada uma delas.

I – Caminho (dereb) de dareb - seguir com os pés, denotando o ato de caminhar.

A primeira ocorrência se encontra em Gên. 3:24 - Deus colocou o refulgir de uma espada para guardar o caminho da árvore da vida.

Aparece neste salmo 13 vezes.

II – Testemunho (eduth). Derivado de ud = voltar outra vez, passar novamente, renovar. Gênesis 21:30 é a primeira passagem bíblica que a emprega. "Respondeu Abraão: Receberás de minhas mãos as sete cordeiras, para que me sirvam de testemunho de que eu cavei este poço."

Foi usada neste salmo 23 vezes.

III – Preceitos (pikkudim). É derivada de pakad: aceitar, mudar.

Apenas os salmistas a empregaram, sendo a primeira no Salmo 19:8 - "Os preceitos do Senhor são retos e alegram o coração."

O autor do Salmo 119 a empregou 21 vezes.

IV – Mandamentos (mizvah), procedente de Zavah - levantar, erguer, constituir. Daí o sentido de mandamentos constitucionais.

Aparece 22 vezes neste salmo e sua primeira incidência está em Gênesis 26:5 - "Porque Abraão obedeceu à minha palavra, e guardou os meus mandamentos".

V – Promessa (imrah) - do verbo amar - trazer à luz, dizer. Significa palavra, mas não com o mesmo sentido de dabar, que se refere à sua pronúncia articulada. Quem primeiro a empregou foi Moisés em Gênesis 4:23 - "E disse Lameque ... escutai o que passo a dizer-vos."

Aparece no salmo em estudo 19 vezes.

VI – Lei (torah) - palavra derivada de yarah projetar, planejar, mostrar. Daí instruir, ensinar. A torah contém as instruções de Deus a seu povo, apontando-lhes o seu caminho.

A primeira ocorrência está em Gên. 26:5 Abraão guardou as minhas leis.

No salmo 119 aparece 25 vezes, sempre no singular.

VII - Juízos (mishpat), de shaphat - estabelecer direito, instituir. Mishpat significa o que deve ser observado.

Empregada pela primeira vez para descrever o procedimento de Abraão: "Porque eu o escolhi para que ordene a seus filhos e a sua casa depois dele, a fim de que guardem o caminho do Senhor, e pratiquem a justiça e o juízo." Gên. 18:19.

No salmo 119 aparece 23 vezes.

VIII – Justiça (zedeb), de zadab - ser reto, direito, justo. Pela comparação da primeira ocorrência em Levítico 19:15, com a segunda (Lev. 19:36) deduzimos que a palavra tem referência especial a equilibrar igualmente. É do conhecimento de todos que a balança é o símbolo da justiça.

O salmista a emprega 15 vezes neste salmo.

IX – Estatuto (hukka), de hakab - imprimir, decretar, ordenar. Primeira ocorrência está em Gên. 26:5 - "Abraão guardou os meus preceitos (estatutos).

No salmo 119 ocorre 22 vezes.

X – Palavras (dabar) - arranjar em uma fila, daí relatar no falar. Refere-se à forma articulada do que é dito, quer falando ou escrevendo.

Foi usada pela primeira vez em Gên. 11:1 - "Ora em toda a terra havia uma linguagem e uma só maneira de falar (de usar as palavras)."

No Salmo 119 aparece 24 vezes.

O FOGO ETERNO DE MATEUS 25:41

Para boa compreensão do problema é preciso estudar bem o substantivo grego $\alpha\iota\omicron\nu$ – **aion** e o adjetivo $\alpha\iota\omicron\nu\iota\omicron\varsigma$ – **aiônios**, já que o nosso adjetivo eterno foi traduzido do grego **aiônios**.

QUAL O SIGNIFICADO DESTAS PALAVRAS NO GREGO CLÁSSICO?

Kittel em seu alentado *Theological Dictionary of the New Testament*, menciona pelo menos cinco:

- 1) Força vital ou vida;
- 2) Tempo de vida;
- 3) Época ou geração;
- 4) Espaço de tempo ou tempo, referindo-se ao passado ou futuro;
- 5) Eternidade.

William Barclay em *New Testament Words*, diz que no grego clássico a palavra tem três significados:

- 1) Indica o tempo de vida. Por isso Heródoto pode falar do nosso **aion**, bem como privar um homem do seu **aion**.
- 2) Depois veio a significar século, uma geração, ou uma época.
- 3) Posteriormente veio a significar um longo espaço de tempo.

Aristóteles diz: "O período que inclui o tempo todo da vida de cada pessoa é chamada o **aion** de cada um".

O SDABC tecendo considerações sobre Mat. 25:41 faz referências a fontes extrabíblicas declarando: "Antigos papiros contêm inúmeros exemplos de imperadores romanos descritos como **aiônios**. Eram imperadores por toda a vida. Ilustra com Tibério César, cujo **aiônios** durou 23 anos, o tempo decorrido desde sua ascensão até a sua morte."

AIÔNIOS NA BÍBLIA

O *Analytical Greek Lexicon* apresenta os seguintes significados para **aion**: um período de tempo de caráter significativo; vida; uma época; estado de coisas marcando uma época ou era; a presente ordem da natureza; a natural condição do homem; o mundo.

W. E. Vine, *An Expository Dictionary of the New Testament Words*, define:

aion: uma época, uma era... significa um período de indefinida duração.

aiônios: descreve duração indefinida, porém não eterna ou infindável, como em Rom. 16:25; II Tim. 1:9; Tito 1:2.

Vincent, em sua memorável obra: *Word Studies in the New Testament*, vol. IV, págs. 58 a 62, em notas adicionais a II Tess. 1:9 se estende quase que exaustivamente

sobre o substantivo     – **aion** e o adjetivo       – **aiônios**, cuja essência aqui se encontra:

Aion é um período de tempo de mais longa ou curta duração, tendo um início e um fim, e completo em si mesmo... freqüentemente significa a vida de um homem ... não é, contudo, limitado à vida humana; significa também algum período no transcorrer dos acontecimentos...

Atente bem para esta frase: "A duração do **aion** depende do assunto ao qual está ligado".

"A palavra sempre carrega a noção de tempo e não de eternidade.

"O adjetivo **aiônios**, de modo idêntico transmite a idéia de tempo. Nem o nome, nem o adjetivo, em si mesmos, transmitem o sentido de perpétuo ou sem fim. Eles podem adquirir aquele sentido pela sua conotação..."

"Ambos, o nome e o adjetivo são aplicados a períodos limitados. Assim a frase – **eis ton aiona** – habitualmente traduzida por *para sempre* – é muitas vezes, usada para a duração que está limitada à própria natureza do caso. Cita como exemplos, entre outras, as seguintes passagens: Êxo. 21:6; Jos. 14:9; Mat. 21:19; I Tess. 3:8; I Cor. 8:13. A mesma coisa é verdade para **aiônios**: Gên. 48:4; Núm. 10:8; Heb. 13:6."

Muito significativas são ainda as palavras de Barclay: "Porém, conquanto **aiônios** seja usada para descrever as maiores bênçãos da vida cristã é também usada para descrever as maiores ameaças da vida cristã.

- 1) É usada para descrever o fogo da punição (Mat. 18:8; 25:41 e Judas 7);
- 2) Para descrever a própria punição (Mat. 25:46);
- 3) Para descrever o juízo (Heb. 6: 2);
- 4) Para descrever a destruição (I Tess. 1:9)".

DOUTRINAS ENVOLVIDAS COM A PALAVRA AIÔNIOS

Três doutrinas fundamentais estão envolvidas com esta palavra, daí a sua profunda significação para nós.

O posicionamento adventista sobre estas três doutrinas estão contidas no *Manual da Igreja*, págs. 34 e 35, onde lemos:

1ª) A Mortalidade do Homem.

Cremos "que Deus, unicamente, possui imortalidade. O homem é mortal; possui natureza inerentemente pecaminosa e sujeita à morte. A vida eterna é o dom de Deus através da fé em Cristo. Rom. 6:23. 'Aquele que tem o Filho tem a vida.' I João 5:12. A imortalidade é concedida aos justos por ocasião do segundo advento de Cristo, quando os justos mortos são erguidos dos túmulos e os justos vivos transladados para encontrar o Senhor, será então que os considerados fiéis serão revestidos de imortalidade (I Cor. 15:51-55)".

2ª) Estado do Homem na Morte.

Cremos que "é de inconsciência. Que todos os homens, tanto bons como maus, permanecem no túmulo desde a morte até a ressurreição (Ecl. 9:5-6; Sal. 146:3-4 e João 5:28-29)".

3ª) O Castigo dos Pecadores.

Creemos que "os que até o fim forem impenitentes, inclusive Satanás, o autor do pecado, pelos fogos do último dia, serão reduzidos ao estado de não existência (aniquilamento). Tornando-se como se não houvessem sido, sendo assim o universo de Deus purificado do pecado e pecadores. (Rom. 6:23; Mal. 4:1-3; Apoc.20:9 e 10 e Obadias 16".

Embora estes três aspectos estejam envolvidos com a palavra **aiônios** esta pesquisa se prende mais ao terceiro deles: o castigo dos pescadores.

É fato bastante conhecido que as Denominações Protestantes se colocam numa posição oposta à nossa por defenderem que a Bíblia ensina que os ímpios queimarão eternamente, crença esta advinda da compreensão diferente da palavra **aiônios**. Em outras palavras, a maioria das corporações cristãs, crendo ser a alma imortal, ensina que o castigo dos ímpios será consciente tormento no inferno, por toda a eternidade.

Eles nos perguntam: Que razões bíblicas têm os senhores para crerem que os ímpios não sofrerão castigo consciente através da eternidade?

Antes de respondermos a esta objeção apresentemos mais duas, para depois provarmos pela Bíblia as firmes razões, da nossa crença.

1ª) Egídio Gióia em seu livro *Notas e Comentários à Harmonia dos Evangelhos*, falando do fogo eterno, diz: "Mas o fogo eterno do inferno de que Jesus fala não é um fogo material, e sim um fogo muitíssimo pior: é fogo que queima a alma, e alma é indestrutível, porque é imortal".

2ª) Valter R. Martin no livro *The Truth About Seventh Day Adventism*, capítulo sétimo, págs. 117 a 139 discute longamente a nossa crença e a deles (pois é batista) querendo provar que a alma é imortal e que os descrentes serão atormentados eternamente no inferno.

De todas as suas declarações ele destaca quatro incidentes bíblicos para provar que a alma é consciente após a morte: a morte de Estêvão, as palavras de Jesus ao ladrão, a presença de Moisés no Monte da Transfiguração e a experiência de Saul em En-Dor.

Sentencia ainda que a alma humana possui existência interminável e que Deus concedeu a todos os homens, independente do caráter deles, almas que Ele nunca reduzirá à inexistência. Não cremos dessa maneira porque a Bíblia não afirma isto.

Declara que os versos 41 e 46 de S. Mateus 25 constituem um dilema para os adventistas, pois se cremos que o castigo dos ímpios é de duração limitada, temos que forçar as leis da gramática para afirmarem que a recompensa dos santos também é de duração limitada.

Os dois textos bíblicos apresentados por ele como ensinando o castigo eterno são: Isaías 66:24 e II Tess. 1:8 e 9. (ver refutação a estes argumentos no *Ministério Adventista* – Julho e Agosto de 1965, págs. 10 a 14).

Estas objeções são suficientes para crermos que:

1º) Diferimos dos cristãos em geral, neste aspecto do pensamento;

2º) Estas doutrinas são muito controvertidas.

RESPOSTAS ÀS OBJEÇÕES

- 1) Seguem-se as razões bíblicas para a nossa crença sobre o castigo dos ímpios.
- 2) Estas respostas são retiradas e algumas sintetizadas do livro *Questions on Doctrine*, publicação da Review and Herald.

Em primeiro lugar é relevante salientar que a eterna bem-aventurança para os justos, e o castigo eterno para os ímpios são claramente ensinados nas Escrituras. É perfeitamente razoável e eqüitativo, e estão em harmonia tanto com o amor como com a justiça de Deus, que Ele recompense o Seu povo com a vida eterna, e dê justa retribuição aos ímpios por suas más obras.

O CASTIGO ESTÁ NO FUTURO, NÃO SE PROCESSANDO AGORA

"Crê-se, geralmente, que por ocasião da morte os justos vão diretamente para o céu, e os ímpios prontamente para o inferno, onde são punidos..."

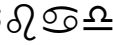
"Nem os anjos maus nem os homens estão agora recebendo a punição final por suas transgressões. Essa punição está ainda no futuro. Quando Jesus andou na Terra, um dia os demônios lhe perguntaram: 'Vieste aqui, atormentar-nos antes do tempo?' (Mat. 8:29). Os anjos maus são 'reservados para o juízo' (I Ped. 2:4), ou seja 'até o juízo daquele grande dia' (Judas 6). Acerca dos ímpios, lemos que Deus os reserva 'para o dia do juízo para serem castigados' (II Ped. 2:9)".

O QUE CONSTITUI O CASTIGO DOS ÍMPIOS

A única fonte de informação sobre este magno assunto é a Palavra de Deus e não escritos extrabíblicos, a menos que estes se harmonizem com as Escrituras. Assim sendo, notemos, pois, algumas expressões usadas pelo Senhor acerca deste assunto. Lemos que serão castigados, como final penalidade de suas transgressões, e por haverem rejeitado o Filho de Deus.

1. Os Ímpios Morrerão. Em mais de uma ocasião diz-nos que "a alma que pecar essa morrerá" (Ezeq. 18:4) ... "O salário do pecado é a morte" (Rom. 6:23). E neste verso traça-se um contraste notável. É prometida aos justos a vida; aos ímpios a morte.

2. Os Ímpios Serão Desarraigados: Este pensamento é acentuado repetidamente, em especial no Antigo Testamento. O salmista olhando ao futuro, para o tempo em que pecado havia de ser abolido, declara: "os malfeitores serão desarraigados" (Sal. 37:9); e outra vez: "(...) quando os ímpios forem de desarraigados (v. 34). A palavra desarraigado, ou exterminado em geral é , no Hebraico. É palavra forte, várias vezes traduzida por "fazer perecer" como em Ezequiel 28:16.

3. Os Ímpios Perecerão. Esta expressão é usada repetidamente em relação com a destruição das hostes ímpias. A palavra "perecer" é traduzida do hebraico , e quer dizer "desarraigar" ou "exterminar". Será observada nos textos seguintes: "os ímpios perecerão" (Sal. 37:20).

4. Os Ímpios Serão Queimados.

Esta é também uma expressão forte, empregada em muitas ocasiões. Malaquias se refere ao dia em que os ímpios hão de ser queimados (Mat. 4:1). Mateus fala em serem atados em molhos para queimar" (Mat. 13:30), e menciona também que "o joio é colhido e queimado no fogo" (v. 40). Pedro declara que a "Terra, e as obras que nela há, se queimarão" (II Ped. 3:10). Lemos ser o destino final dos injustos o "lago de fogo" (Apoc. 20:15), e a isto o revelador chama "a segunda morte" (Apoc. 21:8).

5. Os Ímpios Serão Destruídos.

Este pensamento ocorre em vários exemplos. "Todos os ímpios serão destruídos" (Sal. 145:20). Anjos maus um dia declararam, na presença de Jesus: "Vieste destruir-nos?" (Mar. 1:24). Outra vez: Os que não obedecem "padecerão eterna perdição" (II Tess. 1:9); e o próprio diabo, que introduziu em nosso belo mundo a iniquidade, será destruído (Heb. 2:14).

Parece que algumas das expressões mais fortes são usadas pelos autores sagrados para acentuar a sorte dos ímpios. Eles não só queimarão (**kaio** no grego) (Apoc. 19:20; 21:8), mas serão consumidos pelo fogo (**katakio** - II Ped. 3:10; Mat. 3:12). Não só serão destruídos (**apollimi** - Mat. 21:41; Mar. 1:24), mas são completamente destruídos (**exolothreo** - Atos 3:23). Eles não somente serão destruídos (◈◈◈◈ - Sal.104:35) e serão aniquilados (&◈●◈ - Sal. 37:20), mas serão totalmente consumidos (**apollimi** - Sal. 73:19).

FIGURAS E SÍMILES QUE ILUSTRAM A SORTE DOS ÍMPIOS

A principal talvez seja a destruição de Sodoma e Gomorra.

A Bíblia declara que o fogo destruiu as cidades e consumiu a todos (Gên. 19:29 – Luc. 17:29). O castigo aplicado a Sodoma e Gomorra não foi de longa duração, pois lemos que a subversão foi "num momento" (Lam. 4:6). Pedro diz que eles foram reduzidos "a cinza" (I Ped. 2: 6). Judas 7 declara que elas "são postas para figura do fogo eterno". Não significa um fogo a arder eternamente, porque elas não ardem mais hoje. O fogo foi de resultados eternos. (*Questions on Doctrine*, págs. 536-539).

O SENTIDO DO TERMO ETERNO

Os que defendem o castigo eterno argumentam assim: Se "vida eterna" se refere para todo o sempre, não será o "castigo eterno" da mesma duração, já que se usa a mesma palavra grega, em ambos os casos?

A resposta é afirmativa – sim será eterno, à semelhança da vida que os remidas terão.

NOTEM BEM: Não duração eterna de sofrimento consciente, mas castigo completo e final. O fim dos que assim sofrem é a segunda morte. Esta morte será eterna, e dela não poderá haver ressurreição.

Que será assim torna-se muito claro da palavra "eterno" em outros casos. Lê-se de uma redenção eterna (Heb. 9:12), e de um juízo eterno (Heb. 6:2). Estas afirmações não significam que a redenção se processe através de toda a eternidade, ou que o juízo

seja uma obra interminável. Não! A obra da redenção é completa e eterna. em seus resultados. O mesmo pode ser afirmado quanto ao juízo. Idêntico princípio aplica-se ao "fogo eterno" e ao "tormento eterno".

O *SDABC* esclarecendo o significado de "**aiônios**" em Mateus 25: 41 afirma:

"No Novo Testamento a palavra **aiônios** é usada para descrever tanto o destino dos ímpios como o futuro estado dos justos. Seguindo o princípio declarado acima, de que a qualidade durativa de **aiônios** deve ser determinada pela pessoa ou coisa a qual a termo é usado, vemos que a recompensa dos justos é a vida que não tem fim (João 3:16 e Rom. 6:23). Em João 3:16 o termo vida eterna está contrastando com o termo pereça. Em II Tess. 1:9 é dito que os ímpios "sofrerão penalidade de eterna destruição". A expressão não significa um processo que perdura para sempre, mas sim que os resultados são permanentes".

O *Comentário Adventista* conclui com propriedade: "Que o fogo seja eterno, **aiônios** isto não significa que seja de duração interminável. Isto é claro de Judas 7. Significa que não se extinguirá até que tenha queimado os últimos vestígios de pecado e pecadores".

Com bastante propriedade, o *Novo Comentário da Bíblia* (Edições Vida Nova – em Português) assim se expressa em relação ao fogo que nunca se apagará: "Aquele fogo queimará até ao fim, até que cumpra todo o seu propósito".

AIÔNIOS NO VELHO TESTAMENTO

No velho Testamento a palavra hebraica correspondente a **aiônios** □●☞○, é, muitas vezes traduzida pela palavra *eterno* ou pela expressão *para sempre*, tendo, naturalmente, outros significados.

Pois bem, qual é o sentido de □●☞○ nos textos bíblicos? Significa "que nunca tem fim?" Ou o seu sentido, a exemplo de **aiônios**, depende do objeto que ele modifica?

Que dizem os estudiosos? O que comprovam os textos sagrados?

Poucos exemplos são suficientes para nos elucidarem.

1º) Em Êxodo 21:6 há a declaração de que o escravo serviria o seu senhor para sempre – □●☞○. O tempo do □●☞○ é determinado pela natureza da pessoa, coisa ou circunstância ao qual é aplicado. Quando aplicado a Deus é eterno (Gen. 21:33) porque Deus não tem início nem fim.

2º) Jonas esteve no ventre do peixe "para sempre" (Jonas 2:6). Para sempre aqui foram somente três dias.

3º) II Reis 5:27 afirma: "a lepra de Naamã se apegará a ti e a tua semente para sempre" – □●☞○.

O douto comentarista Adão Clarke assim declara desta passagem: "A expressão para sempre quer dizer pelo tempo em que existisse qualquer membro de sua posteridade. Este é o sentido da palavra ●ℳ □●☞○. Abrange toda a extensão da duração do objeto ao qual se aplica. O para sempre de Geazi estendeu-se até o tempo de extinguir-se sua posteridade".

RAZÕES PARA A REJEIÇÃO DO TORMENTO ETERNO

Rejeitamos a doutrina do tormento eterno pelas seguintes 5 razões principais, expostas em *Questions on Doctrine*, p. 543:

1ª) Porque a vida eterna é dom de Deus (Rom. 6:23). Os ímpios não a possuem – eles não verão a vida (João 3:36); "nenhum homicida tem permanente nele a vida eterna". (I João 3:15).

2ª) Porque o tormento eterno perpetuaria e imortalizaria o pecado, o sofrimento e a miséria, contradizendo, cremos, a revelação divina, que prevê o tempo em que estas coisas não existirão mais (Apoc. 21:4).

3ª) Porque nos parece que provê um lugar maculado no Universo de Deus, por toda a eternidade, indicando ser impossível ao próprio Deus, aboli-lo.

4ª) Porque a nosso ver, apoucaria o atributo de amor visto no caráter de Deus, e implica no conceito do ódio que jamais se aplaca.

5ª) Porque as Escrituras ensinam que a obra expiatória de Cristo é "aniquilar o pecado" (Heb. 9:26) – primeiro do indivíduo, e afinal do Universo. O usufruto pleno da obra sacrificial e expiatória de Cristo se verificara não só num povo redimido, mas também num céu e Terra restaurados (Efés. 1:14).

A PENA INSPIRADA E O TORMENTO ETERNO

O Espírito de Profecia declara:

- 1) O caráter de Deus é mal representado por esta doutrina. – *Primeiros Escritos*, pp. 218-220; *O Grande Conflito*, pp. 534-537.
- 2) É falsa doutrina. *Evangelismo*, p. 365; *Testemunhos para Ministros*, p. 61.
- 3) É **heresia** *O Grande Conflito*, págs. 58, 536.
- 4) É oposta aos ensinamentos da Bíblia. *O Grande Conflito*, pág. 545.
- 5) Origem da doutrina: é originada por Satanás. *Conselhos aos Professores, Pais e Estudantes*, págs. 27-28; *Fundamentos da Educação Cristã*, 176; *Primeiros Escritos*, págs. 218-219.
- 6) Esta doutrina faz parte do vinho de Babilônia. *O Grande Conflito*, p. 536.
- 7) É doutrina repugnante. *O Grande Conflito*, págs. 536 e 537.
- 8) Nenhuma alma sofrerá eternamente. *O Grande Conflito*, pp. 544-545.

Em síntese poderemos dizer: O castigo será de acordo com as obras de cada um, em outras palavras, será administrado de acordo com "graus" de gravidade. A leitura de Mat. 23:14; Rom. 2:6; e Apoc. 20:12 é suficiente para nos mostrar o método divino de castigar.

Referências:

As fontes usadas para este trabalho foram especialmente:

1. *Theological Dictionary of the New Testament* – Kittel.
2. Comentário Adventista.
3. Comentário de la Santa Bíblia de Adam Clarke.
4. Uma Monografia sobre a Palavra Aiônios de Douglas Mariano dos Santos.
5. *The Truth About Seventh Day Adventism* de Valter R. Martin.
6. *Word studies in the New Testament* – Vincent.
7. *New Testament Words* – William Barclay.
8. Novo Comentário da Bíblia – Edições Vida Nova.
9. *An Expository of the New Testament*. W. E. Vine.
10. Notas e Comentários à Harmonia dos Evangelhos – Egídio Gióia.
11. *Questions on Doctrine* – Review and Herald.
12. Alguns livros do Espírito de Profecia.

A GLÓRIA DE DEUS

INTRODUÇÃO

Dentre as palavras gregas que tenho estudado, nenhuma me impressionou mais, pela pujança de seus múltiplos significados do que o termo **doxa**.

Para um estudo razoavelmente completo do abarcante significado do vocábulo necessitaríamos de uma monografia de mais ou menos 100 páginas. Diante desta realidade, a nossa pesquisa se limitará a apresentar brevemente o significado grego da palavra, seu uso na literatura não bíblica, sua mudança de sentido (semântica) quando usada na Septuaginta e algo do seu uso pelos escritores neotestamentários.

Se quisermos compreender melhor o assunto, tenhamos em mente, que é o termo bíblico mais abarcante para expressar todo o conjunto dos atributos divinos revelados no Universo, através do seu poder Criador, Mantenedor e Redentor.

Transcreverei o que apresentei para os alunos de Exegese Grega, comentando S. João 1:14, sem poder precisar a fonte ou fontes de onde os dados foram extraídos:

É uma palavra difícil de ser traduzida, porque significa o caráter de Deus. Esta palavra é constantemente usada ou para designar todos os atributos da divindade, ou indicar alguns destes atributos. Assim sua glória pode designar o brilho do infinito amor que habita em Cristo, espalhando, em palavras e ações a divindade de sua graça, sua misericórdia, sua compaixão, a divina amplidão de sua sabedoria e conhecimento, ou ainda a inteireza de seu poder em todos os seus milagres e realizações. Graça e verdade são aqui apresentadas (João 1:14) como atributos da glória.

DOXA NA LITERATURA PROFANA

Em Homero (século IX ou VIII AC.) a palavra é usada em ligação com o verbo δοκεω - dokeo, isto é, "o que alguém pensa", "opinião", "estimação".

De acordo com Kittel, *Theological Dictionary of the New Testament*, Vol. II, p. 235, citando A. Deissmann, a palavra **doxa** usada no grego como um nome para mulheres e navios. Para nós não nenhuma novidade nesta declaração, desde que em português o nome glória é muito usado como um nome próprio feminino. Ele prossegue declarando que o significado de **doxa** era luz, radiação, significado este também encontrado na Septuaginta e em O Novo Testamento.

DOXA NA SEPTUAGINTA

A palavra hebraica mais comumente traduzida para **doxa** na Septuaginta é " קָדָשׁ ", ou mais precisamente ela a emprega 177 vezes. Convém porém ressaltar, que na LXX a palavra **doxa** é usada para traduzir vários termos hebraicos, desde que ela é empregada 280 vezes pelos tradutores do hebraico do Velho Testamento para o grego.

Os estudiosos, com finalidade didática, nos apresentam três classes de palavras onde glória é usada:

1ª) A glória humana

Neste caso significaria importância, influência, consideração às coisas pertencentes aos homens, que possuem glória. Estes significados são confirmados com as passagens de Êxodo 28:2; Isa. 60:13 e Dan. 11:20.

2ª) A glória divina

Nesta acepção é usada com preeminência nos livros de salmos, Isaías e Ezequiel, relatando os atos de Deus. Dentre tantos exemplos podemos citar: Êxodo 16:7; 40:34; Sal. 19:1; 24:7, 10; Isa. 5:14; 24:4; 40:5; Ezeq. 3:12; 8:4; 11:22 e 23.

3ª) A glória escatológica

Como o termo indica esta glória se refere à segunda vinda do Messias. Há referências a esta glória em Isa. 35:2; 60:13 e 66:11.

DOXA EM O NOVO TESTAMENTO

De todos os Comentários e Dicionários do Novo Testamento nenhum estuda esta palavra com mais profundidade do que Kittel. De tudo o que ele nos diz no II Volume, páginas 237 a 255 destacam-se os seguintes conceitos:

Se na Septuaginta **doxa** é usada como tradução de várias palavras hebraicas, em o Novo Testamento ela é aplicada especialmente a Cristo.

Na Bíblia, o vocábulo deixou totalmente o seu sentido clássico de "opinião", embora o de reputação ou honra seja ainda encontrado. Nos escritores neotestamentários ela é usada para expressar o divino modo de ser, como pode ser visto no relato do nascimento e transfiguração. Luc. 2:9; 9:31.

Doxa é comparada a um diamante com suas múltiplas facetas, que de acordo com o ângulo pelo qual observamos e de conformidade com a luz sobre ele incidida, uma ou mais faces parecem brilhar mais à nossa vista do que as outras. E assim como não podemos ver ao mesmo tempo todas as facetas do diamante, embora todas consistam de um só diamante, assim também não podemos, ver a glória de Deus em todos os seus aspectos, porque o pecado limitou a nossa visão.

A GLÓRIA DE DEUS EM CRISTO

Alguns dos conceitos que se seguem, foram apresentados numa Monografia sobre **doxa** em 1980, pelos estudantes de teologia Alberto Ronald Timm e Abisaí Nunes do Nascimento.

"Desde o pecado de nossos primeiros pais... toda a comunhão entre o Céu e a raça decaída tem sido por meio de Cristo". – *Patriarcas e Profetas*, p. 366.

"Assim a glória de Deus transparecia através do grande EU SOU no VT (Cristo); Ela se manifestou a Moisés na sarça ardente (Êxodo 3:2); apareceu ao povo de Israel no Monte Sinai entre trovões e relâmpagos, quando todo o monte fumegava e tremia grandemente (Êxodo 19:16, 18). Era a glória do Senhor que esteve presente com seu povo na peregrinação pelo deserto, na coluna de nuvem, durante o dia e na coluna de fogo, durante a noite (Êxodo 13:21). A glória divina estava no , sobre o propiciatório da arca, que era a presença visível de Deus; e se manifestava através de  e  (Êxodo 28: 30). Ao longo do Velho Testamento o fogo sempre foi símbolo da presença divina, apresentando-se, muitas vezes, como consumidor dos sacrifícios. Mas a suprema revelação da glória de Deus foi a encarnação do seu Filho, na 'plenitude do tempo' (Gálatas 4: 4). 'Cristo, o grande centro de onde toda a glória irradia (M.D.C, p. 89).

"O Novo Testamento dá um passo decisivo ao usar a palavra  com relação a Cristo, que era usada no Velho Testamento em relação a . O emprego deste termo em relação a Cristo, denota o íntimo relacionamento de Deus e Cristo, confirmando mais uma vez a divindade de nosso Salvador.

"Como bem asseverou J. D. Douglas: 'Em certas porções do NT, o termo **doxa** se refere à honra humana (Mat. 4:8; 6:29), porém seu emprego principal é ser usado na descrição da revelação do caráter e da presença de Deus na Pessoa e na obra de Jesus Cristo. Este é o resplendor da glória divina (Heb. 1:3)".

O comentarista M. E. Vine expressa a mesma idéia anterior através: das seguintes palavras: "**Doxa** é usada para a natureza e atos de Deus na manifestação de Si próprio, isto é, o que Ele essencialmente é e faz como manifestado em qualquer de seus aspectos, mas particularmente na Pessoa de Cristo, em quem essencialmente sua glória sempre brilhou e sempre o fará (S. João 17:5, 24; Heb. 1:3)".

A glória de Deus foi contemplada pelos pastores por ocasião do nascimento de Cristo (Luc. 2:9, 14). Esta mesma glória se manifestou em dois aspectos relevantes da vida terrestre de Cristo, isto é, por ocasião do Seu batismo e da transfiguração, como nos atestam Mat. 3:16-17; Luc. 9:28-31.

No VT, "glória" é a tradução mais freqüente do hebraico KABÔD, um substantivo que se aproxima muito em significado da palavra inglesa "glory". Em sua aplicação primária o termo hebraico denota "estima", "honra", "admiração", um significado que é refletido em 29 passagens onde a palavra é simplesmente traduzida por "honour" na KJV (Núm. 24:11; I Reis 3:13, etc.). Com este significado "glória" aparece em alguns contextos que falam da honra e majestade que estão ligadas com elevada posição ou realza (Gên. 45:13; Est. 1:4, RSV; Isa. 8:7; etc.), ou a honra que resulta da riqueza (Est. 5:11). Em passagens que envolvem louvor oferecido ao Senhor, o termo "glória" pode se referir à honra e estima que seus adoradores Lhe atribuem (I Crôn. 16:28, 29; Sal. 29:1, 2; etc.), Como sua correlativa inglesa, & occasionally designates those attributes or characteristics that produce esteem or admiration. Por exemplo, quando Moisés pediu para ver a glória de Deus (Êxodo 33:18), a resposta do Senhor indicou que Ele considerava as virtudes

e graças do seu caráter como sua "glória" especial (caps. 33:19; 34:6, 7). O termo é também usado com referência à riqueza e propriedade pessoal (Gên. 31:1; RSV "wealth") bem como à honra ou glória que resulta de tal riqueza. Em adição a estes usos, o hebraico  também aparece em contextos que se referem ao deslumbrante brilho e luz que acompanham a presença de Deus (Êxodo 24:16, 17; Ezeq. 10:4; etc.).

Uma série de outras palavras hebraicas tem sido também traduzida esporadicamente por "glória". Entre estas as seguintes são as mais freqüentes: , , , , , , , , , , , , , , , , , , , , , , , , , , , , .

(1) , um sinônimo próximo de . A ênfase principal deste termo está sobre "honra" e "estima". Na KJV ele é traduzido por "glória" 7 vezes (Sal. 90:16; Isa. 2:10, 19, 21; etc.), por "honra" 5 vezes (Sal. 8:5; 145:5; etc.), por "majestade" 7 vezes (Sal. 29:4; 45:3, 4; etc.), e ocasionalmente "beleza" (Jó 40:10; RSV "splendor"; Prov. 20:29), "excelência" (Isa. 35:2; RSV "Majesty"), "formosura" (Isa. 53:2), etc.

(2) , outro sinônimo do hebraico , geralmente denotando "esplendor", "majestade". Na KJV ele é traduzido por "glória" 9 vezes (I Crôn. 16:27; RSV "honra"; Jó 39:20; Sal. 45:3; Zac. 6:13; RSV "royal honor"; etc.), "honra" 6 vezes (Sal. 21:5; 104:1; Dan. 11:21; etc.), "formosura" uma vez (Dan. 10:8); "beleza" uma vez (Osé. 14:6); etc.

(3) , um termo que geralmente enfatiza uma glória e honra que excita admiração ou orgulho (Osé. 13:19; Ezeq. 20:6, 16; 25:9; etc.).

(4) , "honra" que freqüentemente enfatiza aquilo que é belo; contudo, o termo com freqüência se refere meramente àquilo que é especialmente apreciado. Ele é traduzido por "glória" 22 vezes na KJV (I Crôn. 22:5; Prov. 16:31; 17:6; 19:11; 20:29; Isa. 60:7; etc.), 16 vezes por "beleza" ou "belo" (Êxodo 28:2, 40; Isa. 52:1; 64:11; etc.), e ocasionalmente "bom", "excelente" e "formoso".

No NT, a palavra grega usual para "glória" é **doxa**. Em muitas de suas ocorrências **doxa** é paralela ao hebraico  em significado; mas enquanto o termo no VT usualmente dá ênfase à "honra" e idéias relacionadas, o termo **doxa** do NT. está freqüentemente ligado com "brilho" tal como o esplendor ou radiância que emana de uma luz brilhante (I Cor. 15:41), o esplendor que irradia da presença de um ser celestial (Luc. 9:32; Atos 22:11; RSV "brightness"; Apoc. 21:23; etc.), ou a radiância que circunda alguém que esteve na presença de Deus (Luc. 9:31; II Cor. 3:7; etc.). É semelhantemente usado para o esplendor de nossa vida futura e lar celestial (Rom. 8:18; II Cor. 4:17; II Tim. 2:10; etc.) bem como para a glória de nossos corpos ressurretos (I Cor. 15:43). Contudo, em muitos contextos o pensamento da Palavra é abstrato e envolve conceitos tais como "fama", "renome" e "honra" (João 7:18; 8:50; comparar com João 5:41, 44; II Cor. 6:8, onde a KJV traduz **doxa** por "honra"). Por causa deste significado **doxa** freqüentemente ocorre em várias expressões de louvor a Deus, em que homens e anjos atribuem honra e adoração ao Senhor (Luc. 2:14; Rom. 11:36; etc.; comparar com a ordem de Apoc. 14:7 de "dar glória" a Deus). Em ainda outro sentido, embora obviamente relacionado, a palavra é

encontrada em outros contextos com o significado de "magnificência" ou "grandeza" (Mat. 4:8; Luc. 12:27; etc.).